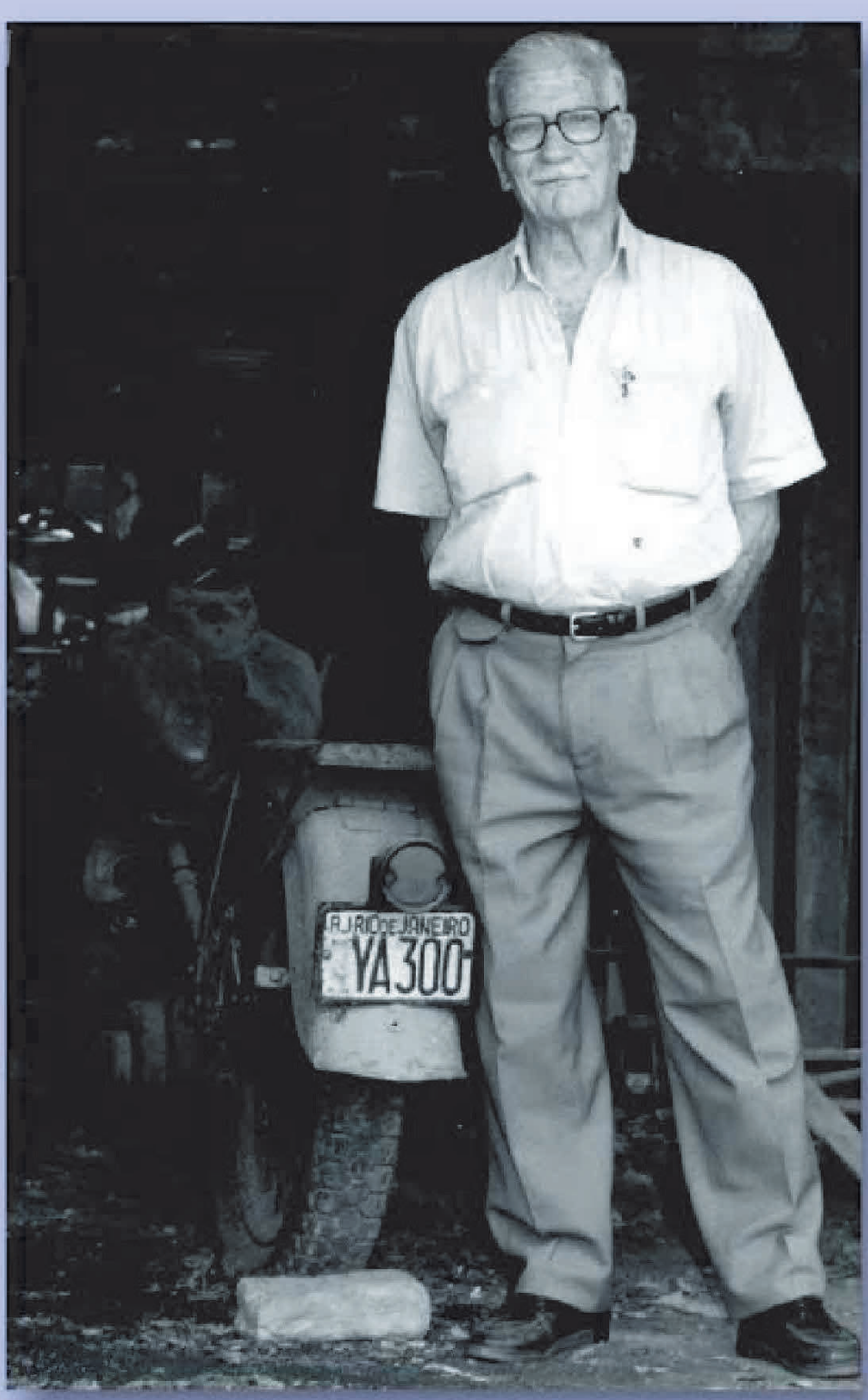
Os meus 40 anos de Observatório Nacional



Odílio Ferreira Brandão

OS MEUS 40 ANOS

DE

OBSERVATÓRIO NACIONAL

Odílio Ferreira Brandão

MUSEU DE
ASTRONOMIA
E CIÊNCIAS AFINS

© Museu de Astronomia e Ciências Afins – 2017

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Michel Temer

MINISTRO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES – MCTIC
Gilberto Kassab

DIRETORA DO MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS – MAST
Heloísa Maria Bertol Domingues

COORDENADOR DO DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA – CMU
Marcus Granato

Capa
Márcia Cristina Alves
Editoração
Luci Meri Guimarães da Silva
Fotografia da Capa
Durval de Souza Reis
Digitação
Cristina Marella
Organização da edição digital
Cláudia Penha dos Santos, Lúcia Alves Lino e Marcia Cristina Alves

Ficha Catalográfica preparada pela Coordenação de Arquivo e Documentação do MAST

BRANDÃO, Odílio Ferreira
B817 Os meus 44 anos de Observatório Nacional/Odílio Ferreira Brandão – Rio de Janeiro : MAST, 199 174 p.

1. ODÍLIO FERREIRA BRANDÃO – BIOGRAFIA 2. OBSERVATÓRIO NACIONAL 1. Título

CDU929

SUMÁRIO

Apresentação..... 03
Por favor..... 07
1º parte..... 09
1937..... 15
1938..... 15
1941..... 17
1943..... 18
1944..... 18
1945..... 19
1946..... 20
1947..... 21
1948..... 22
1949..... 22
1950..... 22
1951..... 23
1952..... 24
1953..... 25
1954..... 26
1955..... 27
1956..... 27
1957..... 28
1958..... 29
1959..... 32
1960..... 33
1961..... 34
1962..... 35
1963..... 40
1964..... 41
1965..... 42
1966..... 44
1967..... 44
1968..... 45
1969..... 46
1970..... 47
1971..... 48
1972-1980..... 49
2º parte..... 53
Como ingressei no ON..... 53
Como encontrei o ON..... 53
Primeiro Diretor do meu tempo..... 54
A Reforma Administrativa..... 57
O DASP – Depto Administrativo do Serviço Público. 58

A oficina do CNPq. 102
Eclipse de Bagé 103
Barracas para o serviço de magnetismo e gravimetria 107
O terceiro diretor que conheci no meu tempo 107
O telescópio que foi para Minas 108
SNI em ação 108
Foto-equatorial 110
O torrno mecânico Mitto 111
Placas comemorativas da inauguração do ON 113
Recuperação da rede elétrica da Gal Argolo 114
Observatório de Brasópolis 114
Outra Torre para a antena 116
Material para as viaturas. 117
Construção de duas residências 118
Furgão doado pela Receita Federal 118
Mastro da antiga torre da meteorologia 119
Autonomia administrativa. 120
Cúpula e telescópio de Brasópolis. 121
Os telefones internos Ericson 123
Transferência para o CNPq 124
Poste ao lado dos pavilhões das meridianas 126
Admissão de profissionais 127
Afinal, o contrato 128
Minha despedida 130
A briga na justiça 131
A estratégia de outro gerente 134
Como eram as oficinas 135
Como estão as oficinas 137
3ºparte **143**
Episódios: Uns pitorescos, alguns trágicos e outros ridículos 143
4ºparte **153**
Uma nova história 153
5ºparte **161**
Porque tudo esta voltando a funcionar? 161
6ºparte **163**
Alerta ao MAST 163
7º parte **167**
Uma lembrança ao ON 167
8º parte **169**
Obras realizadas por meu pai no ON 169
9º parte **171**
O último episódio 171
10º parte **173**
Fechando o livro 173

Odílio Ferreira Brandão, (1913-2004) nasceu no Rio de Janeiro, filho de Joaquim Ferreira Brandão que trabalhou no Imperial Observatório no Morro do Castelo e na construção do prédio e cúpulas do Observatório Nacional situado no bairro de São Cristovão também no Rio de Janeiro

O Sr. Odílio entrou para o Observatório em 1935 aos 21 anos de idade e se aposentou em 1976. Mas, continuou a trabalhar para o observatório, através de serviços prestados, até 1980.

Posteriormente em 1992, começou realizar consultoria voluntária para o Museu de Astronomia e Ciências Afins objetivando a preservação (registro e conservação), dos instrumentos sob a guarda do Museu.

Em sua homenagem, foi inaugurada a Sala Odílio Ferreira Brandão, que esta localizada no primeiro andar do prédio sede desta instituição.

O livro impresso lançado em 1999, encontra-se esgotado e sendo relançado em edição digital.

Instituída a Medalha CNPq de Honra ao Mérito, com o objetivo de homenagear pesquisadores e funcionários que completaram 25 anos de serviços à Instituição, bem como prestar um reconhecimento público aos servidores que se destacaram, por sua dedicação funcional. Concedida pela primeira vez em 1994, contemplou os seguintes funcionários: Rosário de Fátima Holanda Sales; Sebastião Milton Monteiro; Ilário Serafini; Neusa Amato; Geraldo Sorte; Odílio Ferreira Brandão e Ademar Pereira de Macedo.

Disponível em: http://centrodememoria.cnpq.br/realiz94.html. Acessado em 3 de abril de 2017.



Il.1: Recebimento da Medalha de Honra ao Mérito entregue por Lindolfo de Carvalho Dias - presidente do CNPq 1993-1995) a Odílio Ferreira Brandão (sexto da esquerda para direita) e outros. Brasília de 15 de dezembro de 1994.

APRESENTAÇÃO

Quando preparávamos a exposição do MAST deparamo-nos com alguns problemas de restauração do mobiliário. Móveis antigos e com muito uso precisavam de algum trato e não teríamos como fazer pois as madeiras usadas não seriam disponíveis. Seu Odílio foi objetivo:

- Não há problema. Guardei amostras quando da construção do prédio.

Não era possível acreditar, mas, em sua casa de madeira, construída por ele próprio no campus do Observatório Nacional, não só encontramos as amostras desejadas e devidamente catalogadas como um verdadeiro museu com as ferramentas adquiridas por ele para dar suporte aos trabalhos de manutenção dos equipamentos quando ele ainda era um servidor na ativa. Logo na entrada, devidamente protegida por uma lona, uma motocicleta dos anos quarenta, uma Harley-Davidson com side-car, está estacionada:

- Ela está perfeita. Só falta uma regulagem no carburador. Não faço isso pois não pretendo usá-la mais, afirma Seu Odílio.

Na sala e nas demais dependências de sua residência vemos as ferramentas cuidadosamente arrumadas e impecavelmente mantidas: torno de precisão, toda a sorte de chaves de fenda, alicates, chaves de rosca e o que mais se pensar permitem que ele faça peças para recuperar o funcionamento de instrumentos, muitos deles parados há mais de cem anos. Foi ele que, identificando pequenas partes das pêndulas de precisão utilizadas pelo Observatório Nacional no início do século para a medida do padrão horário nacional, colocou-as em funcionamento, dando-lhes nova vida.

A contribuição de Seu Odílio é indescritível. Ela permite entendermos o instrumento não pelo seu valor estético ou histórico mas pela funcionalidade, atributo inerente ao próprio instrumento, razão de ser de sua fabricação. Sem a compreensão do funcionamento, sem a visualização do aparelho em

funcionamento, seria impossível entendermos como a noção de precisão alterou-se tão intensamente no nosso século.

Seu trabalho de mais de sessenta anos sobre um acervo tão rico está presente o tempo todo. É ele que permite-nos dizer como um determinado instrumento funcionava e, muitas vezes, possibilita identificar partes isoladas e recompor um velho aparelho. Seu Odílio tem uma vida dedicada a essas peças que já foram a alma dos trabalhos de pesquisa, passaram a ser consideradas obsoletas e foram severamente sucateadas, e hoje, em seu novo espaço, ganham um novo significado: são referências autênticas do passado.

Seu Odílio as vê com um respeito digno de um amante. Respeita-as e mantém uma relação de quase adoração ao revivê-las. Fica bastante revoltado quando, ao desmontar uma delas, percebe que alguém, por desinformação, falta de ferramentas apropriadas ou desleixo, causou algum dano:

- Está vendo? É isso que acontece quando a pessoa não sabe fazer o serviço. Esta marca vai ficar aí para sempre.

O armário, em sua casa, tem tudo o que é necessário para se trabalhar com esses instrumentos que hoje estão expostos no MAST. Mas além de ferramentas e habilidade Seu Odílio guarda dois outros tesouros. O seu caderno com anotações de época não lhe permite enganos: está tudo anotado, dia a dia, detalhe por detalhe. O segundo tesouro, seu maior trunfo, é sua prodigiosa e precisa memória. Nada se perdeu. Lembra-se, com precisão, de cada detalhe. Pode falar-nos sobre a cor das edificações, a época das intervenções, o tempo em que o bonde passava pelo Campo de São Cristóvão ou sobre os movimentos políticos pelos quais o país passou. Para tudo tem uma opinião, tão intensa quanto a sua personalidade. Em nossas conversas Seu Odílio deixa clara a sua posição diante da vida:

- Tenho muitas mágoas. Eu as ponho para fora mas continuo com elas.

Hoje, com mais de oitenta anos, pessoa ativa, ágil em seu pensamento, rápido e generoso em seus gestos, ele conta a história de sua vida deixando transparecer todos os ressentimentos vividos. Quando a equipe do MAST incentivou-o a escrever o presente livro Seu Odílio não deixou por menos:

-Vocês não vão ter coragem de publicá-lo...

Diante desse quadro não poderíamos esperar um livro que trouxesse um relato imparcial dos fatos. Seu Odílio não fez e nem se propôs a fazer a história de uma instituição de grande importância no cenário nacional. Ele conta uma versão pessoal dos fatos, cheia de malícias e de críticas, mas mantém uma regra de ouro:

- Não citei ninguém pelo nome. Conto o que eu vivi e como eu vivi. Quem quiser que conte outra história. A minha é baseada naquilo que eu pude presenciar. Nunca fui chegado aos manda-chuvas, mas conheci todos eles. Eu sei que o que eu sei é verdade pois eu anotei tudo com muito cuidado.

Sempre presente no museu Seu Odílio tem permitido se desenvolver um trabalho da maior importância: suas informações precisas e seu conhecimento dos instrumentos tornam possível a recuperação de preciosidades que, caso contrário, poderiam se perder. Nos encontramos com freqüência:

- Seu Odílio, com está?

- Tudo bem,... por enquanto.

Rio de Janeiro, fevereiro de 1999.

Henrique Lins de Barros



Il.:2 Odílio Ferreira Brandão em sua casa, situada no Campus do Observatório Nacional e Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST. São CristOvão, Rio de Janeiro. Acervo MAST/ COMUS/NUDCAM

POR FAVOR

É muito necessário que esta página seja lida antes de tudo.

Peço a todos que, porventura, se dispuserem a ler estas páginas, nas quais estão transcritos os quarenta anos de minha atividade no ON do MEC e mais os quatro infelizes no ON do CNPq, que não levem em consideração os erros e rasuras, bem como a falta de concordância e o desacerto de acentuação, estando a mesma onde não deveria estar ou não estando onde deveria, pois estou muito desatualizado, além de estar fora da escola há sessenta anos. Quero, aqui, deixar transcrito que nunca tive a intenção de escrever nada sobre nada. Escrever não é minha vocação. Decidi fazer esta transcrição por duas razões. A primeira porque algumas pessoas insistiram para que eu escrevesse sobre todos os conhecimentos que adquiri durante o tempo em que permaneci no ON. Respondia a essas pessoas que não faria isso por não gostar de escrever e, também, por não querer melindrar ninguém, pois só escreveria mostrando as verdades, boas ou ruins, pondo para fora todas as mágoas ocultas no meu íntimo. A segunda razão é a mais forte: trata-se de eu ter ficado com um espaço vago no meu tempo. Esse espaço era, anteriormente, ocupado com leitura sobre religião, mas os livros sobre o assunto se esgotaram e eu não encontrei o que procurava. Não me sentindo bem sem fazer nada, nem tão pouco ter de dormir cedo, foi que isso aconteceu. Se alguém perceber que estou atingindo pessoas já falecidas e julgar ser isso uma covardia, como é de praxe, respondo que também foi covardia se aproveitarem dos seus poderes para fazer o que fizeram comigo. Porém, a maioria ainda anda nesse mundo. E afirmo: inimigo eu não perdôo nem morto.

1ª PARTE

Meu ingresso no ON foi uma conseqüência do grande prestígio que meu pai, Joaquim Ferreira Brandão, tinha no meio dos funcionários, em geral, do ON. Foi ele um modesto construtor, sobretudo honesto, que possuiu uma oficina de carpintaria, em São Cristóvão, onde produzia esquadrias, móveis, postos meteorológicos e também construía tanto para fins privados como públicos. Prestou vários serviços ao ON desde o tempo do Castelo, bem como para a meteorologia, sendo um dos mais importantes a construção do Observatório de Vassouras, cujos pavilhões dos instrumentos foram levantados em 1913, ficando como escritório a velha casa original da fazenda ou sítio.

Em 1927, devido ao mau estado da mesma, voltou para lá construir uma nova. Tudo lá está até hoje. Tinha ele grandes amigos no ON, como o Dr. Morize, diretor, e vários astrônomos, como Dr. Alix Lemos, Dr. Gualter de Macedo Soares, Dr. Auto Barata Fortes, Comandante Domingos Costa, Dr. Mario Souza, autor do projeto do prédio e da balaustrada de madeira da Gauthier, que foi executada na oficina do meu pai. Tinha ainda o Dr. Sampaio Ferraz, grande meteorologista e Diretor da Meteorologia e Dr. Francisco Souza, irmão do Dr. Mario Souza e vice-diretor da Meteorologia. Além desses, do alto-escalão, tinha o pessoal da oficina, portaria e jardinagem, que faziam parte de suas amizades. Talvez houvesse outros, mas só conheci esses.

Em vista de tudo isso, quando casualmente fiz uma visita ao ON sem objetivo de procurar emprego, deparei-me com alguém que convidou-me a ingressar no mesmo. Causou-me espanto, pois eu conhecia o funcionário que ocupava o lugar para o qual eu estava sendo convidado. Explicaram-me, então, que o mesmo tinha se aposentado. Eu sabia muito bem que ser funcionário era uma grande moleza, mas eu estava satisfeito com os patrões que tinha, como eles também estavam satisfeitos comigo. Perguntei, então, quanto pagavam e, diante da resposta, não pude recusar em

nenhuma circunstância, passando, então, desde 1o de janeiro de 1935, a fazer parte do rol dos bem-aventurados funcionários públicos, contra a vontade de meu pai, largando de vez, no mesmo ano em que me formei, a profissão de contador, que o mesmo havia escolhido para mim.

Comecei meu trabalho com imensa satisfação, apesar de ser sob um sol escaldante, pois se tratava de janeiro. Dei início na transformação de uma pequena construção existente na parte externa da casa da Rua General José Cristino, que foi residência de diretores. Esta construção está localizada um tanto afastada do ângulo formado pela fachada dos fundos com o oitão do lado esquerdo da referida casa. A construção que foi transformada compunha-se de dois cômodos, sendo um servindo de quarto para empregada e o outro como quarto para o motorista particular do diretor da época. Por vontade do diretor, estes dois cômodos foram transformados em uma garagem para o carro do mesmo, que era um Ford conhecido como cristaleira. Esta transformação consistiu numa reforma geral, incluindo a demolição de uma parede divisória entre os dois quartos, substituição de todo o madeiramento do telhado e forro, que estavam completamente contaminados de cupim. Foi também feito rebaixamento do piso que era elevado acima do nível normal, alargamento da porta original para a largura permissível para a passagem do carro, e sobre a qual foi feito um alpendre. Também foi substituída toda a instalação elétrica. Foi feita pintura geral e todo o acabamento necessário. Todo esse serviço foi o meu primeiro trabalho no ON e foi realizado com auxílio de um jardineiro português, naturalizado brasileiro, que era um dos amigos de meu pai e foi a pessoa que me perguntou se eu queria ingressar no ON.

Esse trabalho me serviu para provar a minha capacidade, permitindo-me a permanência no emprego, pois nele foram comprovados todos os meus conhecimentos em termos de construção. Esta construção quase esteve por ser demolida pela gerência administrativa na passagem do ON do MEC para o

CNPq. Queriam fazer como os bajuladores de um rei na Alemanha, no tempo da Idade Média, fizeram. O rei possuia uma residência de veraneio na zona rural, na frente da qual existia um moinho de um camponês. Os bajuladores meteram na cabeça do rei que ele deveria mandar demolir o moinho, porque estava enfeiando a residência real. O rei cedeu à idéia e passou a ordem, porém o camponês se opôs. Pergunta-lhe o rei: "Como te atreves a desobedecer teu rei." Responde o camponês: "Porque ainda há juízes em Berlim." Um funcionário antigo do ON tentou pela segunda vez colocar um dos filhos no ON e, segundo eu soube pelo meu chefe, foi ao diretor lembrar-lhe que eu não havia feito concurso para tal cargo. Sua ignorância era tal, que não lhe ocorreu que o trabalho que eu estava desempenhando era uma demonstração prática de minha capacidade e não poderia ser demonstrada de forma teórica. Em vista disso, o diretor chamou meu chefe, passando para o conhecimento do mesmo a reclamação do referido funcionário, ao que meu chefe lhe respondeu se ele queria melhor concurso do que aquele que eu estava apresentando. O diretor respondeu: "É verdade." O diretor vinha assistindo ao desenvolvimento do trabalho mesmo não estando ocupando sua residência oficial, porque se achava em sua residência de Petrópolis, passando o verão. Vinha todos os dias à repartição e, na volta a Petrópolis, sempre passava pela sua residência oficial. O filho deste funcionário já havia disputado uma vaga de servente com o filho de outro funcionário. O diretor havia submetido os dois a um teste e o mesmo perdeu a oportunidade para o outro. Devo registrar que, pelo que eu sei, este era o único inimigo que meu pai tinha no ON.

As peças de ferro fundido que se acham fixadas à frente da fachada do edifício e têm o formato de tochas, foram ali colocadas em substituição aos suspensores originais dos globos de iluminação, em razão de que tais globos eram pingentes e, em conseqüência, os fios partiam com muita freqüência em razão da oscilação causada pelo vento. Essas peças foram por mim colocadas no lugar onde se acham não porque tal trabalho fosse

de minha obrigação, mas, sim, porque não pude escapar de uma conversa mole do meu chefe, que não conseguiu fazer o funcionário que tinha tal obrigação fazer o serviço. Meu chefe veio para o meu lado usando o tradicional tapinha nas costas e acrescentando:

– Você é um rapaz inteligente, vai mostrar ao fulano não ser preciso andaime para fazer tal serviço.

Não pude recusar dada a minha condição de funcionário com pouco tempo de serviço e pelo fato de ter que ser explorado por ser filho do amigo do meu chefe. Assim, assentei tais peças somente com o auxílio de uma escada. Como consegui? Eu sei. A necessidade do andaime foi o argumento apresentado pelo meu colega mais antigo, que também era amigo de meu pai, para não fazer o serviço. As peças originais, que foram retiradas, eram uma obra de arte e pena foi que as mesmas foram parar no arsenal de marinha, como sucata doada para esforço de guerra.

O pavilhão que fica do lado esquerdo de quem sai do edifício pela ponte, que liga o mesmo ao campus, foi originalmente construído para abrigo de instrumentos meteorológicos vinculados à observação de eletricidade atmosférica. Com a separação da meteorologia da astronomia, o pavilhão passou a ser ocupado por um transmissor e receptor de radiotelegrafia.

Na década de 30, foi montado na oficina do ON um novo transmissor de sinais horários mais potente, para substituir o anterior que se achava localizado na ante-sala da cúpula de equatorial 21, cujo móvel em que o mesmo se achava montado era de madeira, em feitio de um armário envidraçado, e que havia sido construído na oficina de meu pai. O lugar escolhido para abrigo desse novo transmissor foi exatamente este prédio, que era composto de duas salas, sendo uma maior e outra menor. Foi na sala maior que o mesmo foi colocado, porque a menor já se achava ocupada pelo transmissor e receptor de radiotelegrafia. Depois de o mesmo ser colocado é que perceberam que o

madeiramento do telhado estava totalmente contaminado por cupim. Deram-me, então, a tarefa de recuperação, exigindo que tal recuperação fosse feita no mais curto espaço de tempo possível, para que fosse diminuída a possibilidade de cair chuva sobre o transmissor. Não era fácil tal tarefa que, sobre a mesma, só me exigiram o menor tempo de execução, mas sugestões não me apresentaram nenhuma. Diante disso, não tive outra alternativa senão desempenhá-la usando de minhas próprias idéias, planejando como me livraria de tal encargo. Veio à mente nivelar uma área de terreno junto onde foi a carpintaria. Em seguida, subi ao interior do forro, medi peça por peça do madeiramento. Depois disso, relacionei o material para que fosse requisitado e, uma vez chegado, comecei a prepará-lo, montando o mesmo na área nivelada, até que toda estrutura ficou armada. Em seguida, passei a numerar todas as peças e depois tudo foi desmontado. Pedi, então, um ajudante para dar início à demolição do madeiramento contaminado, a fim de que o novo ocupasse seu lugar. Antes, porém, levei uma descompostura do meu chefe por não ter principiado o trabalho no dia marcado, o que foi ocasionado pelo não comparecimento do ajudante, que gostava mais de ficar em casa. Tentei explicar esse fato ao meu chefe, mas o mesmo não me deu chance. Tomou conhecimento da realidade por seu irmão, que também era funcionário da oficina, e, no dia seguinte, dirigiu-se a mim para saber por que não me justifiquei. Respondi-lhe:

– Porque o senhor não me deu chance.

A parte interessante desta obra está ligada ao fato de que os funcionários moradores no recinto da repartição, a maioria cozinhava com lenha, era, então, esperada uma disputa pela madeira contaminada que ia ser retirada, a qual seria ainda mais acirrada por existirem hostilidades entre algumas partes disputantes. Diante do que provavelmente iria acontecer, o diretor determinou que ninguém tocasse na madeira, para que, no final, fosse a mesma distribuída igualmente. Aconteceu que um

dos funcionários, que era jardineiro, espontaneamente, começou a carregar a lenha sem nenhuma autorização. Eu tinha ciência da ordem do diretor, mas não tinha autoridade para chamar a atenção de ninguém. Só me restou a alternativa de comunicar ao meu chefe, que levou ao conhecimento do diretor, ordenando o mesmo que o tal funcionário devolvesse tudo ao mesmo lugar. Este diretor, para mim, de todos os que conheci no ON, foi o que melhor administrou, dispensando até os serviços da administração. Era justiceiro e não se deixava levar por bajuladores. Ele também pôs fim na briga das mangas, que, na época das mesmas, havia uma tremenda disputa, querendo cada qual levar mais, chegando ao ponto de haver funcionários que vinham colhê-las de madrugada, saindo com aqueles sacos de sessenta quilos cheios delas. Certa ocasião, a esposa do diretor que freqüentava a feira, que ainda hoje existe na Rua General Bruce, ouviu um feirante apregoar: "Olhem as mangas, são do Observatório." A marca do Observatório era uma propaganda altamente positiva, pois suas mangas tinham fama de deliciosas. Em vista disso, o diretor baixou uma ordem proibindo aos funcionários colherem mangas, determinando ao chefe do pessoal da limpeza e jardinagem que procedesse com sua equipe, no tempo certo, a colheita das mesmas, para no final serem contadas e divididas em partes iguais entre os funcionários.

Muitas vezes caminhei sobre a platibanda em redor do torreão do prédio, a fim de fixar telhas de asberit que se soltavam em conseqüência do apodrecimento da madeira onde eram fixadas. Fazia isso só até onde as minhas mãos alcançassem, pois a repartição não dispunha de gente para auxiliar, tampouco de equipamento para se ir mais alto. Esse trabalho eu fazia em cumprimento às ordens de meu chefe. Numa das vezes que me transmitiu uma ordem dessas, eu não a executei, porque, como sempre, eu ia verificar em que altura se achava o trabalho, chegando à conclusão de não poder cumpri-la por estar além do alcance das minhas mãos. Fui a ele e lhe disse ser impossível, expondo-lhes os motivos. Respondeu-me que logo tinha visto

que eu era carioca. O que queria dizer que eu era um medroso, o que só poderia ser por brincadeira, porque ele também era carioca. Disse-me ainda que a ordem tinha vindo do diretor. Fui à presença do diretor, lhe expliquei a situação e o mesmo respondeu-me não ter dado tal ordem. O que havia dito ao meu chefe foi para que ele providenciasse alguém de fora para fazer o serviço. Mas meu chefe lhe disse que eu fazia. Faria sim, como fiz muitas vezes, mas, como já disse, só onde minhas mãos alcançassem, estando eu com os pés sobre a platibanda.

Era hábito me mandarem fazer serviços perigosos e sem a ajuda de ninguém. Quando assumi a Chefia da Oficina, nunca fiz isso com o pessoal que trabalhava comigo, e a prova está nas instruções que passei ao Carlinhos para essas situações.

1937

Neste ano, construí numa das casas de madeira, no recinto residencial da ladeira, um puxado com dois cômodos.

Neste mesmo ano, e no mesmo recinto residencial, com autorização do diretor, construí a residência de madeira onde moro desde aquele ano até o presente, tendo sido antes em companhia de minha esposa, até seu falecimento. Nessa residência, apesar de ser de madeira, sempre tive o conforto de outra qualquer residência. Nela nasceu o meu filho, que a adora. Foi totalmente construída por mim, somente com a ajuda de minha esposa. A pessoa que prometeu ajudar, para me segurar para construir na residência dele o puxado aqui referido, depois que se apanhou servido, nem apareceu.

1938

No mesmo recinto residencial da ladeira foram construídas, neste ano, três casas para residência de funcionários, que, hoje, ainda existem, contrariando a vontade da nova administração do ON sob o CNPq. Fui incumbido pelo diretor para determinar o

alinhamento das mesmas, obedecendo o antigo alinhamento da ladeira da Gusmão. Depois de concluídas, fui também incumbido de demarcar os quintais e fazer as cercas e divisórias com arame farpado, levado a efeito com auxílio de um jardineiro.

Neste mesmo ano, foram também elevados os muros dos dois lances de escadas da General Bruce, que originalmente desciam num só plano inclinado acompanhando numa só altura a inclinação existente. Os portões também foram colocados nessa época. O motivo dessas modificações foram em razão de que as escadas estavam servindo não só de banheiro público, como também para prática de atos indecorosos de toda espécie.

Ainda neste ano, foi construído o prolongamento da escada da General Bruce, ligando o segundo piso ao terceiro piso, incluindo um patamar entre a parte antiga e a nova. O muro que contorna a frente e o oitão esquerdo do prédio também é dessa época e foi construído para evitar a invasão do recinto do ON por gente estranha, bem como de galinhas e outros bichos domésticos de propriedade dos moradores.

Também foi construído um novo pavilhão para o transmissor dos sinais horários. Este prédio, como o primeiro, também possui duas salas, sendo também uma pequena e outra maior. A maior foi ocupada pelo transmissor que saiu do antigo prédio da eletricidade atmosférica e a maior foi ocupada por serviços administrativos.

Em 1945, quando Getúlio teve que deixar de ser ditador e, em conseqüência, os deputados voltaram a ocupar os cargos dos quais foram banidos, teve, então, o prédio da Câmara dos Deputados de ser devolvido aos mesmos, mas lá tinha sido implantado o Departamento de Imprensa e Propaganda - o DIP, famoso rival da Gestapo. Tiveram, então, de procurar um novo lugar para instalação de seu transmissor. Nas buscas, acharam no ON o lugar ideal e, com permissão do diretor, o instalaram na sala menor desse prédio, montando no campus as torres das antenas

que permaneceram até a inauguração de Brasília, quando para lá foram transferidos e dando de presente para o ON o ferro-velho, herança da ditadura.

Continuando, em 1938, foi construído um pavilhão que fica ao lado direito da oficina do ON, cuja finalidade era servir de depósito de material. Essas obras foram as maiores em termos de quantidades construídas no meu tempo, mas também as piores em termos de qualidade. As mesmas foram construídas sob a supervisão da Divisão de Obras do MEC, recém-criada pelo Getúlio, que as criou em todos os Ministérios. Quando foram criadas, quiseram acabar com as oficinas existentes em algumas repartições com o argumento de não serem mais necessárias, porque, dali em diante, qualquer necessidade da repartição era só telefonar que eles atenderiam. Porém, não foi bem assim que aconteceu. Digo isso porque o ON necessitou de algo de urgência e a Divisão de Obras não tinha condição para resolver, e não foi atendido. Bem fez o diretor que não permitiu a retirada das máquinas e a, extinção da oficina do ON. Nessas obras, havia um fiscal da Divisão de Obras, mas soube-se que o mesmo era sobrinho do empreiteiro.

1941

Neste ano, descobri as peças do círculo meridiano de Heyde jogadas fora no porão do pavilhão do círculo meridiano de Gauthier. Recolhi as mesmas para lugar que lhes garantissem melhor proteção. Este instrumento, segundo ouvi falar, teve um pavilhão construído especificamente para ele com pilares adequados e tudo mais. Chegou mesmo a ser montado, mas não chegou a prestar serviço, sob a alegação de ser necessária uma equipe para operar com o mesmo. O que eu sentia era que, independentemente disso, havia uma política que gerava falta de colaboração. Este instrumento, hoje, se acha desfalcado de algumas peças em conseqüência da administração do ON sob o CNPq ter se apoderado do controle da oficina, cuja guarda e

manutenção se achavam os instrumentos mais protegidos e por funcionários que não sabiam o que era um instrumento, para que servia e o grande valor que tinha.

Neste mesmo ano, por iniciativa minha e com a devida autorização do diretor, reduzi em um metro a altura de quatro armários de instrumentos, a fim de facilitar o manejo de suas portas de correr, que eram difíceis de abrir em conseqüência de suas alturas exageradas. Desses armários, ainda restam dois que estão sendo utilizados para o mesmo fim, sendo que os outros dois tomaram rumo ignorado depois da passagem para o CNPq.

Até este ano de 1941, as coberturas das cúpulas das Equatoriais 21 e 32, bem como os pavilhões da Zenithal e Askania, ainda eram protegidas com um material conhecido por rub-oid, que era importado dos Estados Unidos e se tratava de uma espécie de papelão impregnado com betume, o qual era também empregado na cobertura dos abrigos meteorológicos.

Apesar da cisão entre Meteorologia e Astronomia, ainda ficaram muitos instrumentos meteorológicos no ON. Em 1943, chegaram à conclusão de que, não tendo utilidade para o ON, os mesmos deveriam ser devolvidos à Meteorologia, ficando ainda alguns poucos. Participei desse trabalho de separação e arrolamento.

1943

Neste ano, o Departamento de Imprensa e Propaganda instalou um telefone exclusivo para fornecimento direto da hora para o mesmo.

1944

Foram substituídas as telhas de canal, que cobriam o sobrado da antiga residência de diretores, por telhas tipo francês.

Também foi construído um gabinete sanitário sobre uma parte da varanda do pavilhão da hora, o qual não era provido dessa utilidade.

Época da guerra. Foram iniciadas as obras das duas principais oficinas do ON, que eram a mecânica e a carpintaria, pois naquela época não existia a eletrônica. Este prédio foi construído de acordo com uma planta que rascunhei e foi enviada para a Divisão de Obras, onde foi oficializada e aberta concorrência para a construção das mesmas. Foi uma das melhores obras realizadas no ON no meu tempo. Esta firma também substituiu o sistema mecânico de abertura da trapeira da cúpula da equatorial 21, igualando-o ao da cúpula da equatorial 32.

O prédio da oficina foi projetado com uma parede divisória, dividindo-o em duas áreas de espaços iguais, sendo uma para a oficina mecânica e a outra para a carpintaria. Não havia comunicação entre as oficinas por essa parede. No puxado original ficavam um tanque, um sanitário, um chuveiro, um lavatório e o vestiário. A oficina mecânica anterior ocupava três salas no andar térreo do prédio, sendo uma onde se acha, atualmente, o auditório, esta era a seção das máquinas. Em frente, no lado oposto, ficavam as bancadas de montagem, e a terceira era a contígua ao chamado, atualmente, laboratório de astronomia, que servia como depósito de material. A carpintaria ocupava um barracão, que existiu próximo a área de estacionamento do prédio, onde se acham os departamentos científicos do ON, o qual depois de desocupado, passou a ser residência do vigia e de um jardineiro, que antes ocupavam outro barracão, que tinha sido construído na época das obras do ON para guardar material e ferramentas da construção. Esse barracão foi demolido por estar ameaçando desabar. O barracão, que tinha sido carpintaria e passou à residência, com a aposentadoria dos ocupantes, se transformou em depósito de sucata.

1945

Neste ano, foi pedido o calçamento dos caminhos do campus. Estiveram presentes no ON alguns engenheiros da Divisão de Obras do MEC com o fim de fazer o projeto. Um dos engenheiros

queria se opor ao empreendimento, alegando que em uma nação cujos hospitais eram carentes de remédios era absurdo serem gastos 600 contos, dinheiro da época, para fazer tal calçamento. Perguntei-lhe então: "Se não fosse feito o calçamento, teriam os hospitais remédios?" A resposta não veio. Diante disso, e também porque a maioria dos engenheiros era favorável, fez-se o calçamento e em condições bem melhores do que era esperado. Essa obra era de extrema necessidade porque nos períodos de chuva os caminhões que precisavam entregar material tinham grande dificuldade de circulação, e muito mais dificuldade para entrar pelo portão da General Argolo, única entrada naquela época. Essa dificuldade era proveniente do leito dos caminhos ser inteiramente de barro vermelho, derrapante e atolante.

Foram, também, construídos quatro pilares de concreto, sendo dois no interior do prédio, no corredor do andar térreo, e os outros dois, um de cada lado do prédio na parte externa. Tinham fixados sobre os mesmos retângulos de latão com escalas gravadas sobre a superfície superior e serviam para aferição de trenas, cujas fitas eram esticadas por intermédio de moitões, presos pelos seus ganchos aos pequenos postes existentes ao lado dos pilares, que, com o auxílio de uma corda, esticavam as referidas fitas. Entre algumas instituições que utilizavam este serviço, a Marinha era uma delas, pois a vi presente algumas vezes. A montagem de todos os componentes deste serviço era executada pela oficina, bem como a feitura dos mesmos. Minha participação foi na marcação dos furos no piso e fazendo as fôrmas para o concreto, bem como o alinhamento e prumagem das mesmas.

1946

Neste ano, foram transferidas as máquinas da antiga carpintaria para a nova.

Fui, ainda neste ano, incumbido da demolição de quatro ornamentos de alvenaria em forma de jarras de pé que existiam

sobre a platibanda, uma em cada ângulo do encontro das paredes do sobrado da casa que foi residência dos diretores. Isso foi determinado porque tais ornamentos estavam oferecendo risco de desabamento. Foi mais uma incumbência perigosa, como sempre, sem a necessária proteção. Desta, não seria eu só quem estaria correndo risco, mas também o funcionário que foi designado para me ajudar, bem como outras pessoas que se achassem nas imediações. Por essa razão, teriam de ser demolidos em pequenos blocos. Fomos, então, os dois, para cima da platibanda e começamos o trabalho com o máximo cuidado. Mas diz o velho ditado: "O que tem de acontecer acontece." Em um dado momento, nos escapole um razoável bloco e vai cair sobre o telhado do andar térreo, que fica ao lado, justamente sobre onde, embaixo, a esposa do diretor costumava estar sentada numa cadeira de balanço. (Confesso que fiquei gelado!) Felizmente o bloco não chegou embaixo, porque, depois de ter furado o telhado, foi estancado pelo forro por já ter chegado com sua força de queda diminuída, e assim não foi nem percebido o que havia acontecido. O intrigante desse fato é que tinha de acontecer, justamente, naquele ângulo, onde embaixo permanecia gente.

Nesta casa, eu substituía, periodicamente, trechos do piso de madeira de pinho de riga, quando contaminado pelo cupim. Também retirei desta casa, por ordem do diretor, uma maçaneta de cristal da porta principal de entrada, no interior da qual viam-se as armas do império. Segundo o diretor, a mesma seria entregue ao Museu Imperial de Petrópolis. Se assim não fosse estaria agora ornamentando a residência, de alguém.

1947

Foram feitas grades de madeira no formato de xadrez para se encaixarem, até uma certa profundidade, na pia da câmara escura do laboratório astro-fotográfico, para apoio das bandejas usadas nos banhos de revelação das fotografias.

Foi também feita a forração com compensado, na estrutura de ferro montada na oficina mecânica, para aumento da distância focal do tubo ótico do celostato. Estava em preparo para o eclipse de Bocaiúva, em Minas Gerais. Também foi feita uma nova câmara fotográfica para o mesmo instrumento.

Ainda foi construído, no campus, um pilar de concreto em forma retangular, para nele ser apoiada a estrutura do espelho primário do instrumento, com a finalidade de ser testada as condições do mesmo, antes de seguir para o local do eclipse.

Neste ano, o dia 18 de setembro foi facultativo em comemoração ao Primeiro Aniversário da Constituição, promulgada em 1946, após 15 anos de ditadura.

1948

Foi feito reparo na parte inferior do vitral da Urania. Também foi feito reparo no armário-balcão sobre o qual se apoiava um antigo cronógrafo, já fora de uso, e que se achava na ante-sala da cúpula da equatorial 46. Foi feita uma caixa nova para a pêndula Strasser, em serviço na cúpula da equatorial 46, cuja original foi destruída pelo cupim.

1949

Além dos serviços sem importância desse ano, houve um acontecimento muito importante que foi o meu primeiro acidente, causado por máquina que me deixou registrada a marca da profissão. Diz o velho ditado que isso só acontece com quem trabalha com elas.

1950

Chegou a vez de ser feita nova caixa para a pêndula Strasser, em serviço na meridiana Bamberg, pelo mesmo motivo de sua irmã da equatorial 46. Esta pêndula, mais tarde, foi substituída pela atual Leroy.

Este ano foi demolido o barracão que se achava em precárias condições e que tinha sido construído na época das obras do ON para guardar ferramentas e material, passando depois a ser residência do vigia e de dois jardineiros, todos portugueses naturalizados brasileiros.

A placa de mármore existente no saguão da entrada do elevador externo foi retirada para retoque no letreiro, cujas letras são em baixo- relevo e preenchidas com massa preta.

Consta no meu relatório terem sido feitas três caixas para embalagem de aparelhos meteorológicos, que teriam sido enviados para a Noruega; infelizmente não estão especificados nem os aparelhos nem a finalidade. Neste ano, foi adquirida a tupia para a carpintaria.

1951

Neste ano, a 25 de janeiro de 1951, tomou posse o segundo diretor que conheci no ON. Foi um ano sem grandes serviços na oficina.

Foi retirado o mastro da bandeira para sua pintura, em forma helicoidal, nas duas cores convencionais, e recolocado no lugar. Primitivamente, esse mastro achava-se na frente e no alto da torre do elevador externo. Essa transferência para onde se encontra atualmente foi mais uma das empreitadas de meu pai. Não me recordo o ano, mas foi na década da inauguração do ON, algum tempo depois.

Foram enviadas para Vassouras seiscentas telhas de asberit das que haviam sido substituídas na cobertura do prédio por telhas tipo francesas.

Ainda este ano, foi feito um reparo geral na caixa da pêndula Campiche para ser enviada à recém-criada rádio-relógio, tendo ido também uma outra com caixa ornamental, tipo daquelas usadas nas mansões inglesas. Isso ocorreu com a criação do

serviço do fornecimento da hora ao público, por intermédio do rádio, sendo abolido o antigo serviço de informação por telefone. Este serviço compunha-se da transmissão de um pi, segundo a segundo, e quando chegava o minuto soava uma espécie de gongo, provavelmente acionado por um relé ao receber um impulso elétrico, partindo do contato da pêndula, alimentado por bateria ou uma fonte de corrente apropriada. A pêndula Campiche já era uma pêndula própria para esse fim, pois sua função original consistia no comando de outros relógios que deveriam estar sincronizados com a mesma, os quais ainda existem alguns no MAST. Este serviço foi melhorado pela implantação da hora falada através de disco. A rádio- relógio na minha opinião deveria ter devolvido as pêndulas ao ON porque me parece que as mesmas foram emprestadas, não doadas. Além do mais, essa rádio deixou de atender integralmente a informação da hora, da mesma forma que fazia quando foi criada, não estando mais servindo totalmente ao povo naquilo que se tinha proposto primitivamente. Acho haver nisso um desinteresse do ON pelo seu patrimônio.

Este ano foi feito um grande quadro provido de portas de correr envidraçadas, munidas de fechaduras. Este quadro foi colocado na portaria para nele serem fixados avisos e outros papéis.

1952

Foram construídas quatro casas em Vassouras, sendo duas para funcionários morarem, uma para alojamento do diretor, quando o mesmo ia para lá, e uma outra para alojamento geral, inclusive para o pessoal da oficina, quando para lá ia a serviço. Todas foram providas de armários embutidos, construídos na oficina e, depois, lá montados pela própria oficina, estando eu também presente.

Foram substituídos os fios da instalação elétrica do escritório de Vassouras.

Este ano fiquei, temporariamente, substituindo o chefe do pessoal da manutenção do campus, sem prejudicar minha outra função, enquanto o mesmo, por falta de motorista e possuir carteira profissional, saiu exercendo essa função no carro que era utilizado no serviço de magnetismo e gravimetria.

Houve substituição de vidros nas janelas do depósito do terraço sobre o salão nobre.

Reforma das instalações elétricas, dos pavilhões 37 e 38 da meridiana Bamberg e ex - Gauthier.

Abertura de furo no portão da General Argolo, inclusive cravamento de uma barra de ferro fixa e outra articulada, para facilitar o manuseio do cadeado tanto por dentro como por fora.

Feitura de quatro discos de madeira com 20cm de diâmetro para base de receptáculo, para lâmpadas a serem colocadas no subsolo da sala da hora, parte antiga, para controle da temperatura no seu interior.

Modificação do sistema de abertura da porta do pavilhão 35, que era de correr e passou a ser de abertura lateral, em razão do sistema de correr ser muito problemático.

Feitura de modelo de madeira para fundição de placas circulares, identificadores de estações magnéticas. Desmontagem de bancadas, na parte antiga da sala da hora, que serviam de assentamento de instrumentos do sistema antigo de transmissão da hora e montagem de bases para os raques dos novos instrumentos.

1953

Feitura de uma armação de madeira envidraçada e envernizada de preto, para proteção de um oscilógrafo do conjunto de novos instrumentos do serviço da hora.

Assentamento do grande painel, que fica por cima dos instrumentos instalados no novo prédio da hora, que, segundo disseram, era para serem instalados diversos relógios mostrando os diversos fusos horários do mundo. Pintura das bases, painel, porta, pedestais e toda a estrutura de madeira feita para a instalação dos novos instrumentos do serviço da hora.

Feitura de diversas estacas, para os tirantes de barracas do serviço de magnetismo e gravimetria, bem como esticadores das mesmas.

Feitura de cabines no subsolo do prédio construído junto ao antigo prédio da hora. Essas cabines, segundo disseram, eram para ser instaladas as pêndulas a vácuo que tinham sido retiradas do antigo subsolo, o que acabou sendo mais uma vez encenação, pois não passou de perda de tempo de minha parte em relação ao trabalho que despendi, como desperdício de material.

Recebimento de um adiantamento de um mil cruzeiros, dinheiro da época. Esse adiantamento eu recebia periodicamente para despesas de emergência da oficina. Preparo de diversas tampas de madeira para as canaletas abertas no piso da sala da hora, para passagem de fios de interligações de instrumentos com fonte de energia.

1954

Instalação de um gerador na ante-sala do pavilhão da Gauthier para o serviço da hora.

Feitura de um estrado em volta do pilar da Zenithal.

Feitura de uma caixa com um painel de 50cm x 30cm com fundo de 12cm para instalação de aparelho de controle das estações de rádio transmissoras dos sinais horários, como o PPE do ON ao Arpoador, a Agência Nacional e a rádio-relógio.

1955

Foram reparadas as galeotas do serviço de limpeza e jardinagem.

Os demais serviços relativos a esse ano se limitaram em substituições de dobradiças, fechos, fechaduras, vidros de esquadrias e móveis.

1956

Foi retirado um portão do muro que existiu dividindo o quintal da residência que foi da diretoria com o campus do ON, cuja finalidade era a passagem de veículos.

Neste mesmo ano, foi construída uma cabine de portas duplas, no vão de porta, entre as salas do sismógrafo e a sala de gravimetria, para funcionar de maneira que, ao se precisar entrar na sala do sismógrafo, abria-se a porta externa, entrava-se na cabine e, depois de fechada a porta, abriria-se a interna para passar-se para o interior da sala dos sismógrafos. Essa operação tinha o objetivo de não deixar passar luz para o interior da sala, a fim de não velar o papel fotográfico envolto nos cilindros dos sismógrafos.

Neste ano, ainda se conservava, como se podia, a cobertura de madeira que existiu sobre a estrutura de ferro do pavilhão da Gauthier, repregando-se com freqüência as tábuas sobre a mesma.

Este ano foi construída uma prensa fotográfica em forma de caixa, com portas na frente e tampa na parte superior, nas dimensões de 100 x 70cm e altura de 95cm. Era provida de vidro despolido, abrangendo toda a superfície superior da caixa, e continha, no interior, lâmpadas controladas por um reostato, a fim de aumentar ou diminuir a intensidade da luz. Esta prensa era para fazer cópias fotográficas de magnetogramas e sismogramas. Foi construída para uso do laboratório do ON, tendo sido mais tarde enviada para Vassouras.

Feitura de uma canaleta de madeira no sentido vertical, partindo do piso do subsolo da parte antiga da sala da hora para o piso do primeiro andar da mesma sala, para passagem de fiação elétrica.

1957

Neste ano, executei toda a estrutura de madeira para a instalação dos instrumentos eletrônicos no novo prédio construído junto ao antigo prédio da hora, compondo-se de raques, calhas, bases, painéis, mesas e tudo o mais que foi necessário em matéria de madeira, inclusive pintura nas cores cinza e preta.

Foi embalada uma máquina de escrever para Tatuoca.

Plantação de todos os postes que sustentam a linha da Light, que entra por General Argolo, em substituição aos de ferro, que caíram em conseqüência de um temporal.

Foram enviados para Vassouras vinte e quatro volumes com cinco tubos de 1" em ferro galvanizado, para substituir a canalização d'água antiga desde a nascente até a caixa do observatório.

Foram enviadas para Tatuoca duas pêndulas, depois de devidamente encaixotadas. Uma pertenceu ao pavilhão da Gauthier. Sua caixa era inteiramente de chapa de ferro.

Este ano foi embalada uma série de móveis destinada a Tatuoca, cujo endereço era de parente de funcionário de alto - escalão, que para lá foi pensando que lá fosse colônia de férias. Aconteceu não poder usufruir por muito tempo tal lazer, porque o chefe lá queria quem trabalhasse e o mandou de volta. Logo em seguida, lhe arranjaram uma moleza, aqui no Rio, no próprio ON.

Ainda esse ano, foi enviado para Tatuoca um transmissor e receptor de radiofonia.

Foi reformada totalmente a câmara escura da cúpula da equatorial 21.

1958

Foram enviadas para São Paulo, destinadas à USP, uma pêndula a vácuo com sua escrava.

Neste ano, chegaram novos sismógrafos, através da embaixada americana, e foram transportados para o ON pelo jipão do Serviço Geodésico Pan-Americano.

Foram feitas quatro banquetas para apoio de baterias de alimentação dos instrumentos da hora. Foi através dessas banquetas que derrubei as pretensões de um suposto astrônomo, mostrando ao diretor quem era a figura. Essa história contarei depois.

Houve fixação de telhas na ala direita do telhado do edifício.

Neste ano, foi feito um passeio em torno da torre do elevador externo pelos pedreiros da Divisão de Obras do MEC, no segundo andar.

Foram retiradas duas banheiras que existiram no compartimento onde hoje funciona o Departamento de Vídeos, que antes era dividido em banheiro e cozinha. Na cozinha, havia embutido na parede um pequeno armário para guardar açúcar, pó de café, xícaras, colheres etc. Tinha, até mesmo, um bico de gás canalizado e um pequeno fogareiro, onde era feito café por um funcionário da portaria. O café era servido às 14h aos funcionários numa determinada sala, onde os funcionários se reuniam para absorvê-lo. O diretor da época ordenou sua abolição, por considerar, que na hora em que era servido os funcionários perdiam muito tempo reunidos em conversa. Com a retirada das banheiras foram, no lugar das mesmas, construídos boxes, onde permaneceram os chuveiros nos quais, como antes, alguns funcionários tomavam banho, inclusive eu, na hora de ir para casa após terminado o expediente. E também depois de ter passado a residir na própria carpintaria, quando solteiro, com permissão do diretor.

Começaram, neste ano, as modificações dos pilares de concreto dos antigos sismógrafos para a instalação dos novos. As fôrmas para o concreto foram executadas por mim. O enchimento das mesmas foi feito pelos pedreiros da Divisão de Obras do MEC.

Ainda este ano, foi renovada a instalação elétrica do recinto residencial da ladeira, com substituição de fios e postes que se achavam em mau estado, sendo aumentado o número de postes para a expansão da iluminação. Foi também construída a escada de concreto de acesso da estrada para a carpintaria.

Este ano o ON passou a possuir os primeiros extintores de incêndio, variando desde os internos de suspender na parede até os grandes providos de rodas, que foram localizados em pontos estratégicos do campus, destinados ao combate dos incêndios que constantemente surgiam no capinzal. Naquela época, o capim rodeava as cúpulas, pois, por haver poucos funcionários, a capinação só se limitava aos caminhos quando ainda não eram calçados.

Neste ano, foi construída a guarita para os guardas, que fica localizada no entroncamento das saídas para General Argolo e J. Cristino, cuja parte de carpintaria foi executada por mim, enquanto a de alvenaria foi levantada pelos pedreiros da Divisão de Obras do MEC. Nessa época, os guardas eram funcionários do ON e o prédio que foi do IBICT não existia.

Foi construído, também, um compartimento para as baterias do serviço da hora sobre parte da varanda da mesma sala.

As figuras de ferro fundido que se encontram sobre pilares de concreto no jardim, em frente à fachada do MAST, foram ali colocadas, neste ano, por sugestão minha. As fôrmas foram feitas por mim e o enchimento de concreto foi feito pelos pedreiros da Divisão de Obras do MEC.

Foi também construído o passadiço em frente à porta dos fundos do prédio, sobre a sarjeta que contorna o mesmo, com o objetivo

de facilitar a aproximação de veículos até a porta para carregar ou descarregar material ou instrumentos.

Ainda foram construídos no campus, alguns pilares de concreto numa pequena área acimentada, onde se percebem uns altos e outros baixos. Isso foi feito para uso de teodolitos nos pilares mais altos e cronômetros nos mais baixos.

Houve a construção de duas bases de concreto, na ante-sala do pavilhão da Gauthier, para assentamento de dois geradores Honda para o serviço da hora. A manutenção desses geradores era feita pela oficina e, particularmente, por mim, quando tratavam-se de enguiços ou substi-tuições de peças.

Correção dos trilhos da trapeira do pavilhão da meridiana Bamberg.

Substituição de uma das colunas de madeira de sustentação da cobertura da varanda da sala da hora, por se encontrar em mau estado.

Preparo de tampas de madeira para as calhas abertas no piso da sala dos sismógrafos para passagem de fios.

Recomposição da escada de acesso da estrada para a sala da hora.

Aproveitamento de um estrado de uma galeota, sendo adaptadas no eixo da mesma rodas de um velho Ford 29, que pertenceu ao primeiro diretor que conheci, colocando-se sobre o mesmo um tambor de 200 litros provido de uma torneira, com a finalidade de transportar água para preparo de argamassa, onde fossem necessários reparos de alvenaria.

Fixação de telhas na ala direita do telhado do edifício.

Construção de alpendre sobre a porta externa do elevador interno no terraço e sobre a porta da escada de acesso ao terraço.

Neste ano, foi remetida de volta à Alemanha, depois de devidamente embalado, o nível principal da Askania para reenchimento de líquido que havia perdido por defeito.

1959

Neste ano, foi instalado, pela firma Bygton, um possante desumidificador para extrair a umidade contida no interior da sala dos sismógrafos e que, na realidade, retirava grande quantidade de água. Tal funcionamento durou pouco porque foi constatado que a sucção produzida pelo compressor estava interferindo nos registros do sismógrafo, tendo sido o mesmo desmontado e recolhido ao depósito de aparelhos.

Ainda neste ano, foi retirado da cúpula da equatorial 46 um cronógrafo muito antigo, que já se encontrava fora de uso há muito tempo. O mesmo foi retirado com o móvel sobre o qual estava apoiado e tudo foi recolhido ao depósito de instrumentos. Este instrumento me ofereceu a oportunidade de pôr fim a um desentendimento entre eu e o chefe da astronomia.

Neste ano, foi construída uma cisterna com capacidade para quarenta mil litros d'água. Esta cisterna está localizada no nível da Rua General Bruce no lugar onde existiu uma casa, na qual residiu um guarda- manobra.

Foi construída uma passarela com escada, entre as oficinas e o pavilhão dos sanitários do campus, onde existia um quadro distribuidor de energia que supria a oficina.

Também foi construída a escada de acesso do jardim, em frente ao prédio, ao plano superior do campus. Esta escada fica ao lado da ponte que liga o prédio ao campus. Antes era aberta irregularmente na rocha.

Neste ano, foi retirada a instalação de um cabo elétrico que alimentava uma lâmpada vermelha na portaria, que partia desde o

elevador externo, a qual acendia indicando quando o elevador descia.

Numa ocasião deste mesmo ano, saí na minha moto em companhia de outro funcionário, para distribuir publicações do ON nos bairros da Tijuca, Laranjeiras, Botafogo, Urca, Copacabana, Ipanema, Leblon e Gávea, a pedido do diretor da época, pelo que me pagou a gasolina. Fiz esse serviço, como muitos outros, a título de colaboração, porque o ON ainda não dispunha de transporte.

Foi embalada uma balança de precisão e uma bússola para Tatuoca.

1960

Este ano foi pintado o foto-heliógrafo.

O Exército doou um transmissor, mais potente do que o existente no ON, para ser usado nas transmissões dos sinais horários, e que foi apanhado no serviço de comunicações, em Deodoro, por um caminhão cedido pelo serviço de transporte do MEC, sendo as pessoas que foram buscar pertencentes à oficina do ON.

Foi substituída a fiação elétrica do salão nobre.

Neste ano, a oficina passou a ter mais dois funcionários, sendo um marceneiro e um eletricista, conseguidos em razão de Juscelino estar no fim do mandato.

Ainda este ano, a equatorial 32, por iniciativa minha, foi totalmente desmontada passando por uma reforma completa. Ao me decidir a isso, apareceu logo um peru do alto-escalão para me perguntar se eu tinha a planta da mesma. Respondi-lhe que nunca tive conhecimento da existência de planta de qualquer instrumento e se ele sabia onde elas andavam. Como não obtive resposta, disse-lhe não precisar de planta, nem para desmontá-la e nem para remontá-la. E isso comprovei.

1961

Foram feitos novos pedestais de madeira para os globos marciano e lunar, compondo-se das bases e colunas torneadas. Estes globos parecem que entraram para o noticiário dos desaparecidos, pois eram muito próprios para ornamentação.

Neste ano, fui à presença do diretor sugerir ao mesmo a desmontagem do círculo meridiano de Gauthier, para que o mesmo ficasse preservado da extinção, levando-lhe ao conhecimento que, dado o estado precário da cobertura de seu abrigo, o mesmo estava praticamente sem proteção. Tendo o diretor concordado, reuni a equipe da oficina e através de improvisações, como era de costume, iniciamos sua desmontagem. Seus componentes de pequeno porte e peso leve foram recolhidos a um armário idêntico a um que, por milagre, escapou da devastação e se encontra agora numa sala do museu com a mesma antiga missão. Na ocasião, esses armários encontravam-se no andar térreo do prédio, de onde sumiram algumas peças que foram retiradas do interior dos mesmos por efeito de arrombamento. As peças de peso médio foram guardadas no compartimento que era conhecido na época como depósito de instrumentos. As peças maiores e muito pesadas foram recolhidas a um barracão que existiu próximo à cúpula da equatorial 46, onde havia sido a carpintaria.

Foi feito um cavalete para acondicionamento dos osciladores das diversas pêndulas, a fim de ser evitado que os mesmos empenassem em conseqüência de ficarem jogados de qualquer maneira, depois de terem sido desmontados da antiga sala da hora.

Ainda nesse ano, foram substituídos os blocos de madeira dos plafoniers do arquivo da administração, que passou a funcionar no compartimento do terraço onde havia sido alojamento dos guardas- manobras, que lá ficavam aguardando a abertura do céu nas noites em que o mesmo estivesse encoberto.

Também foi feita uma nova pia de forma retangular em madeira, forrada internamente com lençol de chumbo, e que foi instalada no porão da cúpula da equatorial 32 em substituição à original, que era de ferro esmaltado e só dava para lavar as mãos.

Foi construída uma bancada para trabalhos em Vassouras.

Neste ano, tentou-se regularizar a situação dos funcionários moradores que tinham luz em suas casas fornecida pelo ON. Isso foi uma irregularidade cada vez mais expandida pela proteção do secretário aos funcionários amigos-do-peito.

1962

Foi construído o armário de proteção contra possíveis acidentes que poderiam ser ocasionados pela corrente de transmissão do movimento giratório da cúpula da equatorial 32.

Foram também construídos, na mesma cúpula, um armário para guardar os acessórios do instrumento, bem como outro de porte menor, para guardar material de manutenção.

Foram substituídas as chapas de ferro da cobertura das duas alas da trapeira da cúpula, que se achavam podres. Foi feito um corrimão para a escada de observação da mesma cúpula.

Foi colocada uma porta no vão de entrada do porão, que até então era livre.

Foi retirada a calha de zinco original que existiu ao redor da cúpula, por estar em mau estado e construída a atual de alvenaria.

Foi instalado um braço de luz sobre o vitral da Urania, para iluminação da escadaria de acesso do segundo para o terceiro andar.

Nesta ano, foi substituído o velho e original elevador externo pelo atual, que enguiça mais que o antigo.

Também foi substituída a meridiana Bamberg, que se achava no pavilhão 36, pela atual Askania, recém-chegada da Alemanha, tendo a Bamberg sido recolhida ao depósito de instrumentos, de onde mais tarde foi retirada sua objetiva para ser colocada num pequeno telescópio montado na oficina sob orientação de um coronel da Aeronáutica.

Foram realizados reparos na pêndula elétrica do sismógrafo.

Foi retirada a objetiva da equatorial 21 para limpeza, por ter caído água sobre a mesma.

Foram tomadas providências no sentido de serem enviados para Tatuoca diversos tambores de 200 litros com óleo diesel para abastecimento do gerador e da lancha.

Foi também substituída a fiação elétrica de toda a galeria do terceiro andar do prédio.

Foi retirado o relógio da fachada que estava parado há vários anos. Comecei a fazer testes com o mesmo com o objetivo de pô-lo a funcionar novamente, o que não consegui, porque houve intromissão de alguém do alto-escalão que não concordou, talvez com o sistema que eu estava tentando montar, propondo-se fazer algo melhor.

Feitura de uma nova porta para o banheiro existente no final do corredor do segundo andar em substituição à original que se achava muito empenada.

Colocação de uma caixa - d'água numa das casas de frente para a Rua J. Cristino.

Forração do piso do elevador interno com lençol de borracha.

Assentamento de quebra-luzes em redor da parede do salão de observação da cúpula da equatorial 32.

Feitura de uma bandeira, em forma de semicírculo, colocada sobre o topo da parede que divide o banheiro no final do corredor do segundo andar do próprio corredor, inclusive colocação de vidros. Antes, este vão era livre.

Limpeza da objetiva da equatorial 32.

Reforma da instalação elétrica da mira da Askania. Recondicionamento de painéis de vitral sobre o saguão do edifício.

Ida a Deodoro, ao Serviço de Comunicação do Exercito, com o pessoal da oficina, para a desmontagem de parte de um transmissor para ser transportado para o ON, por ter sido doado pelo Exército.

Substituição de vidros quebrados nos caixilhos que ficam na parte da frente da torre do elevador externo.

Assentamento de mais uma caixa - d'água Eternit, na sala da hora.

Feitura de nova suspensão para a pêndula da meridiana Bamberg do pavilhão 37.

Pintura da armação do transmissor doado pelo Exército.

Ainda neste ano de 1962, foram instalados mais três pontos de luz, em forma de pendentes, em linha reta, na reentrância retangular do teto da biblioteca, porque os pontos de luz existentes contornando essa reentrância eram insuficientes.

Apareceu um diploma referente a uma Medalha de Ouro concedido ao ON, como prêmio pelas fotografias apresentadas em uma exposição na Espanha, entre os anos de 1929 e 1930. Foi solicitada a feitura de um quadro para o mesmo, que foi feito na oficina.

Continuando neste ano, foram construídos girais no depósito de madeira e na carpintaria, a fim de dar melhor arrumação ao material.

Foi feita uma nova porta de madeira maciça com almofadas lapidadas para a entrada do anexo da sala da hora, em substituição à porcaria de compensado que colocaram lá quando fizeram o prédio.

Neste ano, os engenheiros da Divisão de Obras do MEC estiveram presentes no ON, a fim de fazerem o levantamento topográfico da ladeira, para ser providenciado seu calçamento, que não foi realizado em conseqüência da extinção da Divisão de Obras, no governo militar.

Antes de se tornar realidade, a extinção da Divisão de Obras, a mesma planejou e abriu concorrência para a construção de um depósito de inflamáveis e um depósito de produtos químicos, que levei ao conhecimento do diretor serem necessários. O depósito de inflamáveis tinha a finalidade de abrigar alguns tambores de gasolina com capacidade de 200 litros cada, que, apesar de nesse depósito não apresentarem segurança, onde se encontravam eram muito mais ameaçadores. O depósito de produtos químicos tinha a finalidade de armazenar uma certa quantidade e variedade de ácidos corrosivos usados nos trabalhos da oficina, e teriam de estar afastados de lugares onde fossem prejudiciais.

Neste ano, tomei a iniciativa de automatizar o ligamento e desligamento da iluminação do campus. Saí em busca de alguma coisa para resolver o problema e encontrei numa tradicional firma de material elétrico uns aparelhos de origem alemã, conhecidos como "time-switch" ou interruptores de tempo. Pedi especificações dos mesmos para a devida requisição. Foram comprados três. Estes instrumentos não eram nada mais nada menos do que máquinas de despertadores com dispositivo de ligação e desligamento nas horas desejadas. Pelo fato de serem máquinas idênticas a despertadores, começaram logo a dar problemas. Novamente, tive que pensar como resolver o problema. Lembrei-me, então, da existência de duas pêndulas que estavam guardadas no depósito de instrumentos, que se

achavam fora de uso há muitos anos, e, segundo diziam os mais antigos, tinham pertencido ao serviço de eletricidade atmosférica da meteorologia. Eu tinha reparado nessas pêndulas que elas tinham um eixo acoplado à máquina pela parte traseira, em cujo extremo tinha um pinhão de pequeno diâmetro. Daí, surgiu-me a idéia de acoplar os interruptores a essas pêndulas para serem movimentados por elas. Tive então que saber quantas voltas dava esse pinhão em uma hora, para que eu pudesse calcular uma engrenagem intermediária entre a pêndula e o interruptor, para que o mesmo desse o mesmo número de voltas diárias que a pêndula dava. Feito isto, o problema foi resolvido. Para essa adaptação, além da engrenagem, foi necessário confeccionar novas caixas mais altas, mais largas e com mais fundo, bem como ser aumentado o comprimento das hastes dos osciladores, que são de madeira, e aumentar, algumas vezes mais, o peso da corda para que a máquina tivesse força para pôr em movimento o interruptor acoplado à mesma.

Ainda nesse ano, em Vassouras, foram substituídas as tradicionais pilhas secas, conhecidas como pilhas de telefone, que alimentavam os contatos das pêndulas, que, por sua vez, acionavam um relé que mandava corrente de 120 volts para um transformador cuja saída de 14 volts alimentava as lâmpadas, que, com sua luz, imprimiam no papel fotográfico as linhas demonstrativas da variação magnética.

Foi colocado um corrimão na escada de observação da equatorial 32 e reduzido um degrau na mesma.

Retirada da objetiva da equatorial 21 para limpeza, em conseqüência de ter caído água sobre a mesma.

Foi construído o armário protetor do quadro da distribuição elétrica da cúpula da equatorial 32.

Feito novo punho de madeira para a manivela manipuladora do pendente da luz do saguão do prédio, que tem a finalidade de descer ou subir o referido pendente para a troca de lâmpadas.

Foram construídas novas venezianas para o vão da janela da cabine das máquinas do elevador externo em substituição à originais arrancadas por uma forte ventania, ficando em condições irreparáveis. Também, tempos atrás, foi substituída a porta da cabine das máquinas do elevador interno, por se encontrar em mau estado.

Feitura de um pequeno quadro para um aviso de proibição de transporte de carga no elevador externo, fixando-se o mesmo na porta externa do elevador.

1963

Foi feito um novo bloco de madeira para o plafonier do teto da entrada do elevador externo.

Retirada do forro, contaminado de cupim, da ante-sala do pavilhão da Gauthier.

Repregamento de celotex na parte interna da cobertura da cúpula da equatorial 46. Diziam ser este material de bagaço de cana prensado e importado dos Estados Unidos, muito usado em divisões e contra o calor.

Foi construído, na oficina, o móvel onde se acha instalado o oscilógrafo da Askania.

No banheiro, existente no final do corredor do segundo andar, foi retirada uma banheira para ser colocado o atual vaso sanitário, que não existia.

Construído um armário embutido no pavilhão 37 para, segurança de material de manutenção.

Feitura e assentamento de uma portinhola na parte de divisória do fundo, entre o depósito de instrumentos e o forro, sobre o terceiro andar do edifício.

Feita nova instalação elétrica geral na cúpula da foto-equatorial, bem como no instrumento.

Retirada de todos os fios mortos da instalação do prédio.

Levantamento da quantidade de máquinas de calcular existentes no ON, a pedido da administração.

Abertura de um vão de porta, entre a Oficina Mecânica e a carpintaria, na parede divisória das mesmas.

Reparos na trapeira do pavilhão da meridiana Bamberg.

Este ano foi necessário se levantar mais uma torre para antena, daquelas do tipo frágil, como a primeira que já se havia levantado.

Foi confeccionada uma grande bancada reforçada para a oficina, para os trabalhos de serralheria.

Participei, na situação, das duas casas geminadas construídas no recinto residencial da ladeira.

1964

Transformou-se um tambor usado de 200 litros em tanque de gasolina para abastecimento dos geradores Honda do serviço da hora.

Reforma da instalação elétrica da cúpula da equatorial 46.

Limpeza e lubrificação do marégrafo.

Vistoria no madeiramento do telhado da casa 29 da ladeira.

Neste ano, foi substituído o sistema rotativo manual da cúpula da equatorial 46 por sistema elétrico. Este serviço foi feito de empreitada.

Substituição da pêndula Strasser, que se encontrava no pavilhão 37 pela atual Leroy.

Colocação de fechadura na gaveta dos acessórios da máquina de dividir círculos.

A pedido do secretário, e como colaboração, aceitei fazer o inventário dos livros da biblioteca.

Foram limpos e lubrificados os variômetros de Vassouras.

Reparo nos beirais das trapeiras do pavilhão da meridiana Bamberg, com substituição de chapas podres.

1965

Foram instalados tubos de PVC subterrâneos para passagem, pelos mesmos, de fiação para interligação de cronometria entre os pavilhões das meridianas e cúpulas com a sala da hora, porém nunca funcionou.

Foram executadas, na oficina as primeiras placas de trânsito que foram colocadas no interior do ON. As placas foram também colocadas pela oficina, sendo o sistema de direção de trânsito de minha iniciativa.

Despolimento de um vidro para servir como focalizador da câmara fotográfica do foto-heliógrafo Steinhel.

Preparo de uma pêndula para ser instalada na cúpula da equatorial 46, provida de contatos para controle da rotação da máquina do movimento da equatorial, em substituição da existente, que apresentou defeito.

Verificação de defeito na iluminação no círculo da equatorial 46.

Retirada do mastro da bandeira para substituição da corda.

Reparos no obturador do foto-heliógrafo.

Abertura de um cronômetro de marinha para averiguação de defeito, ficando constatado estar o mesmo com corda partida, tendo sido consertado.

Ida a Vassouras para tomar conhecimento dos serviços de manutenção necessários a serem feitos.

Substituição das antigas telhas de canal do barracão de sucata por outras tipo francesas.

Feitura de nova suspensão para a pêndula Fenon.

Feitura de navalhas para uma das máquinas de cortar grama movida a gasolina.

Conversão de uma pêndula do tipo de sismógrafo, de hora média para a sideral.

Substituição da bomba queimada da cisterna por outra nova.

Embalagem de quatro jogos de molas de segmento para os geradores de Tatuoca.

Torneamento de um eixo e uma roldana, para contato elétrico de uma pêndula.

Montagem da câmara fotográfica do foto-heliógrafo de campanha "Steinhel".

Foram limpas todas as lentes que se achavam guardadas.

Separação de material aproveitável da demolição de um anexo a uma casa que existiu na ladeira do Gusmão.

Substituição do ramal d'água de alimentação da sala da hora por tubos de PVC.

Reparos de uma das alas da trapeira do pavilhão 36 da Askania.

Abertura de um cronômetro de marinha para averiguação de defeito, ficando constatado estar o mesmo com corda partida, tendo sido consertado.

Ida a Vassouras para tomar conhecimento dos serviços de manutenção necessários a serem feitos.

Substituição das antigas telhas de canal do barracão de sucata por outras tipo francesas.

Feitura de nova suspensão para a pêndula Fenon.

Feitura de navalhas para uma das máquinas de cortar grama movida a gasolina.

Conversão de uma pêndula do tipo de sismógrafo, de hora média para a sideral.

Substituição da bomba queimada da cisterna por outra nova.

Embalagem de quatro jogos de molas de segmento para os geradores de Tatuoca.

Torneamento de um eixo e uma roldana, para contato elétrico de uma pêndula.

Montagem da câmara fotográfica do foto-heliógrafo de campanha "Steinhel".

Foram limpas todas as lentes que se achavam guardadas.

Separação de material aproveitável da demolição de um anexo a uma casa que existiu na ladeira do Gusmão.

Substituição do ramal d'água de alimentação da sala da hora por tubos de PVC.

Reparos de uma das alas da trapeira do pavilhão 36 da Askania.

1966

Recomposição de parte da cobertura de alumínio do torreão do edifício, que havia sido arrancada pelo vento em 27 de outubro de 1966.

Prosseguiu-se esse mesmo ano, em alguns reparos no Observatório de Vassouras, incluindo-se a substituição de peças podres de madeira nos pavilhões dos instrumentos, substituição de todo o madeiramento de uma pequena construção onde funcionava depósito de material, ferramentas e cozinha de emergência. Foi também feita pintura nos pavilhões.

Em conseqüência do eclipse total do sol, que iria ocorrer em Bagé, no Rio Grande do Sul, começamos, no mês de julho, desse ano, a preparar os instrumentos que iriam participar desse eclipse.

Foi instalada uma torneira no salão da Gauthier e nele foi também instalada uma máquina para polimento de espelhos para telescópios.

Foi ligada força para a oficina de manutenção de carros do CNPq.

Foram construídas diversas escadas para Vassouras.

O motor original de rotação da cúpula da equatorial 32 teve que ser substituído, em razão de ter quebrado a ponta do eixo.

Reparo no indutor terrestre da Tatuoca.

1967

Neste ano, começou a gestão do terceiro diretor de meu tempo.

Certa vez, foram vedadas as goteiras existentes na cobertura da cúpula da equatorial 32, através de massa preparada à base de verniz de pincel.

Preparo de ferramentas para reparos em cronômetros de marinha.

Reforma da instalação elétrica da cúpula do foto-heliógrafo Zeiss.

Reforma geral do foto-heliógrafo Zeiss, incluindo desmontagem total, limpeza e pintura, inclusive limpeza das lentes.

Na oficina, de longe em longe, eram confeccionadas barracas para o serviço volante de magnetismo e gravimetria.

1968

Reforma da instalação elétrica da cúpula da equatorial 46.

Foi preparado um plafonier com tampa provida de tela fixa a mesma e cadeado, para a lâmpada do teto da entrada do elevador externo no andar térreo, a fim de a mesma ficar preservada dos roubos constantes.

Reforma da instalação elétrica da cúpula da equatorial 21. Regulagem das trapeiras da cúpula da equatorial 21.

Reforma geral da Zenithal, tendo sido totalmente desmontada. Isto ocorreu depois de a mesma estar parada há vários anos e ter surgido alguém se propondo a trabalhar na mesma, o que não aconteceu.

Foi usinado, na oficina, um contrapeso para o movimento de declinação do foto-heliógrafo Zeiss, a fim de contrabalançar o peso acrescido por um dispositivo de projeção do sol.

Construção de uma armação de madeira de duas barras, com uma travessa no centro, ficando entre as barras um fio de cobre, tenso por meio de esticador, que, envolvido com pasta de esmeril, tinha a finalidade de cortar diametralmente espelhos para telescópios.

Recomposição com solda elétrica de um pinhão do movimento mecânico da trapeira da Askania, bem como enchimento de um dente quebrado em um outro pinhão e respectivo arremate.

Plantação de postes para iluminação da estrada de acesso à Rua José Cristino, que outrora foi parte do quintal da residência de diretores.

Este ano foi mudada a ciclagem de 50 para 60 ciclos; não houve grandes problemas, pelo menos no que a mim era afeto.

Foi modificada uma pequena água furtada, na cobertura da casa de máquinas do elevador interno, a qual era de zinco e se achava rompida em conseqüência do atrito de uma das rodas do cabo do elevador. Foram levantadas duas pequenas paredes de alvenaria mais altas e, sobre as mesmas, assentaram-se telhas do tipo francesas.

Foi preparado material para seguir para Santa Fé, em Minas Gerais, que era um dos lugares onde estavam fazendo pesquisas em busca de lugar para o novo observatório, e onde provavelmente está o Sputnick com a objetiva da Bamberg.

Foram abertos alçapões no estrado em torno do pilar da Zenithal, a fim de se tornar cômoda a observação tanto para gigantes como anões.

Reforma geral da foto-equatorial, que também já se achava parada há anos. O argumento para reforma da mesma foi o mesmo apresentado para a Zenithal.

Já de algum tempo atrás vínhamos sentindo necessidade na oficina de um torno com maior capacidade de torneamento em diâmetros. Procurei na praça um que suprisse essa necessidade e tive que aceitar um de comprimento um tanto exagerado, por não existir mais curto que atendesse a capacidade em diâmetro desejada. Este torno tem uma história muito interessante a ser contada.

1969

Substituição do cabo de aço do peso da corda da equatorial 46, em conseqüência de o cabo em uso ter quebrado.

Substituição de pisos de madeira nos patamares da antiga torre meteorológica.

Neste ano, foi montado um "stand" numa exposição de caráter científico, organizada no Pavilhão de São Cristóvão. Nesse "stand", foram expostos alguns instrumentos e fotografias.

Foram plantados novos postes de concreto para recuperação da rede elétrica desde a General Argolo até o PC, que existiu no interior do abrigo dos banheiros no campus.

Foram transferidas da cúpula da foto-equatorial para a parede do saguão do prédio, ao lado direito de quem entra, as placas comemorativas na inauguração do ON, em São Cristóvão.

Reparo no sistema de freios e pequenos deslocamentos da equatorial 21.

Neste ano, saiu uma boa quantidade de cadeiras para empalhação, havendo um monte das mesmas na carpintaria aguardando a mesma finalidade, que desapareceram com a administração do CNPq.

Feitura de um quadro a ser fixado no saguão para a colocação de circulares, memorandos etc.

1970

Desmontagem do micrômetro e círculo da meridiana Bamberg para substituição de um fio elétrico partido.

Corte e preparo de um vidro despolido para o caixilho de focalização do foto-heliógrafo.

Desmontagem do nível principal da Zenithal para desamassamento e substituição do tubo de vidro protetor, quebrado por queda ocasionada na retirada do plástico que a cobria, protegendo-a sob a poeira.

Foram substituídas as lâmpadas vermelhas da sala do sismógrafo por lanternas do tipo usadas em câmaras escuras.

Neste ano, foi feito um novo inventário, cujo comando ficou sob a responsabilidade da administração. Minha colaboração limitou-se somente na impressão dos números de identificação, ficando tudo embaralhado porque não foi obedecida a ordem de entrada de aquisição de bens. Informo que esse inventário refere-se aos números acompanhados das letras ON.

Foi substituída a madeira da pia da câmara escura do laboratório fotográfico. Foi também feita nova forração interna da mesma com lençol de chumbo.

Neste ano, o sistema de acompanhamento da equatorial 46, originalmente feito por cabo de aço com peso, foi trocado por motor elétrico de origem alemã e foi feito pela Zeiss.

Tivemos uma caminhonete Rural cedida pelo Departamento de Estradas e Rodagem - DER.

Foram feitas duas caixas coletoras de águas pluviais, uma em cada ângulo da calçada da fachada da frente da oficina.

Neste ano, foi extinta a Divisão de Obras do MEC. Seu acervo foi distribuído pelos diversos órgãos do MEC.

Transportei, na minha moto, muito material da Divisão de Obras para o ON, até mesmo algumas máquinas bastantes pesadas, sendo a grande maioria maltratada.

Quanto a esse transporte que eu estava fazendo, a fim de facilitar as dificuldades do ON, alguém me disse que eu não devia fazer tal coisa, porque estava estragando minha moto.

1971

Colocação de um mastro para antena sobre o torreão do edifício, fixado ao lado do mastro do pára-raios.

Neste ano, requisitei para a oficina mecânica uma prensa hidráulica e uma serra circular de pequeno porte para a carpintaria.

Este ano recebemos um furgão Chevrolet de 1954 doado pela Receita Federal. Este furgão, o trabalho que nos deu, foi somente suprir a falta de pequenas peças para compor a carroçaria, sendo a mesma forrada internamente com duratex e pintada externamente.

Inaugurou-se, neste ano, o Planetário da Gávea. A oficina do ON montou no saguão do mesmo, como atração, a antiga meridiana ou luneta de Dollond, que funcionou no Castelo e foi cedida por empréstimo por um determinado tempo.

Foi levantada uma segunda torre de antena com a mesma fragilidade da que estava lá, só que não pôde ser com a mesma calma e segurança, porque tinha peru solto no terreiro.

1972-1980

A pedido do chefe da geofísica, fiz uma relação e especificações de pequenas máquinas de carpintaria, que foram adquiridas para equipar a carpintaria que estava sendo criada em Vassouras.

Foi embalado um componente de sismógrafo para a Universidade de Brasília.

Foi adquirida para a oficina mecânica uma serra para cortes em ângulos.

Entregaram a pêndula Fenon a um relojoeiro, pelo fato de terem quebrado a suspensão da mesma. Quando voltou, o relojoeiro não conseguiu regulá-la na marcha certa, daí apelaram para mim.

Limpeza do carburador de um dos geradores Honda do serviço da hora.

Reparo do motor a gasolina de uma das máquinas de cortar grama.

Usinagem de nova conexão para o cabo flexível do indutor terrestre de Vassouras.

O abrigo do astrolábio de fibra em forma de iglu foi construído fora, seu piso e assentamento também, porque, na época, não existia mais pedreiro no ON. A instalação elétrica para luz e exaustores foi executada pela oficina, até mesmo o sistema de abertura da trapeira, que foi projetado por mim.

Foi levantado um tubo de 2" de diâmetro e 6m de comprimento, convertidos em altura no alto da antiga torre meteorológica, a fim de ser nele instalada mais uma antena para o serviço da hora.

Fui incumbido de levantar para uma outra antena, o poste que fica ao lado os pavilhões das meridianas, que tem um pedestal de concreto em forma de pirâmide.

Nesse período, chegaram a cúpula e o telescópio de Brasópolis. Para que os caixotes, contendo os mesmos, entrassem no ON foi necessário retirar o portão da José Cristino, demolir os pilares de concreto e até cortar uma árvore na rua.

Participação na extinção de fogo ateado no capinzal da encosta paralela à General Bruce, com o auxílio dos extintores de rodas que existiram em pontos estratégicos do campus.

Substituição do encanamento d'água, desde a sua entrada na General Argolo até a cisterna do prédio.

Foi feita nova base de concreto para o motor e redutor do movimento giratório da cúpula da equatorial 21, porque aconteceu algo difícil de ser acreditado. Sua base original se desprendeu completamente do piso. Para que isso não tornasse a acontecer, a nova base foi amarrada pela parte de baixo do piso com travessas de ferro.

Inspecionamento do estado do madeiramento do telhado da sala da hora, bem como da sua instalação elétrica.

Feitura de estacas torneadas para o serviço de magnetismo. Essas estacas de forma especial e de madeira bastante dura, de preferência roxinho, eram cilíndricas e tinham o extremo inferior espalmado ou cônico. Seu extremo superior tinha um rebaixo, onde se encaixava um anel de latão para evitar que a mesma se rachasse quando fosse fincada no chão por efeito das pancadas da marreta. Tinha também, no topo, uma cavidade circular cônica onde assentavam os pés de gravímetro.

Foi construída uma caixa provida de vidro fosco e iluminação, cuja finalidade era para a leitura de negativos de fotografias astronômicas, para ser levada para o Chile por alguém que costumava fazer observações no Observatório dos Andes.

Retirada do conjunto das três lentes de uma das câmaras astro-fotográficas da equatorial 46 para limpeza.

Substituição do carburador de um dos geradores do serviço da hora, inclusive retificação das válvulas.

No dia 26 de agosto de 1980, ficaram definitivamente encerradas minhas atividades no ON, após 40 anos no MEC e sem nunca ter tirado uma licença-prêmio, o que acrescenta mais três anos, tendo também tirado muito poucas férias.

No CNPq, fiquei quatro anos porque quiseram, com a promessa de um contrato pelo qual fiquei três anos trabalhando esperando pelo mesmo, para afinal me contratarem por um ano e depois não me pagarem os outros três anos trabalhados, o que só consegui por intermédio da Justiça, na qual batalhei por oito anos.

Daqui por diante, passarei a contar um pouco da história da minha trajetória no ON, vinculada com os trabalhos realizados e as divergências.

Não constam aqui nesta relação os pequenos trabalhos, como reparos de móveis, esquadrias, pinturas, substituição de ferragens *e outros tantos.*

Considero muito pouco trabalho para tantos anos. Mas seriam muito menos, se muitos deles não tivessem sido realizados por minha iniciativa.

2ª PARTE

Aqui começo uma nova fase, onde vou narrar as diversas histórias relacionadas com os diversos trabalhos e as pessoas que quiseram oferecer oportunidades para se criarem histórias.

Como ingressei no ON

Meu ingresso no ON foi um acaso, uma conseqüência do conhecimento que meu pai possuía entre os funcionários do ON desde o tempo do Castelo. Sua atividade era a construção civil. Possuía ele uma carpintaria, em São Cristóvão, onde produzia esquadrias, móveis e postos meteorológicos. Eu freqüentava o ON desde a infância, onde costumava caçar passarinhos, que naquele tempo existiam. Quando já adulto, fiz uma visita ao ON e me deparei com um funcionário amigo do meu pai, que, sabendo que eu entendia de carpintaria, perguntou-me se eu não queria vir para o ON. Estranhei a pergunta porque eu sabia que o ON tinha carpinteiro. Mas então me disse que o mesmo tinha se aposentado. Daí, depois de saber que o vencimento era satisfatório, aceitei o convite e assim ingressei no ON no dia 1o de janeiro de 1935. O resto já está escrito na 1a parte.

Como encontrei o ON

Ao chegar ao ON, a maioria dos instrumentos não estava funcionando. Estavam parados a Zenithal, a Foto-equatorial, o Círculo Meridiano de Gauthier e o Foto-heliógrafo. As equatoriais 21 e 32 funcionavam no atendimento de visitas. A equatorial 46 funcionava de vez em quando. O único serviço que funcionava era o da hora e as meridianas, e isso provavelmente em conseqüência dos compromissos internacionais. As meridianas funcionavam porque sem elas não haveria hora. Houve astrônomos, um dizia que não observava porque via duas imagens, outro dizia nada mais ter a ser descoberto, outros porque os instrumentos estavam em mau estado. Por sua vez, os

funcionários da época que deviam fazer a manutenção não a faziam porque não trabalhavam neles e, assim, gerava um círculo vicioso. Os mais novos seguiam a escola, com poucas exceções.

Quando a chefia da astronomia lembrava que havia astrônomos sem fazer nada, escalava-os para trabalhar num instrumento, que também estava sem fazer nada. Então, era preciso que este instrumento passasse por uma reforma geral, e, enquanto isso, o tempo ia passando e tudo ficava esquecido, com o instrumento novamente no completo abandono. O primeiro acontecimento a respeito, que se deu no meu tempo, foi com o foto-heliógrafo.

Logo que entrei para o ON, arranjaram uma gratificação de 500 mil réis, dinheiro da época, para ser dividida com aqueles que fossem participar da reforma, sendo também a cúpula incluída. A parte mecânica e pintura do instrumento ficaram a cargo de meu chefe e seu irmão, que eram os mecânicos da época, os quais receberam 200 mil réis cada, fazendo o trabalho durante o expediente. Para mim, na qualidade de carpinteiro e marceneiro, cargo que proporcionou minha admissão no ON, coube fazer novo tripé para o instrumento, porque o original estava contaminado de cupim. Coube-me, também, fazer a pintura da cúpula, sendo que o tripé poderia ser feito na hora normal de expediente, mas a pintura da cúpula teria que ser feita depois do expediente para fazer jus à gratificação de 100 mil réis. Quem quiser que julgue o justo desta imposição a que tive que me submeter, porque era novo no serviço e também na idade, além de ser filho de um amigo de meu chefe e conhecedor de diversos trabalhos, ao ponto de ser chamado por um funcionário antigo de "enciclopédico".

Primeiro diretor do meu tempo

Este diretor não pertencia aos quadros dos astrônomos, como era tradição, que foi quebrada por divergências entre dois astrônomos que disputavam o cargo por falecimento do diretor que estava em exercício. Para resolver o problema, o Ministro da Agricultura, a cujo ministério pertencia o ON, nomeou um diretor de fora, que era professor de matemática da Escola Politécnica.

Apesar disso, para mim foi entre todos os diretores que conheci o melhor administrador. Não se deixava influenciar por terceiros, fossem burocráticos, técnicos ou cientistas, nem tinha preferências. Dando razão a quem tivesse, fosse até o mais humilde funcionário.

Meu chefe, aproveitando ser eu funcionário novíssimo e jovialíssimo, pois tinha apenas 21 anos, me descrevia esse diretor como uma fera. De fato, eu percebia que ele se apresentava com certa austeridade, sisudo e que, na realidade, me tornava um pouco temeroso de aproximar-me dele. Ainda, naturalmente, se aproveitando dessas circunstâncias, mais o fato de ser amigo de meu pai, que, como diz o ditado, "amigo é pra essas coisas", me estipulou uma carga horária de trabalho que ninguém tinha, pois ninguém trabalhava mais do que seis horas. Eu tinha que trabalhar oito horas, entrando às 8h e saindo às 16h, e fui chamado a atenção quando comecei a entrar 15 minutos atrasado. Essa situação me intrigava, mas agüentei dois anos. Passado esse período, tive um pequeno problema de saúde que me forçou a freqüentar um hospital. Recorri a meu chefe para me permitir entrar às 10h.

– Daqui a pouco você quer entrar ao meio-dia.

Falei, então:

– Não estou lhe pedindo para entrar ao meio-dia; se o senhor não pode resolver, vou ao diretor.
– Então vá para que não pensem que eu estou te protegendo, – respondeu-me.

Então fui, cheguei à porta do gabinete e pedi licença, o que me foi concedido, então lhe expus a situação. Perguntou-me o diretor:

– Quem fez esse horário?
– Foi meu chefe - disse eu.

E ele, então, respondeu:

– Pode passar a fazer o mesmo horário dos outros.

Daí por diante, tomei conhecimento de que a fera não era assim tão perigosa. Esse diretor se tornou um grande amigo meu porque gostava de quem cumpria com suas obrigações e já sabia muito bem do que eu era capaz, através do que fiz na sua residência oficial. Nunca me negou nada do que lhe pedi. Eu, como tinha que ser, cumpria todas as ordens dadas diretamente por ele ou através de meu chefe.

Depois da aposentadoria do meu primeiro chefe, isso começou a provocar inveja naquele que foi meu segundo chefe, de quem eu era substituto designado pelo diretor. Achava ele que eu também tinha que fazer tudo o quanto ele quisesse. Como eu não lhe atendia, disse para outro funcionário que "ele, na qualidade de meu chefe, poderia me obrigar a cumprir os pedidos dele". Respondi para esse alguém: "Por que ele não vai então ao diretor dar parte que eu não quero fazer o que ele pede para si próprio, parentes e amigos. Quer ele brilhar às minhas custas?" Comparando o primeiro chefe com o segundo, o primeiro estava mais certo, porque, se me explorava, era em benefício da repartição, não em proveito próprio. Certa vez chamou-me de um termo vulgar, que significa o mesmo que bajulador. Respondi: "Não sou bajulador, e, se o fosse, no caso, não me sentiria diminuído por o ser de uma pessoa que pode fazer algo por mim. O que faço é minha obrigação, em cumprimento de ordens." O que não dava para entender era que esse funcionário sabia perfeitamente que o que o diretor pedia para fazer eram trabalhos vinculados à manutenção de sua residência oficial, e pedia até, às vezes, algumas não vinculadas à manutenção, mas eram para uso na própria residência.

Infelizmente, esse diretor faleceu repentinamente, segundo disseram, nos braços de seu secretário, quando acabava de ministrar na Escola Politécnica. Daí por diante, tud

muito em matéria de administração. Contam que certa vez, quando saía de uma aula, foi abordado por um aluno que lhe disse ter uma dúvida, a que o diretor respondeu: "Você é feliz, eu tenho inúmeras!"

Este diretor gostava de iluminar a repartição, tal como eram iluminadas outras mais, no dia 7 de Setembro. A oficina fazia a iluminação no edifício, montando no gradil de contorno do piso do torreão uma coroa de lâmpadas e em cada espigão do mesmo, colocava-se gambiarras de alto a baixo. Em cada ângulo formado pelo encontro das paredes do edifício eram colocadas sobre a platibanda lâmpadas de 1.000W que existiam no ON em forma de esferas, no tamanho aproximado de uma bola de football. A antiga torre da meteorologia também era iluminada, cujas lâmpadas também eram montadas sobre a grade protetora do patamar do alto da torre, e também colocadas gambiarras de alto a baixo nas pernas da torre.

A reforma administrativa

Em 1940, foi aprovada uma reforma administrativa pelo decreto no 6.362. Esta reforma foi realizada sob a supervisão do DASP-Departamento Administrativo do Serviço Público. Uma das boas coisas feitas no governo Getúlio, que, como simples departamento, funcionava com mais eficiência do que agora, como ministério.

No dia em que foi anunciado que o presidente do DASP viria ao ON, todas as mesas da administração ficaram com pilhas de processos. Todos os astrônomos estavam presentes. Munidos de classificadores de documentos debaixo do braço, levaram o presidente a percorrer as áreas de trabalho dos mesmos, ou, quer dizer, as áreas onde os mesmo deveriam trabalhar. Até a Oficina Mecânica estava toda arrumadinha e limpa, tendo como propaganda do estafante trabalho uma máquina de pêndula sobre uma mesa coberta por uma campânula de vidro, na qual estava encostada, pelo lado de fora, uma cartolina com a palavra "cuidado". Naturalmente para chamar a atenção da grande

importância do trabalho que ele não fazia. Em conseqüência de todo esse cenário, os funcionários que estavam na platéia me perguntaram se eu não ia fazer o mesmo na carpintaria, ao que respondi: "Para quê? Ele não vai lá. Além do mais, se ele for um homem inteligente, haverá de perceber que uma oficina, arrumada e limpa em hora de expediente é prova de que nela não se faz nada."

Esta reforma resultou na criação de Divisões, cada uma com um chefe. Uma foi chamada Divisão de Serviços Meridianos e Anexos, outra, Divisão dos Serviços Equatoriais e Correlatos. Foi criado um novo regimento interno onde cada funcionário sabia quem era quem e quais as suas atribuições, o que achei muito útil. Foi prevista também a construção do Observatório de Montanha, e duas estações magnéticas.

A oficina sempre existiu, mas estava sem chefe, que, por aposentadoria do mesmo, foi extinto o cargo, sendo recriado, tendo a escolha do novo chefe, de acordo com a tradição, recaído no mais antigo, que pela lógica seria o de maiores conhecimentos dos trabalhos específicos. Eu que vinha logo em seguida, em antigüidade, fui designado substituto por portaria no 12 de 11 de outubro de 1940, assinada pelo diretor da época. Hoje coloca-se qualquer um como chefe, bastando apenas que ele tenha um diploma qualquer, servindo mesmo até burocrata para chefiar uma seção técnica. Dizem que para mandar não precisa saber, porque o diploma sabe e faz o trabalho. Para o chefe, basta que ele saiba ir ao banco receber o vencimento. Se o diploma falhar, existem os técnicos para apresentarem o trabalho e segurá-lo na chefia.

O DASP-Departamento Administrativo do Serviço Público

Este departamento foi uma das boas coisas criadas no governo de Getúlio, apesar de eu nunca ter sido getulista. Mostrou serviço e organizou melhor o serviço público, como departamento, do que o atual Ministério da Administração, que só se preocupa com os

recursos humanos, mas não no sentido de melhorá-los. Isto não quer dizer que não continuassem a existir mazelas. Foi criado o calendário de compras, que serviu para organizar os pedidos de compras de material das repartições, em grupos de três dias, para serem feitos os pedidos de compras. O material foi classificado em certo número de espécie, pedindo-se cada espécie de material dentro daqueles três dias destinados para tal espécie. Isso fez com que todas as repartições, automaticamente pedissem o mesmo tipo de material num determinado período, contribuindo, dessa forma, para um fornecimento mais barato, em razão da grande quantidade que seria empenhada de uma só vez. Depois de ganha a concorrência, por esta ou aquela firma, os empenhos eram enviados à firma vencedora, determinando em que repartição deveria ser entregue, recebendo cada uma a quantidade de havia pedido.

O DASP também padronizou os móveis do serviço público, acabando com o privilégio de alguns funcionários, que queriam móveis especiais para seu uso, como o caso que conheci de uma funcionária datilógrafa que se julgava muito importante e pediu uma cadeira bem parecida com um trono. Os móveis foram padronizados obedecendo um estilo bastante robusto, sendo criados tamanhos de mesas de acordo com a categoria dos funcionários. As cadeiras passaram a ser no estilo americano de escritório, com assento de madeira pura. As estantes passaram a ser de portas de correr e bem mais resistentes do que as anteriores.

As corridas automobilísticas

Na gestão do primeiro diretor do meu tempo, o ON participava na cronometragem dessas corridas, que eram realizadas na época em que o Rio de Janeiro era de fato uma cidade maravilhosa, a qual tive o privilégio de conhecer. Essas corridas aconteciam em público em algumas ruas da Zona Sul. Esse conjunto de ruas onde as mesmas aconteciam era chamado de trampolim do diabo.

Não me lembro o nome de todas, mas uma delas era a Marquês de São Vicente, na Gávea, incluindo a Rocinha.

Lembro-me de alguns corredores brasileiros, como Ireneu Corrêa, Chico Landi, Manoel de Teffé, e mais alguns que não me lembro. Todos eram famosos. Dos participantes estrangeiros, lembro-me somente do italiano Pintacuda e da francesa Helé Nice, cujo carro foi o causador da morte de Ireneu, por ter derramado óleo na pista onde o carro de Ireneu derrapou.

O ON participava da cronometragem em colaboração com o Automóvel Club, cuja finalidade era torná-la oficial. Eram levados para tal empreendimento um cronômetro de marinha com contatos elétricos, o cronógrafo, impressor Gaertner, um cronômetro de algibeira, um manipulador telegráfico e baterias elétricas. O cronógrafo era posto em sincronização com o cronômetro e registravam num papel colocado no mesmo, os segundos, minutos e horas, por impressão através de tipos rotativos sobre os quais batiam martelos, com suas bases forradas de borracha, articulados por um eletroímã acionado pelos impulsos elétricos que partíam dos contatos do cronômetro, que eram alimentados pelas baterias.

O equipamento ficava montado no local da partida da corrida e a cada passagem de qualquer carro pelo local era acionado o manipulador telegráfico que imprimia a hora exata da passagem do carro. Dessa maneira sabia-se quanto tempo levou o carro para fazer a volta. Naturalmente, a cada passagem de carro seria anotado o número do mesmo.

Esse equipamento, certa vez, também foi para São Paulo. Se não me falha a memória, foi em 1939. Foi eu quem o encaixotou para a viagem. Participavam desse trabalho o astrônomo chefe do serviço da hora, na ocasião, e um funcionário da oficina com conhecimento da montagem do equipamento. Com a guerra, esse espetáculo terminou, porque, entre outros problemas, surgiu o racionamento da gasolina, tendo daí surgido o gasogênio. Muita

gente o adaptou em seus carros, aparecendo, portanto, inúmeras oficinas do ramo entre as quais uma na Rua São Luiz Gonzaga, entre o Campo e a Cancela, que chamava-se Ireneu Corrêa, em homenagem ao corredor falecido na época.

Esforço de guerra

Quando o Brasil entrou na guerra, surgiu uma trabalheira desagradável, proveniente do chamado esforço de guerra, que era uma incitação para que o povo contribuísse com tudo o que não fosse mais necessário em relação a metais, para ser entregue ao governo. O povo respondeu ao apelo satisfatoriamente, montando pirâmides de sucata nas diversas praças da cidade.

As repartições tiveram que relacionar tudo o quanto podia ser disponível em matéria de metais, como motores, e tudo de forma selecionada. Deveria ser explicado porque algumas coisas poderiam ser disponíveis e outras não, exigindo uma série de informações inúteis que só poderia ser criatividade de burocratas sem o que fazer, como existe hoje mais do que nunca.

Essa tarefa, além de não me pertencer como muitas outras, acabou nas minhas mãos. Tanto a separação da sucata como o datilografamento da relação, da qual ainda tenho cópias, foram feitos por mim. Foram separadas e relacionadas sete toneladas de metais, entre ferro, latão, zinco, vagonetas e trilhos. As vagonetas eram aquele tipo de transporte que se usa no interior das minas e circulam sobre trilhos. Tinham sido empregadas no plano inclinado, juntamente com os trilhos, na ascensão do material para a construção do ON. Achavam-se jogadas num capinzal que existia por trás da cúpula da equatorial 46, extinguindo-se. Também foram colocados à disposição alguns motores, conversores, geradores etc. que se achavam fora de uso, mas não interessavam à marinha, que era o ministério incumbido do recolhimento do material. Não foi verdade que nessa ocasião foram para a sucata peças da tão falada Luneta Pedro II, conforme

consta no livro 160 Anos de História do ON. Posso afirmar isso por ter participado na separação desse material. O que estaria faltando nessa luneta deveria ter acabado ainda quando a mesma se achava jogada fora no Castelo. Como outros instrumentos, foi comprada para se transformar em sucata. O único erro que se teria cometido seria a perda do motor de 15HP que pertenceu ao plano inclinado, caso a Marinha não tivesse recusado os motores. Mas isso porque, na época, não se estimou que tivesse utilidade como peça de museu. Apesar disso, ele está correndo risco de um dia tomar rumo ignorado.

O sinal luminoso que indicava a hora certa para moradores das imediações do ON

Na época da guerra, foi estabelecido na cidade o que se chamava "black-out". A iluminação da cidade foi diminuída de intensidade e os pontos de luz nos lugares altos foram apagados. Com isso, o ON foi atingido em relação ao tradicional sinal luminoso, que existia no alto da antiga torre meteorológica. O mesmo acendia às 20h e 55' apagando às 21h em ponto, servindo dessa maneira para os moradores das imediações acertarem seus relógios. Vinham há muito tempo querendo acabar com esse sinal, pelo fato de já existirem outros meios de o povo acertar os relógios. Temerosos de possíveis protestos, em conseqüência da tradição, continuaram conservando o mesmo, até que pela obrigatoriedade de ser apagado por longo tempo em conseqüência da guerra, não mais o acenderam, mesmo depois da guerra acabada.

Com o passar do tempo devido à falta de conservação, a armação onde se achavam as lâmpadas inclinou e ninguém estava se preocupando com isso. Quando assumi a chefia da oficina, a mesma foi retirada.

O sinal luminoso era acionado automaticamente através de um aparelho mecânico, sincronizado por uma penduleta que também enviava os sinais para o transmissor para jogá-los no ar. O

mesmo acendia no início da transmissão e apagava na emissão do último sinal sonoro e mais prolongado, emitido pelo transmissor. As transmissões eram feitas duas vezes ao dia: a primeira às 11h e a segunda às 21h. É lógico que o sinal luminoso só funcionava à noite. Na transmissão da manhã, havia um funcionário da oficina, que trabalhava na manutenção da sala da hora, que se incumbia de ligar o transmissor alguns minutos antes da transmissão, para ser feito o aquecimento no mesmo. Na transmissão da noite, havia alguns funcionários, que residiam na repartição, que faziam esse serviço, cada um dois dias por semana, um dos quais era da oficina. Os funcionários que faziam esse serviço ganhavam uma gratificação. Eles foram se aposentando, e os dias em que faziam a ligação iam passando para os outros. Isso foi sucedendo, de tal forma, que acabou o funcionário da oficina ficando sozinho e começou a reclamar porque não podia mais sair à noite. Propuseram-me então para fazer parte de tal operação, compartilhando da gratificação. Não aceitei, eu não queria compromissos além das horas de expediente. Fiz um oferecimento gracioso, lhe dizendo que "quando ele precisasse sair, me avisaria para eu ligar o transmissor". Não teve outra alternativa senão aceitar, embora não fosse isso o que ele queria, o que lhe interessava era não ficar na dependência de ter que me avisar. Diante de tantas reclamações, resolveram que o transmissor poderia ser ligado e desligado do interior da sala da hora, solução que não sei porque levaram tanto tempo para executar, pois não se justificava pagarem gratificações a funcionários para tal serviço.

Uma séria divergência

O armário balcão que se achava na cúpula da equatorial 46, que foi reformado em 1948, e sobre o qual havia um cronógrafo muito antigo, já fora de uso há muito tempo, foi a causa do aumento de uma divergência entre eu ,o encarregado da oficina e o chefe dos astrônomos.

Quando havia obras na repartição, era especificado, nos contratos, que o empreiteiro tinha que dar proteção a todo o

acervo existente no local. Como a fiscalização era feita pelo encarregado da oficina, isso normalmente não acontecia porque ele gostava de fazer amizades bem amistosas com os empreiteiros, e perdia a moral para exigir dos mesmos que cumprissem o que estava estabelecido no contrato. Assim, foram salpicados de tinta todos os móveis contidos na cúpula da equatorial 46, quando a mesma foi pintada. Terminada a pintura, o chefe dos astrônomos queria que eu pusesse tudo bonitinho, retirando os salpicos de tinta e envernizando tudo de novo, bem como fazer a reforma do referido balcão do cronógrafo. Se não fosse por ele achar que era minha obrigação, até que eu poderia ter feito. Achei isso um cinismo sem limite, deixarem sujar para levarem vantagem, e ter eu que recuperar tudo com a agravante de não ser minha obrigação. Quanto ao reparo do balcão, este eu não podia me recusar porque se enquadrava em minhas obrigações. Com a finalidade de cumpri-las e dada as dificuldades que me impunham, pois, sendo eu sozinho na carpintaria, não me davam o direito de usar um funcionário da oficina mecânica para me ajudar, ao menos nas situações de se lidar com material pesado. Não dava o braço a torcer conforme meu hábito e resolvi retirar, sozinho, o balcão do interior da cúpula, colocá-lo sobre uma galeota e bancar o burro sem rabo, puxando a mesma até a carpintaria, onde coloquei o balcão para a devida reforma. Diante do que estava acontecendo, fui ao diretor e expliquei a situação. Ele me preveniu para tomar cuidado com tal chefe, porque se tratava de um neurótico.

Estava eu em férias e o elevador em reparos quando nos cruzamos na escadaria da General Bruce. Ele descendo e eu subindo. Aproveitou para me interpelar perguntando:

- Quando vai envernizar os móveis?
- Quando entrei no ON não foi como lustrador e sim como carpinteiro-marceneiro.

O homem ficou furioso dizendo que ele mesmo ia lustrar, e depois de ter descido a escada, e já se achar na rua, começou a saltar alternadamente nos pés, falando sobre o que não me lembro mais, sendo comprovado ser realmente um neurótico. Continuei na escada olhando para ele e ouvindo o que dizia, até que foi embora. Fui novamente ao diretor e comuniquei o acontecido, quando, mais uma vez, ele me disse que "havia me avisado". Respondi, então:

– Não é mais possível agüentar sem reação.

E o diretor:

– Vamos aguardar se ele vai dar parte.

Era normal o diretor passar em frente à carpintaria quando ia de casa para a repartição e vice-versa. Passados três dias, numa de suas passagens, me chamou e comunicou nada ter acontecido. Porém, o encarregado da oficina apareceu e me disse que tinha ordens do referido chefe para retirar o balcão do interior da carpintaria. Com essa atitude, mostrou que, além de ser neurótico, fazia picuinhas como criança. Respondi ao encarregado:

– Você não vai tirar nada, porque eu mostrei não estar me recusando ao cumprimento de meus deveres quando o fui buscar sozinho, sem que você providenciasse nenhuma ajuda. Portanto, agora ele só vai sair daqui novamente levado por mim, e só depois de recuperado. Se você providenciar alguém para retirá-lo, vou levar ao conhecimento do diretor que você tem chave da carpintaria, o que ele certa vez quis saber e eu encobri.

Aí, pararam os desentendimentos. Mas tendo o diretor tomado conhecimento de todos esses fatos, deu-me ele o privilégio de

ficar independente, passando eu a não ter que prestar obediência a mais ninguém, senão a ele.

Com isso ganhei um livro de ponto exclusivamente pessoal, que ficava em sua residência, onde ia somente de três em três dias assinar o ponto de todos os dias e para entrar em contato com ele e tomar conhecimento de algum serviço a fazer. O ponto era fechado por ele, diretor, sendo eu o único funcionário com o privilégio de ter o ponto fechado pelo diretor. Isso aumentou ainda mais a inveja do meu chefe e possivelmente a raiva do chefe de astronomia. Então, se eu fosse bajulador, não era esse diretor merecedor de tal coisa? A verdade era que o diretor não era pessoa amiga de bajulações, a consideração que eu desfrutava era motivada pelo meu gosto pelo trabalho, tendo iniciativas e fazendo muito serviço que não era de minha obrigação, desde que falassem comigo de boas maneiras. Nunca apresentei serviço nas costas de ninguém, nem apresentava falsos relatórios de serviço, nem pelo fato de morar no recinto da repartição. Vinha à noite para a repartição correr de um lado para outro, para impressionar o chefe dos astrônomos, e por isso ser julgado um grande trabalhador, pois ele não sabia que muito trabalho apresentado era feito por um outro funcionário da oficina, que era pessoa de paz. O papel que ele desempenhava era mais de um agente de comunicação entre a oficina e o pessoal que trabalhava à noite. Quem no caso então fazia o papel de bajulador?

Com o falecimento desse diretor, fiquei sem ter onde assinar ponto. Quiseram aproveitar a situação para me colocarem novamente sob as ordens do chefe da oficina, o que seria uma grande vitória para ele. Ele estava eufórico e eu grandemente constrangido. Mas consegui derrotá-lo mais uma vez. Conversei seriamente com o novo diretor e consegui dele assinar o ponto na portaria. Ele me alertou não ficar bem para mim, na qualidade de um artífice, ter o ponto fechado pelo porteiro, mas lhe disse preferir assim.

O segundo diretor do meu tempo

O segundo diretor que conheci tomou posse em 25 de janeiro de 1951. Em 26 de janeiro, lançou um manifesto para todos os funcionários reconhecendo não ser dele o direito de assumir o cargo. Segundo disse, só o aceitou porque quem tinha direito ao mesmo declinou desse direito por declaração feita ao ministro da Educação, em audiência concedida a uma comissão de membros da Academia Brasileira de Ciências, alegando preferir permanecer em estreita e direta colaboração com a diretoria que viesse a ser constituída.

No meu entender, não foi essa a verdadeira causa. Possivelmente, ele pensou nas incompatibilidades e dificuldades que teria em dirigir os trabalhos do ON com o pessoal que estava acostumado, por sua culpa, a chegar ao ON, colocar na caderneta que o céu estava encoberto, assinar o ponto e tomar rumo ignorado. Algumas vezes faltavam até quinze dias consecutivos e quando era chegado o momento de ser tirada a freqüência, para efeito da folha de pagamento, a administração lhe perguntava se lançava falta e ele respondia não, passando a telefonar para cada um, para que viesse assinar o ponto. Esse diretor disse, numa carta circular, não hesitar na contratação de estrangeiros justamente por essas razões e, possivelmente, baseado na criação do CNPq que se propunha facilitar tais contratos em prol da ciência. Porém, isso não aconteceu e o único estrangeiro contratado foi um polaco que tinha fugido da Polônia para a Inglaterra, na época da guerra. Sua especialidade era relógios em geral. Veio para o ON trabalhar na manutenção dos mesmos e infernizar a vida de muita gente. Sua atividade nesse setor durou pouco porque o serviço da hora passou a ser eletrônico. Passou ele, então, a trabalhar como auxiliar do engenheiro eletrônico, encarregado da montagem dos novos instrumentos. Simultaneamente, começou a desmontar, desordenadamente, o sistema antigo, jogando máquinas de pêndulas para um lado, caixas para outro e osciladores para outro. Naturalmente, com o

propósito de dificultar uma futura montagem por outra pessoa. Por casualidade, essa pessoa veio a ser eu, que as montei no museu a pedido, e agradeço terem me dado a oportunidade de provar ser capaz de tal, dirimindo as dúvidas do ON.

Residência dos diretores

Esse segundo diretor não quis se envolver com a parte administrativa, deixando-a a cargo de seu secretário, que foi o mesmo do diretor anterior. Não quis tampouco morar na residência oficial por residir em Copacabana. Resolveu então o secretário, naturalmente de acordo com o diretor, transformar a casa de uma em duas residências, pois, como se pode ver, a mesma possui sobrado. Para isso, bastou só fazer cozinha no sobrado, porque banheiro já existia. Assim, foram para lá morar no andar térreo, o estrangeiro, cuja função era relojoeiro e, no sobrado alguém muito amigo do secretário, até com laços de parentesco. Além disso, acabou com o belo jardim que existia na frente da casa para no lugar construir duas casas de frente para a Rua General José Cristino, sendo uma para a chefe da administração e a outra para sua própria residência.

Assim, mais uma vez, foi derrubada a tradição de que residências no recinto do ON seriam só para funcionários, cuja função fosse necessária para prestar serviços aos sábados, domingos, feriados facultativos, à noite e madrugadas, sempre que ocorressem fenômenos astronômicos. Os funcionários, cujas funções se enquadravam nesse finalidade, eram alguns da oficina e alguns da portaria. Os da oficina tinham a finalidade de atender eventuais panes que surgissem no funcionamento dos instrumentos ou cúpulas. Os da portaria tinham por fim a abertura das cúpulas, trapeiras, dar corda nos instrumentos e deslocar a escada de observação para onde o astrônomo pedisse. Os funcionários da portaria que faziam esse serviço chamavam-se guardas-manobras.

Além do desaparecimento do jardim dessa residência, desapareceu, também, um lago artificial que existia a uns 10m afastado da fachada dos fundos, sobre o qual havia uma ponte, cujos parapeitos eram de alvenaria imitando galhos de árvore. Possuía, ainda, uma cascata artificial, bem como peixes ornamentais.

Adiantamento para pequenas despesas

No tempo do primeiro diretor, eu recebia periodicamente um adiantamento no valor de 1.000 cruzeiros. Esse dinheiro era para despesas de emergência da carpintaria. O mesmo ficava sob minha guarda, sendo que mensalmente prestava contas das despesas realizadas, comprovando-as através das notas de compras. De 1953 em diante, recusei-me a continuar recebendo, porque, o segundo diretor, talvez influenciado pelo secretário, queria que eu o entregasse a ele onde ia ser gasto com coisas que eu não ia tomar conhecimento. Isso não era uma medida legal, porque, qualquer mutreta praticada, quem pagaria o pato seria eu, pois era eu quem tinha que ir ao Tesouro Nacional recebê-lo e, conseqüentemente, passar o recibo, ficando, portanto, sujeito a responder por qualquer irregularidade na aplicação do mesmo.

Uma vingança ridícula

Acho que o chefe dos astrônomos aproveitou a mudança de diretor para me fazer uma represália, pelo fato de eu ter recusado a envernizar os móveis que a firma tinha obrigação de proteger, quando pintou a cúpula equatorial 46, e não o fez por motivos muito conhecidos no serviço público. Ele deu parte de mim ao diretor, por ter eu agredido um funcionário que tinha um amigo chamado Samba em Berlim. Esse amigo inseparável lhe instigava a perturbar, sem motivo, alguns funcionários lacerdistas, e eu era um deles. Essa implicância era porque, sendo ele getulista fanático, achava-se incomodado com os lacerdistas. Eu vinha tolerando esse personagem há bastante tempo. Um dia me disse algo bastante intolerável. Não sei como consegui

engolir. Mas não ficou nisso; continuou a provocação até que eu, não agüentando mais, me aproximei dele e pedi explicações sobre o que ele tinha dito. O mesmo me recebeu fazendo gestos violentos com as mãos quase tocando no meu rosto. Aí, dei-lhe o primeiro tapa e o mesmo caiu como uma fruta podre. Quando se levantou, dei-lhe o segundo tapa, e ele tornou a cair. Ao se levantar pela segunda vez, o fez sacando de uma faca, provando estar mal-intencionado, sendo comprovado por testemunhas que ele estava armado. Isso aconteceu à noite no recinto residencial. Diante disso, fiquei confuso por não ter como me defender, pois nunca usei arma de espécie alguma e acabei por me refugiar na repartição, porque enfrentar uma faca somente com os braços ia ser muito desigual. Além da covardia, por parte de quem usa arma contra quem esta desarmado. Era noite e o chefe dos astrônomos estava no gabinete dele. No dia seguinte, fui chamado ao gabinete do diretor onde encontrei o meu acusador sentado ao lado do diretor. Fui interrogado pelo diretor. Expliquei o que tinha acontecido, e o meu acusador me perguntou:

– Qual era o estado do portador da faca?

E eu disse:

– Por acaso o Sr. não sabe? Qual é o estado normal dele todos os dias? Se o Sr. desconhece, posso apresentar outras vítimas de suas provocações.

O diretor disse para mim, que eu, como funcionário, deveria ser tolerante. E lhe respondi:

– Não sou Cristo, que, dizem, levou uma bofetada numa face e virou a outra face para o mesmo fim.

Diante das ameaças que estava me fazendo, respondi-lhe:

– Faça o que o Sr. quiser, que eu vou tratar da minha defesa. Dei-lhe as costas e saí porta afora do gabinete.

O meu acusador conseguiu o seu objetivo. Fui suspenso por um dia, o que para mim pouco importou. Podia até ser mais, porque, quanto mais dias, melhor seria para eu ganhar dinheiro, trabalhando particularmente onde não me faltava trabalho.

Meu antagonista pegou cinco dias. Estranhei os defensores do mesmo terem deixado ele pegar uma pena tão dura, que possivelmente não passou de uma farsa, constando estar suspenso, mas não ser descontado nos vencimentos. No final das contas, nem uma nem outra suspensão teve validade, porque Juscelino, quando tomou posse, deu anistia. Apesar de estar sempre abastecido de álcool, sabia com quem se envolvia, pois era um grande bajulador do alto-escalão. Tanto que ele não se corrigiu e continuou com o tal amigo, que o instigava a perturbar os outros. Tomei então uma decisão. Fui ao secretário e lhe disse:

– Ou a administração põe um fim nisso ou na primeira provocação que ele me fizer daqui por diante, não farei nada que me prejudique. Vou ao distrito e peço para que ele seja submetido a um exame legista. Isso poderá resultar num mal-estar para toda a administração, por estar tolerando um funcionário diariamente embriagado, perturbando quem está trabalhando, pelo fato de não serem do partido dele. Funcionário habitualmente embriagado é passível de demissão de acordo com o estatuto.

Só assim pararam as provocações.

A personalidade de meu antagonista

Este homem tinha poder, pois era que, por direito, seria o diretor, e que, por felicidade minha, não o foi, tendo cedido o cargo para outro da maneira como já foi descrito. Nessas circunstâncias, o

diretor que estava no cargo não tinha força para discordar dele. Então, tendo ele dado parte de mim, teria o diretor que fazer sua vontade. Só que ele pedia punição para os funcionários sem importância, como aconteceu da outra vez, mas que ele não conseguiu seu intento, porque foi na época do diretor anterior.

Havia sob o comando do mesmo alguns funcionários fascistas e outros nazistas. Um dos fascistas saiu de sua seção para ir à seção do outro contrário, para discutir política. Como não estavam se entendendo, o tal fascista ofendeu o outro, que, por sua vez, colocou a mão sobre o pescoço do ofensor. O ofensor, por se julgar importante, foi se queixar ao chefe dele, que era o chefe da astronomia. Ele, de imediato, foi ao diretor, querendo um inquérito para punição do ofendido porque se tratava de um servente. Como foi descrito, o diretor na época desse acontecimento ainda era o anterior. O diretor convocou testemunhas e, depois de as mesmas serem ouvidas, chamou o ofensor e lhe perguntou:

– Você quer mesmo inquérito?

O ofensor ficou entre a cruz e a espada. Disse-lhe, então, o diretor:

– O problema é que, se houver inquérito, você vai entrar, porque saiu da sua seção para ofender o outro na seção dele.

Aí foi encerrado o assunto.

Este homem gostava de estar cercado de aduladores, que eram os funcionários que estavam sob suas ordens. Havia uma exceção, que era o chefe da oficina. Exceção porque não estava sob suas ordens, mas também era um grande adulador, não só dele como de muitos outros de alto-escalão.

O chefe da oficina gostava também de promover, de vez em quando, uns shows por influência de alguns líquidos. Gostava também de andar armado até os dentes dentro da própria repartição. Portava um punhal enfiado no cano da bota, que ele tinha ganho de presente de um empreiteiro. Portava uma pistola na cintura e, de vez em quando, dava umas voltas no campus com uma espingarda no ombro. Mas era inofensivo, tudo era pura exibição. Muito amigo de armas, mas pouco amigo do trabalho. Apesar de tudo, nunca foi chamado a atenção. Certa vez, estava eu conversando no meio da estrada com um jardineiro português naturalizado brasileiro, que tinha vindo do hospital São Sebastião, transferido para o ON, quando o guerrilheiro passou por nós. O jardineiro lhe disse:

– Olha, ele acabou de passar agora mesmo para lá. Nesse instante.

Ele deu uma parada e perguntou:

– Ele quem?
– O homem que inventou o trabalho, tu não andas a procurá-lo para matá-lo? - disse o jardineiro.

Ficou meio desconsertado e seguiu seu caminho sem dar resposta.

Os funcionários que se achavam sob as ordens de meu acusador cometiam suas irregularidades e nunca foram punidos. Faltavam quinze dias consecutivos e não levavam faltas. O abuso do pessoal sob seu comando chegou ao ponto de, se considerando impotente para reprimi-los, foi no tempo do primeiro diretor,se queixar a ele. O diretor lhe respondeu nada ter a ver com o que acontecia, porque lhe tinha dado carta branca para resolver todos os problemas da astronomia, da maneira mais conveniente, inclusive a própria escolha do pessoal para trabalhar com ele.

Isso o diretor me havia dito numa das costumeiras conversas comigo.

Na época da guerra, ficava o mesmo rodeado de fascistas e nazistas comemorando com euforia as vitórias dos alemães nos bombardeios sobre Londres. Quando chegou a virada baixaram a crista. Algo que até hoje não consegui entender foi o caso de dois oficiais da Marinha que foram expulsos da mesma por participarem do levante integralista de 1937, um dos quais, filho de alemão, terem conseguido entrar para o ON como astrônomos. Estavam sob as ordens desse chefe e participavam das reuniões nazistas e fascistas na sua sala. O mais incrível ainda foi quando Getúlio caiu do poder. Foram anistiados como tantos outros e reintegrados na Marinha com direito a tudo o que deixaram de receber enquanto estiveram fora dela, até mesmo promoções.

Motim a bordo

Com o falecimento do chefe dos astrônomos ou o imediato, surgiram vários desentendimentos. Já havia uma certa hostilidade contra o secretário, por estar o mesmo interferindo onde não era sua seara. O estrangeiro passou a ser o homem de confiança do diretor na parte técnica e começou a dedurar os astrônomos que vinham à repartição, assinavam o ponto e escreviam na caderneta de ocorrências que o céu estava nublado, tomando rumo ignorado sem antes irem para o divã. O estrangeiro os desmentia ao diretor.

O descontentamento se agravou pelo fato de o diretor não querer preencher as vagas de chefias, que eram pleiteadas por alguns dos novos astrônomos, considerando não haver competentes para ocupar as mesmas. Os desentendimentos passaram a ser contagiosos que até o secretário e o estrangeiro também se desentenderam em conseqüência da destruição do jardim da frente da ex-casa dos diretores e nele serem construídas duas casas.

As hostilidades contra o diretor chegaram a tal ponto que as supostas irregularidades do mesmo foram levadas ao conhecimento de um deputado, que as colocou em debate na câmara, dando em nada, por levarem com consideração a projeção do diretor no mundo científico. Não me lembro o nome desse deputado, mas lembro-me de que era pernambucano e irmão de um governador de Pernambuco. Em conseqüência disso, resultou não haver mais ambiente para os participantes da rebelião, terminando por se afastarem do ON e indo para o Valongo lecionar astronomia. Pouco tempo depois, surge novo problema. O encarregado da oficina gostava de umas cervejas, o que, para mim, não era nada demais, porque eu também gosto. O caso era que, de vez em quando, ele consumia demais e ficava descontrolado. Num desses dias de maior consumo, eu soube ter havido um desentendimento entre ele e o diretor, por ter sido preterido em uma ida a Tatuoca por outro alguém para execução de um serviço. Como tinha o hábito de andar armado, disseram ter ameaçado o diretor de lhe dar um tiro. Pediram ao diretor para se retirar da repartição, mas ele se recusou. Conseguiram levar o encarregado para a biblioteca onde o diretor resolveu ir aproximando-se bem dele, e defrontando-se cara a cara, para ter bastante certeza do estado do mesmo, dando-lhe uma advertência por escrito e, em seguida, ter o mesmo se aposentado, a conselho de outros funcionários, para não sofrer uma punição maior.

Aposentadoria do encarregado

Tendo o encarregado se aposentado, eu, na qualidade de substituto e sendo o mais antigo, no meu entender, deveria ocupar a função. Porém, tal substituição, de acordo com o estatuto, não era automática. No estatuto estava escrito que o substituto somente assumiria a chefia nas férias ou faltas eventuais do titular, e só faria jus à gratificação se essa substituição fosse por mais de 30 dias. Eu queria o cargo não pelo fato de querer ser chefe, mas sim porque me sentia desprestigiado ao ter que receber ordens de alguém mais novo do que eu e sem os conhecimentos

gerais do serviço. Como os demais, também fui posto de lado. Mas eu sabia que tinha alguém pondo obstáculos à minha pretensão, porque queria alguém na chefia da oficina que o atendesse sempre que quisesse, na dispensa de funcionários para fazerem serviços na sua residência, que, apesar de ser do patrimônio, era um precedente inconveniente e prejudicial aos serviços do ON, sendo eu contra isso. Aí, então, chegou também a minha vez de me desentender com o diretor, e, com isso, minhas relações com o tal estrangeiro foram abaladas. Entre os astrônomos houve uma exceção que passou em circunstâncias muita estranhas a ser muito amigo desse estrangeiro, talvez em vista do grande prestígio do mesmo com o diretor, estava ele a fim de, através do mesmo, conseguir alguma subidinha na vida. De certa maneira, ele conseguiu ser designado pelo diretor a ser o supervisor da oficina. Implantou então um regime autoritário, criando uma caderneta onde, diariamente, os funcionários da mesma teriam de anotar a produção diária.

Eu, independentemente do ponto de vista de meus colegas da oficina, não aceitei pacificamente tal atitude. Para mim, era um absurdo ter que me sujeitar a tais coisas, depois de um grande número de anos de serviço, até mesmo alguns como substituto de encarregado, onde ficou patenteada a minha competência em todos os setores de atividade da oficina. Estava criada uma situação exclusivamente levada a interesses pessoais. Comecei então a descrever meu trabalho diário em termos técnicos específicos da profissão, da qual ele não entendia nada, pois o mesmo era geólogo e, independentemente disso, não poderia assumir a chefia de uma seção se só chegava à repartição às 22h. Passava o dia em seu escritório e o que só fazia, quando chegava, era ir à sala da caderneta tomar conhecimento se a oficina tinha trabalhado e colocar sua assinatura abaixo da anotação do que foi feito. Um dia, não recordo mais o motivo, me fez uma acusação na caderneta; também nela me defendi. Fui chamado para tomar conhecimento de que estava desvirtuando a finalidade da caderneta. Respondi-lhe que não. Eu estava somente me

defendendo pelos mesmos meios que ele usou para me acusar. Daí por diante, generalizou-se uma série de acusações e defesas por intermédio da caderneta, tendo a mesma passado a ser alvo de diversão para outros funcionários, que, devido estar a mesma em público, eles a liam e comentavam como eu escrevendo contra ele, eram as acusações reconhecidas pela sua assinatura. Tentou ele, certa ocasião, livrar-se dessa confirmação, passando a assinar no espaço que eu deixava entre a anotação do serviço e as acusações. Tendo eu percebido a sabedoria, passei a não deixar mais espaço entre uma coisa e outra, anotando as acusações logo em seguida às anotações de serviço.

Um dia recebi um desenho para execução de quatro pequenas bancadas para apoio de baterias do serviço da hora, desenho este não parecia ter sido feito por um engenheiro, segundo era de supor por me ter sido entregue por ele. Através da caderneta, pedi melhores esclarecimentos, uma vez que não havia outro meio, porque, como já foi dito, o cidadão só chegava às 22h. Meu expediente, como o normal de todas as oficinas, era durante o dia. Se ele, na qualidade de supervisor, não podia estar presente durante o dia, eu muito menos tinha obrigação de procurá-lo à noite. Como ele não desse a menor importância, procurei tirar proveito dessa situação para o pegar. Resolvi certa noite vir a repartição para lhe falar. Isso aconteceu por volta de 19h. O cidadão ainda não tinha chegado. Fui para casa. Às 20h voltei e o cidadão continuava ausente. Tornei a ir para casa, às 21h voltei novamente e o zeloso cidadão dos trabalhos alheios ainda não tinha chegado. Tornei a ir para casa e, quando faltavam 15 minutos para às 22h tornei à repartição e a situação era a mesma. Resolvei esperar algum tempo e quando eram exatamente 22h ei-lo que surge saindo do elevador. Achei não mais ser o momento de entendimento e sim, desentendimento. Fiz com que ele não me visse e, quando se dirigiu para a sala da caderneta para tomar conhecimento do conteúdo da mesma e colocar sua assinatura, me retirei para casa. No dia seguinte, estava eu de posse de fortes argumentos e, depois de ter anotado minha

produção, transcrevi tudo o quanto tinha ocorrido na noite anterior, lhe fazendo ciente do meu objetivo que não foi alcançado, e me custando a perda de algumas horas de descanso, após um dia de trabalho. Como ficou transcrita a hora em que ele chegava, eu soube que ele falou para alguém que chegava aquela hora mas ficava até de madrugada trabalhando, o que para mim não era válido, porque, conforme disse, horário normal de oficina é durante o dia. Diante da apresentação desse argumento, mais uma vez sacrifiquei meu descanso vindo à noite à repartição para confirmar se ele dizia a verdade. Postei-me no plano mais alto do campus, no escuro, em frente à janela da sala onde o mesmo trabalhava no andar térreo, e, através dos vidros da mesma, vi todos os movimentos do mesmo no interior da sala. Era normal a repartição encerrar o expediente às 23h. Todos saíram, ele ficou. Passando dez ou quinze minutos, quando já não havia mais ninguém, ele arrumou a trouxa e também saiu. Essa permanência por mais alguns minutos era para ninguém saber da hora que ele saía. Para facilitar esse ocultismo, o mesmo possuía chave de uma das portas externas do andar térreo, onde trabalhava. Como sempre comentei o fato, que foi aos ouvidos do mesmo, e, mais uma vez, fui chamado para contestar. Respondi:

– Não tem como, porque deixei meu descanso e vi quando o senhor saiu.

Outra ocasião, tornou a me chamar para dizer que eu estava escrevendo bobagens na caderneta, e que o diretor a lia. Respondi:

– Se ele a lê, melhor ainda, pois isso me interessa para que ele saiba quem na realidade o senhor é.

Sua verdadeira personalidade estava encoberta pelo seu amigo. Uma noite, tive uma forte discussão com o estrangeiro, ao qual disse tudo quanto tinha de dizer. Um colega me alertou para meus

20 anos de serviço, que eu tinha na época, dizendo que a corda arrebentava no ponto mais fraco. Respondi:

– Pouco importa, apesar de entrar no ON muito novo, não sou cria do mesmo, pois a profissão que nele vim ocupar já era de meu pleno conhecimento. Não vim fazer estágio no mesmo.

Em todos os lugares onde antes tinha trabalhado, era bem quisto e as portas continuavam abertas. Diante desta luta, o grande zelador dos trabalhos pelos quais não se preocupava, capitulou. A caderneta levou sumiço para não servir como prova de incompetência no futuro. O cidadão desapareceu do contato com a oficina, deixando de ser supervisor daquilo que ele não via e muito menos supervisionava.

Toda essa minha resistência era porque eu sempre confiei em mim próprio baseado no trabalho que apresentava, para o qual sempre tive muita disposição, fazendo praticamente de tudo espontaneamente pelo prazer de fazer e procurando discretamente aprender o que não sabia. Não havia funcionário, na parte da manutenção ou outra atividade, que me substituísse, não fazendo muito mais porque não deixavam, pensando estar querendo eu passar por cima.

A bonança

Diz o ditado que depois da tempestade vem a bonança. Tendo o diretor provavelmente sentido que todos esses desentendimentos só estavam atrapalhando o bom andamento dos trabalhos, e estando livre dos rebeldes, resolve então preencher as vagas com aqueles astrônomos que tinham ficado fora da luta, contra ele. A desistência do supervisor da oficina se deu pouco antes da volta de um funcionário da oficina tão antigo quanto eu. Fomos nomeados na mesma data, porém o mesmo tinha mais ou menos o dobro da minha idade, e por isso o respeitava, até mesmo foi uma

das testemunhas de meu casamento. Achava-se ele licenciado por motivo de doença e sua volta foi conseqüência da posse do Jânio Quadros, que exigiu a volta de todos os funcionários aos seus postos. Tanto os licenciados, como os que estavam fora. De minha parte, achei absurda essa exigência em relação aos doentes, sem que fosse primeiro conhecido seu estado de saúde. Porém, este funcionário aparentemente pareceu estar bem. O secretário, que andava atrás de um chefe da oficina para ser manipulado por ele, viu a oportunidade de isso acontecer, e veio conversar comigo sobre a possibilidade deste funcionário vir a ser o chefe da oficina, e eu o substituto do mesmo. Concordei de imediato, lhe respondendo:

– Nunca fui contra o referido funcionário, que era um grande amigo meu, tão antigo quanto eu, e por isso eu lhe respeitava.

A mim só me era difícil passar a receber ordens de alguém mais novo do que eu, tanto em idade como em tempo de serviço. Porque por tradição, sempre foi o funcionário mais antigo que ocupava o cargo de chefia, até mesmo também porque tinha melhores conhecimentos do serviço.

Fui então mais uma vez designado substituto, por portaria no 31, de 3 de novembro de 1958. Antes, porém, dessa portaria, por deficiência de pessoal na oficina, tinha recebido uma outra, no 14, de 18 de abril de 1958, prorrogando meu expediente por mais duas horas diárias pelo prazo de sessenta dias, para, além de executar os serviços vinculados ao meu cargo, colaborar também nos trabalhos de rede d'água, esgotos, instalações elétricas e pinturas, no edifício e demais prédios.

Daí em diante, começou a se pôr tudo em ordem de bom funcionamento. O encarregado era um tchecoslovaco naturalizado brasileiro, de muito bom temperamento. Deixou tudo praticamente sob minha responsabilidade, continuando ele

com exclusividade nas suas tarefas que eram vinculadas ao serviço da hora.

A única pessoa que não estava se entendendo com ele era o tal estrangeiro, apesar de os mesmos serem de raça eslava. Essa pessoa, chefe da oficina, além de ser de um bom temperamento, tinha um grande espírito esportivo, e eu notava no mesmo que tinha desejo de dar um passeio na minha moto. Como a moto possuía um sid-car, um dia lhe disse:

– Vou levá-lo em casa na moto.

Percebi o grande contentamento que se apoderou dele. Morava ele em Cordovil e possuía uma barba. Terminado o expediente, ele se acomodou no sid-car, eu montei na moto, coloquei em zero a parte do velocímetro, que conta a quilometragem de um ponto ao outro, e partimos. Fomos pela Avenida Brasil que, naquele tempo, podia-se correr bem. Chegados à porta da casa do mesmo, lhe disse:

– Quatorze quilômetros.

Ele olhou o relógio e respondeu:

– Quatorze minutos.

No dia seguinte, com a maior satisfação, estava contando a aventura aos demais funcionários da oficina, dizendo que eu corri tanto que até a barba dele se dobrava pela ação do vento.

Reinado de Momo

Depois de parecer estar tudo calmo, sempre surge um contra-ataque de surpresa. Com a eleição de Jânio Quadros, os astrônomos dissidentes que estavam afastados, pelo fato do fracasso de suas pretensões, aproveitaram a oportunidade e

voltaram ao ataque, conseguindo, desta vez, o afastamento do diretor, tendo sido um deles designado para o cargo. Entraram triunfantemente no ON em meio a espalhafatoso buzinaço. Mas, como era sabido, o diretor afastado tinha grande prestígio no mundo científico e três dias depois foi reconduzido ao cargo, tendo, com isso, de os dissidentes baterem em retirada, possivelmente muito humilhados. Sua breve permanência de três dias ficou conhecida como reinado de momo.

Minha designação

Esse amigo e colega que aceitei como encarregado da oficina, infelizmente, tinha problemas de coração. Estava licenciado antes de Jânio, e foi um dos que tiveram que voltar, mesmo sem ter terminado sua licença, em conseqüência da intimação sumária de volta ao trabalho de todos que estavam em licença, determinada pelo Jânio. Acontece que, aproximadamente dois anos depois de ter assumido a Chefia da Oficina, foi novamente forçado a se licenciar. Fui então designado interinamente como encarregado da oficina, por portaria no 41, de 14 de novembro de 1960. Acontece que o mesmo veio a falecer e acabei sendo designado encarregado da oficina, em caráter permanente, até quando quisessem, pela portaria no 61, de 27 de abril de 1961, com posse tomada na Divisão do Pessoal do MEC pela portaria no 5, de 27 de abril de 1961, publicada no Boletim do Pessoal no 38, de 15 de maio de 1961.

Chefia

No meu entender, ser chefe não só depende ser necessário conhecer os trabalhos a serem dirigidos, como também depende de vocação. Um chefe tem de fazer o máximo para dar o bom exemplo. Não deve ter aquela mentalidade, que foi expressa por alguém que conheci, que dizia: "Chefe é para chegar e sair a hora que quer, e também vir quando quiser." No meu conceito deve

ser o primeiro a chegar e o último a sair na seção, abrindo-a e fechando-a, para poder ser responsável pela mesma. Não deve ser um águia, não só pelo fato de bancar o sabido, mas também por estar sempre voando, incentivando seus subordinados a fazerem o mesmo. Tem de ter interesse em pôr o serviço em desenvolvimento. Tem que ter iniciativa, não esperando que outros venham a reclamar sobre o que está na frente dos olhos, mostrando necessidade de ser feito. Se possível, ser apaixonado por sua função. Não deve ser aquele chefe que só tem interesse pela gratificação que recebe. Sou suspeito para falar porque fui chefe, mas os fatos aí estão para comprovar como atuei, sem querer me considerar ser infalível.

Minha atuação como chefe

Na minha seção, não havia exemplo para justificativas de freqüentes chegadas atrasadas. Havia 15 minutos de tolerância para chegar. Após terminado, o ponto era fechado, e só com uma justificativa muito forte era permitida a assinatura do ponto com meu aval. Chamavam-me de radical, mas eu não podia abrir precedentes sob pena de perder o controle sobre a oficina. Mas não era tão radical assim, era apenas uma medida para não virar bagunça. Havia uma chance de comparecerem a um sábado, que muito bem entendessem, para pagamento da falta, fazendo um expediente reduzido. O maior sacrificado era eu, porque também vinha à oficina sem nada ter para pagar. Eu não aceitava que outras seções que não cumpriam horário servissem de argumento para ser feito o mesmo na oficina.

Quando havia serviço, para cuja execução era necessária a colaboração de todos, eu solicitava essa colaboração na condição de dar uma folga a cada dia correspondente ao serviço prestado, por estarem fora da função. Assim consegui fazer muito serviço, que, se não fosse usada essa estratégia, teria ficado por fazer. Isso poderia ser uma irregularidade, como me disseram certa vez, mas era uma irregularidade proveitosa para a repartição, e por isso

podia ser esquecida, trazendo solução para muitos problemas. Fiz o possível para manter todos os funcionários da oficina como meus amigos, patrocinando todo fim de ano uma festa, onde não faltava o que comer e beber. Tratava-se de uma festa exclusiva da oficina.

Acidente ocorrido na entrada da alimentação de energia pela Rua General Argolo

Ao entrar certa noite de moto pelo portão da General Argolo, única entrada de veículos da época, a estrada estava numa imensa escuridão. A ordem era manter o portão fechado. Portanto, ao sair ou entrar, tinha-se que apear da moto ou saltar do carro, tanto para abrir como para fechar o portão. Apeei, abri o portão, montei, entrei, tornei a apear para fechar o portão, tornei a montar, e, quando tinha andado alguns metros, senti algo se enrodilhando na moto. Parei e percebi serem fios elétricos que, por minha sorte, estavam mortos, possivelmente porque algum automático tivesse interrompido a corrente por seus contatos com o chão. Fui à oficina, apanhei uma lanterna, desvencilhei os fios da moto e fiquei sabendo o que tinha acontecido. Tudo indicava ter havido uma tempestade muito forte em São Cristóvão, que ocasionou a queda dos postes de sustentação dos fios. Avisei à portaria o que tinha acontecido, para que outros funcionários que usassem o portão naquela noite tivessem cuidado. No dia seguinte, tratei de tomar providências para ser adquirido todo o material necessário à restauração. Assim que o mesmo chegou, botei mãos à obra com auxílio de dois serventes, pois, na época, a oficina não dispunha de pessoal e era necessário urgência na recuperação, porque o oficina estava sem energia.

Extintores de incêndio

Quando o ON recebeu os primeiros extintores de incêndio, recebi a incumbência de entrar em contato com a firma fornecedora para me passar instruções de manuseio dos mesmos,

para depois eu transferi-los para os funcionários da portaria e jardim. Quando chegou o momento, responderam-me que não eram bombeiros, sendo demonstrada e comprovada a falta de dedicação à repartição onde trabalhavam. Diante disso, não seria eu que os poderia obrigar a receber tais instruções, ficando tudo como antes.

Estatuetas do jardim

As estatuetas que se encontram sobre pilares de concreto no jardim da frente da fachada do prédio do museu são oriundas do belo jardim que existiu na frente da casa que foi dos diretores. Ficavam uma de cada lado, no início de uma escada de granito, que dava acesso ao plano baixo do jardim para o plano alto do mesmo. Foram de lá retiradas em razão do jardim ser destruído, para dar lugar à construção de duas casas que lá estão.

Essas estatuetas foram colocadas onde estão, por sugestão minha, porque pairava no ar que as mesmas iam deixar o ON para irem parar em algum jardim particular, ou em algum ferro-velho. Na ocasião em que eu estava providenciando a instalação das mesmas, possivelmente, despeitados, incompetentes e inimigos do trabalho, disseram ser um pilar para o meu busto e outro para o busto do secretário, que estava me dando apoio em tal iniciativa, porque estávamos vivendo um período de harmonia, por se ter chegado a um entendimento no interesse do bom desempenho dos serviços. Não dei a menor importância ao que diziam, mas parece que estavam profetizando algo de bom para mim no futuro, sem que eu nunca tivesse pensado que fosse acontecer. Referem-se a todas as considerações e homenagens que tenho recebido do Mast, até mesmo minha ida a Brasília para recebimento de medalha de honra ao mérito, para cuja viagem ainda me foi dado o direito de escolher acompanhante, cuja escolha resolvi fazer por sorteio, viajando dessa forma bem acompanhado.

Além de tudo isso, me foi proporcionada a oportunidade de me sentir desagravado perante alguns funcionários do ON, aos quais posso mostrar que competência é inteligência e força de vontade, e trabalho se desempenha com esses fatores, e não com diploma. Sempre me saí bem em tudo o quanto foi afeto ao meu cargo, sem precisar dos palpites dos perus diplomados que, quando surgiam no terreiro, era só para atrapalhar. Quero deixar claro que não tenho nenhuma prevenção contra o diploma, porque também possuo um, mas ele não sabe fazer nada daquilo que eu faço.

Banheiras que existiram no andar térreo

Essas banheiras foram retiradas de um banheiro que existiu onde hoje, está instalado o laboratório de vídeo. Havia um funcionário, cujo cargo era servente, que fazia cachorro-quente para vender na Quinta da Boa Vista aos domingos. Quando acontecia de estar de plantão nestes dias, para aproveitar o tempo, e pelo fato de estar sozinho, pegava os pimentões que o mesmo comprava na feira do domingo da Rua General Bruce, e os colocava de molho nestas banheiras. Isso naturalmente não o impedia de vender muito cachorro-quente, porque poucos eram os funcionários do ON que sabiam dessa façanha.

Os pilares de concreto do campus

Existe no campus um conjunto de pilares de concreto sobre uma pequena área acimentada que foram construídos pela oficina. Os mesmos foram construídos, os mais altos para assentamento de teodolitos, e os mais baixos para cronômetros de marinha. Sua finalidade era para treinamento de bolsistas ou estagiários que aguardavam o dia do concurso, que nunca chegava. Em conseqüência da demora, era normal sair uma lei efetivando todos aqueles que já tivessem mais de dois anos de espera, o que, por isso, havia poucos astrônomos concursados.

Os pilares mais baixos eram providos de tomada de corrente elétrica na qual era introduzida uma extensão com lâmpada para que, no momento necessário, pudessem ser lidos os círculos do teodolito e as horas nos cronômetros. No meio desses pilares, há dois que já existiam. Um é de alvenaria, tendo sobre o mesmo uma pedra de mármore sobre a qual ficava um heliógrafo, que, disseram, foi para a Universidade de Feira de Santana na Bahia. O outro é um fragmento, que parece ser de uma coluna estilo romana, sobre a qual existiu um relógio de sol em bronze que foi roubado. Fora dessa área acimentada, existe um outro pilar também de concreto, de forma retangular, também construído pela oficina, na época do eclipse de Bocaiúva. Sua finalidade era para assentamento da parte do celostato correspondente ao eixo terrestre, onde fica o espelho que acompanha o deslocamento do sol.

Escrevendo sobre esses pilares, que, por serem feitos pela oficina e constarem no meu relatório, fez com que a memória não os esquecesse, acabei também me lembrando da existência de um tanque de grande tamanho que existiu nas proximidades da torre, que foi da meteorologia e era útil aos serviços do campus. Logo de imediato, veio-me a recordação da existência de registros d'água no jardim da frente do prédio, para irrigação do mesmo, em torno dos quais foram construídos represamentos d'água. Segundo diziam, foram mandados fazer pelo Dr. Morize, para que ele pudesse, das janelas de seu gabinete, apreciar os passarinhos beberem água e tomarem banho.

Viagem a Vassouras

Fiz diversas viagens a Vassouras em serviço. Lembro essa pelo fato de nela ter acontecido algo de extraordinário. A mesma foi realizada num sábado, dia de não expediente, e, além de estar presente o encarregado da oficina, também estavam o diretor e seu secretário. O objetivo era o de o encarregado trocar o relógio do variômetro, e eu o auxiliar nesse trabalho.

O carro que nos conduzia pertencia ao CNPq e, mais ou menos no meio da serra, sofreu um enguiço grave. Tivemos sorte que apareceu um caminhão basculante, cujo motorista, que estava trabalhando no desmonte do Morro de Santo Antônio, residia em Vassouras, onde ia passar o fim de semana. Como era difícil resolver o problema, por falta de recursos no lugar, o mesmo se ofereceu para nos rebocar até Vassouras. Quando lá chegamos, o carro foi direto para uma oficina de onde saiu de madrugada. Eu não prestei o necessário auxílio ao encarregado na troca do relógio porque fiquei na oficina mecânica acompanhando o reparo do carro. Mas o diretor, diante do avanço da hora e com receio de se apresentarem novos problemas, resolveu pernoitar em Vassouras. Fomos, então, alojados em diversos lugares. O diretor ficou no mesmo quarto do escritório onde sempre ficava quando ia a Vassouras. O secretário e o chefe da oficina foram para a casa de um funcionário que residia próximo ao Observatório. Eu e o motorista fomos para um hotel na praça da matriz, onde um bêbado, o bate portas de carro, e o relógio da matriz, não me deixaram dormir. O bêbado chegou logo depois que me deitei e começou a fazer discursos embaixo da janela do quarto do hotel, que dava para a praça. Quando resolveu ir embora começou o bate portas de carros que, àquela hora alta da madrugada, só poderia ser de turistas, pois se tratava de uma madrugada de sábado para domingo. Paralelamente, havia o plem-plem de 15 em 15 minutos do relógio da matriz. Quando começou a clarear o dia, entrou o padre no alto-falante da torre rezando missa. Acordei o motorista, que estranhei estar dormindo com todo aquele show, que me disse já estar acostumado. Tomamos café e rumamos para o observatório para apanhar o resto da comitiva. Viemos de volta sem mais problemas. Por estar escrevendo sobre Vassouras, quero dizer que a primeira vez que lá fui, em 1935, ano que entrei no ON, fui com a finalidade, segundo instruções recebidas, de tomar conhecimento do que era necessário fazer em matéria de manutenção. Entre outras coisas, estive na nascente que abastecia o observatório a fim de fazer um levantamento do que

era necessário fazer na mesma. Examinei a caixa captora de água, a caixa de areia para filtragem, a fim de evitar a passagem de qualquer impureza, inclusive bichos, pois a nascente fica em um morro, ao lado oposto de uma das ruas que circundam o observatório, e, como todas as demais, era cercada de mato.

Lâmpada vermelha da portaria

Foi retirado um cabo elétrico morto, entre a torre do elevador externo e a portaria no edifício, cuja finalidade era para alimentação de uma lâmpada vermelha que existia no interior da portaria, que acendia quando o elevador descia. Se demorasse muito a retornar, um funcionário da portaria acionava um interruptor do tipo de campainha para fazê-lo subir. Evitavam-se assim brincadeiras com o mesmo pelos moleques da rua, pois naquele tempo não havia guardas.

A cisterna da General Bruce

A cisterna da General Bruce foi construída por sugestão minha, pois, responsável pela oficina, já estava cheio de reclamações sobre falta d'água, principalmente, de um engenheiro eletrônico que ia diretamente ao diretor, porque não gostava de falar com funcionários sem importância. Na minha sugestão, expliquei que a falta de água era motivada pela construção de um edifício de quarenta apartamentos na Rua General Bruce. Enquanto não ficasse cheia a cisterna do edifício, a água não teria pressão para subir ao ON. Havia uma outra entrada d'água pela Rua General Argolo, mas tinha o mesmo problema apenas com uma diferença: desse lado era uma maternidade.

Idealizei, então, a construção da cisterna em conjunto com um castelo. Seria assim mais fácil termos água porque a cisterna estaria no mesmo nível das outras e, assim, a água entraria simultaneamente em todas, e uma vez cheia a cisterna, a água

seria elevada por uma bomba para o castelo e dele distribuída para todas as dependências do ON. Responderam-me que não havia verba. Perguntei, então:

– Nem ao menos para a cisterna ?

Responderam-me afirmativamente.

– Façam a cisterna que o resto eu resolvo - disse eu.

Feita a cisterna, fui em busca dos elementos, com que já contava, para a solução do problema. Mandei levar para a oficina uma caixa d'água de chapa de ferro, que havia sido retirada de uma residência em ruínas que existiu justamente no lugar onde foi feita a cisterna. Essa caixa achava-se muito enferrujada e cheia de furos. Foram tampados todos os furos e, em seguida, foi pintada. Na falta do castelo, foi assentada sobre um dos patamares da torre que havia sido da meteorologia. No ano seguinte, com a existência de verba, foi trocada por outra de cimento-amianto que lá permanece até hoje, fazendo já 36 anos. Estão esperando que a mesma despenque em função do apodrecimento da madeira na qual está apoiada.

No tempo em que fui encarregado da oficina, eu me preocupava, periodicamente, com a limpeza da cisterna. Quando tinha quem se preocupasse com a mesma, havia perus se envolvendo. Hoje, existe em cima desta cisterna uma cobertura onde funciona um bar. Serve, também para serem feitos, em cima da mesma, forrós e outras farras, com possibilidade de entrar pelas escotilhas detritos prejudiciais a quem faz uso da água dessa cisterna. Além disso, instalaram gabinetes sanitários e banheiros nas proximidades, o que depõe contra os preceitos da saúde pública. Agora, permitem isso. No tempo que havia quem cuidasse do assunto, ficavam chamando a FEEMA para analisar a água. Por que não a chamam agora para ver se aprovam o que lá está?

Polimentos de espelhos

O porão da cúpula da equatorial 32 sofreu uma reforma geral, sendo feito nele novo piso. A pia original que era de ferro esmaltado e só dava para lavar as mãos foi substituída por outra maior em caixa de madeira, forrada internamente com lençol de chumbo. Foi, também, colocada uma porta com fechadura. Tudo isso para funcionar uma oficina de polimento de espelhos que não tinha vínculos com o ON. A finalidade da mesma era exclusivamente atender aos sócios de uma tal de ABA - Associação Brasileira de Astrônomos. Sua atividade começou a interferir na oficina e tinha como endereço o mesmo do ON. Em conseqüência disso levei ao conhecimento do diretor da época.

Luz fornecida pelo ON a alguns funcionários

Havia funcionários moradores no recinto do ON que tinham luz fornecida pelo mesmo, o que não era o meu caso, porque, desde 1937, quando vim morar no ON, eu mesmo fiz a instalação e requeri a ligação à Light em meu nome. O ON entrou nessa jogada somente no encaminhamento do requerimento. Essa irregularidade foi criada e cada vez aumentava mais, em conseqüência dos precedentes abertos por parte da administração, para atender em caráter de emergência a funcionários apadrinhados ou aparentados. Tais instalações eram feitas pela oficina e, diziam, era em caráter provisório, e enquanto aguardavam a ligação da Light iam ficando. Quando Jânio tomou posse, disseram que mandou um aviso aos diretores dizendo que aquele que gastasse luz além da importância da verba pagaria a diferença de seu bolso. Recebi, então, um memorando me dando carta branca para resolver essas irregularidades. Além disso, eu poderia, onde achasse possível, retirar lâmpadas ou deixá-las apagadas em alguns pontos nos dias em que não houvesse expediente. Poderia trocar lâmpadas de uma determinada intensidade por intensidade menor. Tudo isso foi feito. Quanto ao caso dos funcionários, não foi possível resolver. Postes foram

plantados, PCs foram instalados, fios foram estendidos e tudo o mais que fosse necessário. Quando chegou o inspetor da Light, exigiu algo que só poderia ser feito através de concorrência. Exigiu ele que os PCs fossem todos colocados na entrada da ladeira, e o pior foi que os já existentes teriam de ir, também, para o mesmo lugar. Aí acabou tudo ficando como estava e ainda está.

Contudo, o diretor não pagou a conta, porque somente o controle do consumo bastou. Apesar de não ter sido fácil, mais difícil foi convencer aqueles que quase não vinham à repartição a gastar menos luz. Entravam nas salas, acendiam as luzes e retiravam-se, deixando-as acesas. Havia uma ordem aos funcionários da portaria para apagá-las, mas, às vezes, eles voltavam, tornavam a acendê-las, retirando-se novamente deixando-as acesas. Minha fiscalização chegou ao ponto de eu vir à repartição aos domingos à noite, para ver o que estava acontecendo. Num desses dias, vi a lâmpada do alpendre do elevador acesa. Dirigi-me para o local e encontrei um dos funcionários da portaria, morador no recinto da repartição, que estava de plantão, em companhia da esposa, encostado no parapeito da ponte. Perguntei-lhe:

– Quem acendeu a lâmpada.
– Fui eu.
– Essa lâmpada não deveria estar acesa aos domingos - disse eu.
– Estou de plantão e, portanto, sou o responsável.

Disse-lhe, então:

– Você é responsável pelo que se passa na portaria, eu sou responsável pela iluminação e tenho uma ordem do diretor para ser feita economia, e, independentemente dessa ordem, sou eu quem confere as contas da Light com o medidor e as assina. Vou apagar essa lâmpada e se você tornar a acendê-la, vou dar parte de você ao diretor.

A lâmpada permaneceu apagada. Momentos depois veio a mim se queixar que eu o humilhei, por ter falado o que falei diante da esposa.

– Quando você me disse o que quis, não se lembrou de que estava diante dela - respondi-lhe.

Elevador novo

Depois que foi entregue a fatura relativa ao novo elevador, o diretor mandou-a para mim. Deveria dar meu parecer se o elevador apresentava condições, para que a fatura fosse paga. Achei que o diretor estava confiando muito em mim, mas, naturalmente, o mesmo considerou, que eu, na condição de encarregado da oficina, seria o mais indicado para isso. Considerei essa missão um tanto difícil, mas segurei. Fui até o elevador fazer uma inspeção e o mesmo me apresenta, logo de início, um defeito. Comuniquei o fato ao diretor, dizendo-lhe para prender a fatura, baseando-me nesse defeito. Passado três dias, o empreiteiro acompanhado do sócio e mais o encarregado, procuraram-me para saber o que havia com o elevador, se ele não estava bonito. Respondi:

– Ao ON não interessa no caso beleza, é preciso que o mesmo funcione, o que não está acontecendo.

Eles duvidaram. Convidei-os a irmos até o elevador e quando entramos no mesmo, se apresentou o defeito diante de todos, os deixando em suspense. Diante da prova, lhes falei:

– Direi ao diretor para só liberar a fatura depois que o elevador funcionar pelo menos durante dez dias sem problemas, o que é muito pouco tempo.

Este elevador tem a palavra ELBO como marca. Trata-se de uma combinação da primeira sílaba de elevador com a primeira sílaba do nome do fabricante, que era Borsani.

Iluminação sobre a Urania

O braço de luz sobre o vitral da Urania foi instalado onde se acha porque a iluminação original das escadas de acesso, do segundo andar para o terceiro andar, há muito tempo não funcionava por dois motivos. O primeiro porque havia um plafonier preso diretamente ao teto, sobre a escada do centro, o qual deveria ter aproximadamente 50cm de diâmetro, rodeados de lâmpadas, e, devido à infiltração pelo terraço, o mesmo deixou de funcionar. O segundo motivo era a dificuldade de se substituir lâmpadas, em conseqüência de sua altura e localização não facilitar o uso de escada, por falta de um apoio para a mesma.

O rádio que eu pedi

Pedi um rádio para me facilitar o acertamento das pêndulas e cronômetros de hora média através da transmissão de rádio-relógio, pois não seria necessário eu andar carregando um cronômetro de marinha e ter antes de conferi-lo na sala da hora, evitando também de eu estar olhando para a pêndula e cronômetro, olhando no caso só para a pêndula e ficando atento ao som do rádio. Foi-me negado com a promessa de que iam montar um somente com a freqüência da rádio-relógio. Não sei se tal negativa seria pelo fato de ser um serviço vinculado à hora e considerarem que a oficina não deveria estar envolvida no mesmo. A verdade é que, desde que entrei no ON, esse serviço já estava sob a responsabilidade de um funcionário da oficina. Veio parar nas minhas mãos em decorrência da seqüência de aposentadorias. Talvez esse serviço estivesse mesmo irregularmente sob a responsabilidade da oficina, pois, de acordo com o Art. 17-letra C do regulamento oficializado pelo decreto no 2.649, de 1o de outubro de 1940, o mesmo era incumbência dos astrônomos, que deveriam estar muito satisfeitos por estarem livres do mesmo. Diante de minha insistência de querer esse rádio, acabaram me dando um já caindo aos pedaços, que o serviço volante de magnetismo e gravimetria aposentou em razão de ter ganho um novo. Enquanto os astrônomos fugiam de algumas de suas obrigações, o chefe dos mesmos queria que

alguns outros funcionários fizessem o que não era de suas obrigações.

Substituição de pilhas em Vassouras

Em Vassouras, foram substituídas as tradicionais pilhas secas, chamadas de pilhas de telefone, que alimentavam os contatos das pêndulas, por pilhas alcalinas, por serem estas mais duráveis e, acabando aquela dependência de ter, constantemente, de ser comprar novas pilhas, também de terem o inconveniente de não poder ficar guardadas muito tempo, por se descarregarem e não poderem ser recarregáveis. No dia em que esse serviço estava sendo feito, o diretor achava-se em Vassouras. Foi avisado que o variômetro teria que ser interrompido no seu funcionamento por algum tempo. Pediu que fosse pelo menor tempo possível. Isso era serviço para o eletricista, porém como ele era novo no ON e não tinha experiência desse tipo de serviço ligado a instrumentos, eu estava ao seu lado e lhe recomendei para, antes de começar o serviço, traçar um desenho do sistema de ligações. Respondeu-me:

– Não é necessário.

Começou, então, o trabalho, até mesmo a retirada de um transformador que se achava sobre o forro do prédio, transferindo-o para junto do relé e as novas pilhas, formando um conjunto que foi montado numa estante, feita na oficina especialmente para isso. Fiquei bastante apreensivo quando, dado por terminado o trabalho, nada funcionou. Perguntei-lhe:

– A instalação está certa?

O eletricista respondeu-me que sim. Em conseqüência, minha apreensão aumentou porque a responsabilidade era toda minha, pois eu fui o autor da modificação, e, além do mais, o tempo estava passando muito do limite previsto para o refuncionamento, deixando de ser atendido o pedido do diretor. Já era noite e eu disse para o eletricista:

– Não vamos jantar, e se for preciso, nem dormir, enquanto não se descobre esse gato.

Ele continuava a procurar o defeito e não o encontrava. Suspeitei de um erro banal que o mesmo tinha cometido numa determinada ligação e lhe perguntei:

– Essa ligação esta certa?

E ele respondia que estava tudo certo. Mas não me convenci, e disse:

– Desligue esse fio daqui e ligue-o ali.

Feito isso, senti-me aliviado. Fomos, então, tomar banho e em seguida jantar. Pudemos dormir descansados.

Readaptação de funcionários

Em 1962, tive que elaborar resposta a um pedido de informação sobre dois servidores da oficina, com referência às atividades que cada um estava exercendo, para efeito de readaptação. Isto quer dizer que esses servidores, que há mais de dois anos vinham executando trabalhos de valor acima ao cargo para o qual foram nomeados, deveriam ser enquadrados no cargo que estavam exercendo, fazendo jus a um vencimento compatível. Dei as devidas explicações, informando o que realmente os mesmos faziam. Um deles não ficou satisfeito com sua readaptação. A fim de querer ganhar mais ainda do que ia ganhar, queria que eu o readaptasse como carpinteiro. Respondi:

– Não posso fazer tal coisa. Primeiro porque você pode ter conhecimento da profissão, mas não a estava desempenhando, e a lei manda que fossem readaptados nas profissões que estivessem exercendo, e por mais de dois anos.

Automatização da iluminação do campus

A minha iniciativa de instalar interruptores para automatização da iluminação do campus foi ocasionada pela aposentadoria do porteiro da época, que cumpria rigorosamente uma de suas tarefas de acender e apagar a referida iluminação. Não a deixava acesa até fora de hora do dia, como também não deixava o campus às escuras até tarde.

Seu substituto ocupou o cargo sem que por tradição lhe pertencesse, mas o conseguiu por bajulação. Com isso, conseguiu, também, uma casa que foi mandada construir para ele, se bem que houve outro contemplado. Mas esse já tinha pedido casa muito antes. A diferença era que o primeiro tinha cargo de chefia e fugia aos encargos aos quais tinha obrigação de cumpri-los em função da chefia, tornando-se ainda mais obrigatório, em razão de morar no recinto da repartição. Deixou a iluminação sem controle. Não a ligava nem desligava nas horas certas. Em conseqüência, surgiu um desentendimento entre nós dois, porque lhe falei sobre o assunto e me respondeu dando a entender que não iria dar importância a horário porque não estava a fim de sair cedo de casa para desligar a iluminação. Na ligação não havia problema porque o mesmo trabalhava à noite. Se lhe falei, foi pelo fato de ser necessária economia de luz. A fim de não criar um atrito, foi que pensei na automatização.

Saí em busca de algo para resolver o problema. Consegui numa tradicional loja de material elétrico uns aparelhos conhecidos como Time-Switch que eu, apesar de não falar inglês, sabia ser interruptores horários ou de tempo. Esses aparelhos eram de origem alemã e não passavam de máquinas de despertadores, nas quais estava adaptado um sistema de ligamento e desligamento, que era regulado por dial para se acender ou apagar a iluminação na hora que se desejasse. Foram requisitados três desses aparelhos, e imediatamente, foram providenciadas suas instalações. Os mesmos funcionavam por intermédio de corda que as era dada semanalmente. Esses interruptores logo

começaram a apresentar defeitos. Não sabendo como substituí-los, lembrei-me da possibilidade de adaptá-los a duas pêndulas que, desde a minha entrada no ON, achavam-se fora de uso. Eu tinha tomado conhecimento que elas tinham pertencido ao serviço de eletricidade atmosférica da meteorologia. Possuíam elas um eixo acoplado à máquina, balanceado para a parte de trás, provido no extremo externo de um pinhão. Levei uma para a oficina, a coloquei em funcionamento para saber quantas voltas esse pinhão dava por hora. Uma vez conhecido o número de voltas, calculei uma engrenagem que foi feita na oficina para ser acoplada, entre a pêndula e o interruptor, com a finalidade da pêndula movimentar o interruptor de forma que o mesmo desse o mesmo número de voltas da pêndula. Para isso, foi necessário aumentar o comprimento da haste do oscilador, volume do peso da corda, bem como fazer outras caixas mais altas, mais largas e mais fundas.

Mais tarde tomei conhecimento de haver surgido no comércio novos tipos de interruptores de origem americana, que funcionavam a eletricidade, ficando, dessa forma, de lado a dependência de corda e pêndula. Foram retiradas as pêndulas e instalados esses novos interruptores, que deixei funcionando quando retirei-me do ON. As pêndulas hoje se encontram em exposição no MAST, achando-se paradas pelo fato de os interruptores estarem desacoplados das mesmas, e não tendo elas que despenderem de força para movimentar os mesmos, iriam trabalhar com uma rotação acima da normal, não apresentando, portanto, uma hora confiável.

Com a minha retirada do ON, trocaram esses interruptores por células fotoelétricas. Eu sabia que as mesmas, uma vez colocadas, ofereciam menos trabalho, pois não havia necessidade de manutenção e isso era do que eles gostavam. Porém, tinham um inconveniente, não poderiam ser reguladas para apagar a iluminação ainda no escuro, impossibilitando, dessa forma, uma neçessária economia de luz. Percebo que agora não há essa

preocupação, pois a iluminação fica acesa em pleno dia e em qualquer escurecimento eventual elas acendem. Portanto, se algum dia voltar um outro Jânio, o diretor vai pagar a diferença quando o consumo for além da verba.

Depósitos de combustíveis e produtos químicos

Esses depósitos foram construídos por sugestão minha. O de combustível, em conseqüência da aquisição de uma Rural, cujo abastecimento era feito através de uma bomba adaptada nos tambores, que eram levados ao posto de gasolina para serem cheios e ficavam armazenados no ON em lugar de pouca segurança. O depósito de produtos químicos tinha a finalidade de armazenar a diversidade de ácidos usados na oficina, cuja emanação no ar era prejudicial as máquinas, ou a qualquer instrumento que eventualmente estivesse na oficina. Tanto um quanto outro acabaram não sendo utilizados. O de combustível, porque o sistema de abastecimento mudou, passando a Rural a ser abastecida diretamente no posto com a apresentação de talões destacáveis. O depósito de produtos químicos não foi usado porque a Divisão de Obras do MEC construiu um prédio bom demais para tal fim, que compunha-se de dois quartos, uma sala e banheiro completo, proporcionando-me pena de usá-lo para depósito. Ficou destinado a ser alojamento de estrangeiros que vinham ao Brasil, vinculados com a ciência, poupando ao CNPq a despesa de hospedagem conforme acontecia.

Esses depósitos ficam localizados um ao lado do outro, e ao lado de um dos oitões da oficina, sendo que o de combustíveis passou a ser abrigo de escadas, galeotas do serviço de limpeza e móveis em recuperação. Acha-se danificado, em conseqüência de uma secular jaqueira ter caído sobre o mesmo, quando foi cortada já na época do CNPq.

Medalha de ouro

Apareceu um diploma referente a uma medalha de ouro que o ON teria conquistado, como prêmio, pela apresentação de fotografias em uma exposição realizada na Espanha, entre 1929 e 1930. O diploma eu vi porque foi pedido para ser feito um quadro para o mesmo na oficina. Quanto à medalha, não sei se existe, porque essa eu não vi.

Relógio da fachada

Esse relógio parou depois que o funcionário da velha guarda, vindo ainda do Castelo, que tratava do mesmo, se aposentou. O funcionário que ficou e deveria substituí-lo, não sei se por incompetência ou não gostar do trabalho, não deu continuidade a sua manutenção. Depois de muitos anos parados, tendo eu assumido a chefia da oficina, decidi-me tentar pô-lo em funcionamento. Retirei o mesmo com o auxílio de outro funcionário e o levamos para a oficina, onde comecei a fazer experiências, procurando recompor seus elementos. Alguém do alto-escalão tomou conhecimento e não concordou, propondo-se a fazer algo melhor. Ficou, então, o relógio encostado na oficina e antes de me retirar definitivamente da mesma, entreguei esse relógio sob a responsabilidade dessa pessoa, com seus dois motores, a fim de que o mesmo não viesse a desaparecer, como já tinham desaparecido outras coisas. Acontece que, até hoje, a fachada continua sem relógio, e ninguém sabe dizer onde ele se encontra.

Acidente com o Dr. Lelio

No ano de 1963, aconteceu um acidente. A Rural que conduzia o Dr. Lelio e sua esposa, numa de suas viagens a Vassouras, resultou no falecimento da mesma. O fato ocorreu na estrada entre Piraí e Barra do Piraí. A Rural foi trazida de caminhão e levada para reparos, continuando o Dr. Lelio a usá-la sempre que ia a Vassouras.

Inventário dos livros da biblioteca

Em referência aos livros da biblioteca, comecei por fazer o destaque dos mesmos, do livro de registro geral, da entrada do material comprado, o qual se achava na administração. Quando já havia uma quantidade razoável destacada, procurei o funcionário da biblioteca e pedi ao mesmo uma colaboração no sentido de ver se existiam ou não os referidos livros. O mesmo se recusou, o que me revoltou porque eu nada tinha a ver com o problema e aceitei tal tarefa, enquanto ele passava o dia todo sem nada fazer, e era quem tinha tal obrigação, e se recusava. Disse-lhe, então, umas verdades e o mesmo teve a ousadia de me mandar sair da Biblioteca.

– Se você estiver certo, venha me pôr lá fora - respondi.

Continuei na Biblioteca, andando de um lado para outro, esperando que ele se decidisse me pôr para fora. Como isso não aconteceu, espontaneamente me retirei. Diante disso, desisti de continuar em tal inventário.

Casas geminadas construídas na ladeira em 1964

Fui designado a acompanhar o posicionamento dessas duas casas construídas na ladeira para moradia de funcionários, no lugar de outra antiga, existente antes de o ON vir para o Morro de São Januário, que como a casa 29 da mesma ladeira foi moradia de funcionário. Neste casa demolida, de estilo chalé como a 29, residiu o astrônomo que projetou o prédio do ON e a balaustrada do círculo meridiano de Gauthier, que foi construída na oficina de meu pai, onde esse astrônomo ia de vez em quando ver como estava o serviço. Esse astrônomo tentou trabalhar na Gauthier, o que com isso só arranjou inimigos, a ponto de ter que arrumar sua transferência para o Ministério do Trabalho.

Placas de trânsito

Sugeri fazer a disciplina do trânsito em mão única nas direções que ainda se encontram porque estavam acontecendo colisões em conseqüência da maneira de como era feita a circulação dos veículos. Foram, então, colocadas as placas de trânsito, de acordo com o diretor, sendo as mesmas feitas totalmente na oficina.

O reboque inglês que veio parar no ON

No ano de 1966, chegou ao ON um pequeno reboque, totalmente de ferro, que se achava avariado em conseqüência de um acidente proveniente do desembarque no cais do porto. Segundo disseram, esse reboque pertencia a uma comissão inglesa que veio ao Brasil, contratada pelo CNPq para montagem de um observatório em Brasília. Em seu interior havia uma quantidade de baterias, que também se achavam danificadas. Esse reboque veio para o ON a fim de ficar guardado, até a solução da apuração da causa do acidente, para efeito de pagamento do seguro.

Máquina de polir espelhos

Essa máquina veio de São José dos Campos. Não vi nela nenhuma utilidade para o ON, a não ser para os sócios da ABA para polimento de seus espelhos, enquanto o ON funcionou como sua sede. A mesma veio sem motor, que, no caso, fui eu quem arrumou o motor, entre alguns que existiam no ON e que se achavam sob minha guarda. Segundo disseram, acabou indo para Brasópolis, possivelmente para fim de nada, para o próprio observatório de lá.

A oficina do CNPq

A oficina que o CNPq construiu no ON, quando ainda não era fundação, foi para manutenção de seus carros. A mesma foi construída com a permissão do diretor do ON na época e com a

condição de nela também serem feitas a manutenção dos carros do ON. Era uma oficina que dispunha de bons profissionais, até mesmo um pequeno departamento com torno, aparelhos de solda e compressor. Nesse departamento, havia um funcionário que fazia a manutenção total dos aparelhos de ar condicionado, usados na sede do CNPq, abrindo os motores conhecidos como unidades seladas, fazia o novo enrolamento e os tornava a fechar. Tanto esse serviço como a manutenção dos carros era constante. Quando o CNPq passou a ser fundação, parte dessa oficina foi extinta, os funcionários foram todos postos em disponibilidade para dar lugar aos protegidos que os novos chefes prometeram emprego. As máquinas tomaram rumo ignorado.

Essa oficina saiu de onde se achava por estar funcionando no subsolo do edifício onde funcionava a sede do CNPq, no centro da cidade. A Saúde Pública condenou o lugar por considerar impróprio devido à contaminação derivada do gás carbono que estava prejudicando os funcionários. Mais tarde, essa oficina foi transformada em restaurante cinco estrelas para uso dos funcionários.

Eclipse de Bagé

Em referência ao eclipse total de 1966, ocorrido em Bagé, no Rio Grande do Sul, a oficina começou a montar, em junho daquele ano, para fins de testes, os instrumentos que deveriam seguir para observação do referido eclipse. Tratava-se do celostato, do foto-heliógrafo, de teodolito, e de outros pequenos instrumentos.

O celostato já tinha estado no eclipse de Sobral, no Ceará, no ano de 1919, e estaria, também, no eclipse de Bocaiúva, em Minas Gerais, não fosse o atraso do Congresso em votar a verba para tal. O celostato foi montado diretamente no campus, onde já havia um pilar de concreto de forma retangular, construído pela oficina na ocasião dos testes para o eclipse de Bocaiúva. Esse pilar é para ser montado sobre o mesmo, a parte do celostato que contém o eixo terrestre pelo qual é feito o acompanhamento do movimento

do sol, estando também nele o espelho primário. O foto-heliógrafo foi para a oficina para que depois da revisão fosse para o campus.

Os abrigos do celostato que foram utilizados em Sobral tinham a estrutura de madeira e eram forrados de lona, que se achava em mau estado. Sua cobertura não era prática, no sentido de colocar o instrumento em contato com o céu. Por essa razão, foram feitos novos abrigos com novo sistema de abertura, projetados por mim, que corriam como as trapeiras dos pavilhões das meridianas. Como quase sempre, em todo o trabalho de uma certa importância, surgia um peru para perturbar, nesse não houve exceção. O mesmo queria que o foto-heliógrafo fosse todos os dias colocado no campus, sem eu saber para quê. O certo era que todas as tardes o mesmo tinha que ser trazido de volta para a oficina, a fim de não ficar no relento. No dia seguinte, repetia-se a mesma cena, e assim se sucederam alguns dias. Esse procedimento estava retardando o preparo do instrumento. Fui, então, ao diretor pedir autorização para negar ao peru tal pretensão e fui atendido. No dia seguinte, o peru chegou com a mesma pretensão e lhe respondi:

– O foto-heliógrafo agora só sai daqui quando estiver completamente revisionado.

O astrônomo me perguntou quem eu era eu. O encarei, fiz uma pausa, e lhe disse:

– Eu sou o encarregado da oficina, designado pelo diretor através de portaria e com posse tomada na Divisão de Pessoal do MEC. Você é um astrônomo entrado pela janela.

Havia, também, um coronel da Aeronáutica, que freqüentava o ON desde quando era sargento na aviação do Exército, no tempo em que ainda não havia Ministério da Aeronáutica. Ele só freqüentava o ON à noite e dizia ser mais astrônomo do que os

astrônomos. Resolveu se reformar e, em conseqüência, passou a freqüentar, também, durante o dia o ON, deixando de ser percevejo de quartel para tornar-se percevejo do ON. Um dia, me perguntou se o vice-diretor tinha conhecimento do andamento do serviço. Respondi-lhe, então:

– Pelo regulamento, sou subordinado ao diretor, não ao vice. E entendo que a ele é quem devo informar o que estava fazendo. Diariamente lhe dou conhecimento do andamento do serviço. Ao vice devo me dirigir só nas faltas eventuais do diretor.

Falou-me, então, sobre hierarquia. Respondi-lhe:

– Desconheço essa palavra, porque não sou militar, nem o ON é caserna.

Não demorou muito e recebi um aviso assinado pelo vice-diretor que, de acordo com o diretor, o tal coronel estava encarregado de orientar os serviços necessários a pôr o celostato em funcionamento. Hoje estranho como acatei tal ordem, sem procurar saber se a mesma era verídica, pois não trazia o visto do diretor nem tão pouco recebi nenhuma ordem dele. O vice esqueceu que no eclipse de Bocaiúva o coronel não estava presente e tudo foi resolvido.

Considerei que meus conhecimentos foram postos em dúvida. Mas foi provado que o coronel também não tinha conhecimento de instrumentos porque não atinou a causa do mesmo não estar acompanhando o sol e começou a fazer novas engrenagens para a máquina de acompanhamento. Até eu colaborei na feitura dessas engrenagens porque desconhecia a realidade pelo fato de estar afastado como orientador do serviço. Num dado momento em que estávamos reunidos em torno da máquina, um leigo que se achava presente chamou a atenção para um conjunto de engrenagens existentes ao lado de fora da máquina, no qual havia

possibilidade de se fazer câmbio de velocidades. Minha atenção foi despertada para esse conjunto e lembrei-me, então de que em testes passados esse problema não existiu, chegando à conclusão de que esse conjunto de engrenagens servia tanto para acompanhar as estrelas como o sol. Era só questão de posicionamento do engrenamento. Diante disso, para não passar pelo vexame ocasionado pela intromissão do que não conhecia, deu sumiço nas engrenagens a fim de não ficar em prova. É admissível que qualquer ser humano erre. Não me considero infalível, mas não aceito de uma pessoa meter o nariz no que diz respeito a outros com o propósito de se julgar mais sabido sem o ser.

Eu não sei, na ocasião, o que se passava comigo que não percebi que a dúvida levantada em relação ao acompanhamento não tinha fundamento, pois, como foi dito, o instrumento esteve em Sobral, tendo tudo corrido bem, como também correu bem nos testes para Bocaiúva.

O foto-heliógrafo que participava desses eclipses era o Steinhel, que, segundo disseram, foi para a Faculdade de Feira de Santana, na Bahia. Para lá, foi, também, um heliógrafo que se achava montado no campus.

O espelho secundário do celostato não mais existe, em conseqüência de ter o instrumento ido para São Paulo, porque alguém, querendo ser mais realista do que o rei, o queria transformar de horizontal para vertical, o que não foi conseguido. O aperfeiçoamento que o celostato ganhou foi ficar sem o espelho secundário, que não foi devolvido depois de ter vindo o celostato de volta, pelo fracasso da intenção. Não houve nenhum interesse do ON em saber do paradeiro do espelho. Considero que a permissão para estranhos fazerem serviços que competem a funcionários é uma demonstração da falta de conhecimento desses funcionários ou então pelo interesse de ter alguém dando cobertura na fuga de seus deveres. Os abrigos construídos para o

celostato quando voltaram de Bagé foram guardados num barracão e desapareceram quando o mesmo foi demolido, depois que me retirei do ON. Os novos chefes não tinham competência para saber o que aquilo era, tornando-se, dessa forma, irresponsáveis.

Barracas para o serviço de magnetismo e gravimetria

As barracas que eram preparadas na oficina, para o serviço volante de magnetismo e gravimetria, em algumas vezes foi comprado material para serem confeccionadas e algumas outras vezes foram preparadas com tecidos de pára-quedas fora de uso, que o exército doava. Na oficina tinha um funcionário que sabia costurar, fazendo esse serviço em sua casa, por não haver máquinas de costura na oficina. Ganhava por isso uma gratificação. Depois de prontas, eram impermeabilizadas com uma encáustica de parafina diluída em gasolina, a quente e em banho-maria.

O terceiro diretor que conheci no meu tempo

O terceiro diretor que conheci me parece que tomou posse no ano de 1967. Com esse diretor, o secretário do diretor anterior perdeu força administrativa porque o novo diretor passou a ter uma secretária, fruto do despotismo que já existia na parte administrativa, mas que estava nascendo na parte técnica. Com isso a situação da oficina piorou porque deixou de ter a interferência de um burocrata para passar a ter a interferência de vários técnicos ou supostos técnicos, tornando-se mais inconveniente. Os técnicos queriam interferir diretamente, com ordens e imposições, não tendo os mesmos nenhum conhecimento dos trabalhos relacionados com a oficina.

Surgiu uma espécie de primeiro-ministro, que mandava muito e que resolvia muitas coisas que competiam ao diretor. O mesmo tinha idéias expansionistas e avassaladoras. Daí para a frente, até

servente tinha que ter diploma, desde que não fosse amigo do peito ou parente. Na oficina, até o famoso coronel começou a interferir, não indo muito longe porque eu lhe criava barreiras. Assim tinha que ser. Afinal, qualquer irregularidade que surgisse na oficina, eu, na qualidade de encarregado da mesma, seria o responsável. Se fui designado para tal função, era para cumpri-la, e não para ser somente responsável pelos atos de prepotentes, que, por terem cargos superiores ao meu, se julgavam com tais direitos.

Telescópio que foi para Minas

Este pequeno telescópio foi construído, em 1967, para ser levado para Minas Gerais, a fim de serem feitas observações em busca de melhor lugar para ser construído o observatório de Montanha, já programado na reforma administrativa de 1940. Sua maior parte foi construída daquela sucata que eu guardava, sendo sua coluna um tubo que foi aspirador de esgoto sanitário. Seus pés tinham sido colunas pertencentes à cúpula original do foto-heliógrafo, que foi demolido para dar lugar ao anexo da sala da hora. Sua objetiva pertenceu à meridiana Bamberg, que se achava onde hoje está a Askania. Considero muito errado se retirar uma objetiva de um instrumento de tal importância para ser colocada numa porcaria com o fim de ser dado de presente não sei para quem. Sei que ele foi e não voltou e a Bamberg com isso ficou inutilizada. Este telescópio foi batizado de Sputnick, por ter sido construído na época do lançamento deste satélite.

SNI em ação

Estamos na gestão do terceiro diretor de meu tempo. Seu antecessor saiu por já ter passado da compulsória há muito tempo. Com esse novo diretor, veio para o ON uma leva de funcionários do Loyd, que se achavam em disponibilidade, sendo alguns para a oficina. Os costumes do ON foram muito mudados. Muita gente estava dando ordens. Apesar de eu ter feito o possível para

manter os funcionários da oficina, meus amigos, aconteceu que com a presença de funcionários do Loyd começaram as primeiras insubordinações. Fui obrigado a dar parte de um que se recusou a cumprir a ordem, avisando-lhe que ia dar parte do mesmo ao diretor, e assim o fiz. Pedi ao diretor que lhe fizesse somente uma advertência, o que foi feito. Porém, achei a maneira como foi feita um tanto amistosa e deselegante para um diretor, que saiu do seu gabinete para falar ao insubordinado no lugar onde o mesmo estava trabalhando, quando o certo seria o contrário.

Nesta gestão, acabei sendo vítima de uma acusação levada ao SNI, que mandou uma circular ao diretor pedindo providências. Essa circular me foi dada para ler e nela constatei cinco acusações contra mim, das quais me lembro de duas. Uma dizia que eu soltava o pessoal antes de terminado o expediente, para ter mais tempo de trabalhar em biscates. Outra dizia que eu fazia comentários desairosos contra a revolução. Respondi ao diretor que das acusações só uma era verdadeira. Tratava-se dos comentários desairosos contra a revolução, que afirmei fazer e ia continuar fazendo. Sendo eu lacerdista, só poderia ser revolucionário. Porém, isso não me impedia de falar contra os erros da revolução. A outra acusação não passava de calúnia, como todas as outras. Eu não tinha necessidade de soltar o pessoal mais cedo porque a hora em que era encerrado o expediente era suficiente para eu fazer muita coisa fora, onde eu trabalhava até as 22h, como todos faziam, inclusive o alto escalão, por força dos minguados vencimentos da época.

Estava estabelecido por mim próprio, que eu, como chefe, não poderia dar o mau exemplo, sendo o primeiro a chegar e o último a sair. Não me foi dificil descobrir meu delator. Minha desconfiança recaía sobre um dos funcionários do Loyd, pelo fato de ele pensar que a oficina pertencia ao Loyd, e nela querer fazer o que muito bem entendesse. Como não deixei, seria então o único de se achar com o direito de me delatar. Comecei a fazer algumas interrogações e fui tomando conhecimento de que o mesmo, em conversa no meio dos outros, iria agir para me ver

pelas costas. Encostei-o contra a parede e ele vacilou. Não tive dúvidas e lhe disse:

– Arranje outra repartição porque não o quero mais trabalhando comigo.

Depois de eu ter falado a verdade ao diretor, fiquei aguardando os acontecimentos, pensando em ir para a rua, ou até ser torturado, como era moda. Não sei a que conclusões chegaram. Porém, nada aconteceu. Possivelmente, levaram em consideração a minha dedicação ao trabalho, aliada a minha sincera confissão. Contra a revolução eu falei até diante de um major do SNI, no interior de uma loja de um amigo meu, e o mesmo me deu razão, recomendando-me ainda tomar cuidado com o que dizia, porque a rua andava cheia de agentes do SNI.

Na época de Getúlio, falava contra ele em qualquer lugar onde me encontrasse, e nunca nada me aconteceu. Não porque eles aprovassem, mas porque sempre tive sorte da Gestapo brasileira não estar por perto. Nunca vi patriotismo em nenhum político, no sentido de colocar esse país numa situação de emprestar dinheiro e acabar com essa vergonha de andar sempre com o pires na mão. Esse sempre foi o meu desejo. Sempre votei em homens que eu achava capazes de tal coisa. Levei muito tempo para colocar um no poder. Finalmente, isso aconteceu quando votei no Jânio, que, infelizmente, me decepcionou de tal forma, que nunca mais votei em ninguém, comparecendo no dia da eleição por ser obrigado, assim como fui obrigado a ser eleitor. Para mim isso nunca foi honra. Logo que completei 70 anos, aproveitei a concessão da lei e corri à circunscrição para dar baixa no meu título e até hoje me sinto muito satisfeito de me livrar de tal obrigação, ficando livre também de ter a consciência pesada.

Foto-equatorial

Desde que entrei no ON nunca vi este instrumento trabalhar. Em 1968, apareceu alguém aparentando muita vontade de trabalhar no mesmo. Já era de praxe que sempre que aparecia alguém com

a falsa vontade de trabalhar num instrumento parado, a oficina teria que se movimentar no sentido de passá-lo por uma reforma completa. Assim aconteceu. Porém, depois de pronto, foi apresentado o mesmo argumento que eu já conhecia, continuando o instrumento parado. Só quem trabalhou foi a oficina, apesar de nela não ter astrônomos. O mesmo aconteceu com a Zenithal, e anos atrás com o foto-heliógrafo. Não aconteceu com a 32, por ser a mesma destinada ao atendimento de visitas.

O torno mecânico Mitto

Em 1968, decidi requisitar um torno que tivesse mais capacidade de usinagem de peças de grandes diâmetros, pois os tornos existentes na oficina eram de pequena capacidade nessa espécie de operação. Estávamos numa época em que não iríamos encontrar tornos estrangeiros. Eu queria que a oficina, ao adquirir esse torno, fosse o mesmo de boa qualidade para ser bastante útil. Sempre ouvi dizer que entre os tornos nacionais o Imor era o melhor. Mesmo assim, decidi visitar algumas oficinas mecânicas em busca de referências, e todos confirmaram essa versão. Consegui especificações do mesmo e entreguei à administração para requisição. Feita a licitação, a firma Mesbla se apresenta oferecendo um torno de marca Mitto pela metade do preço do Imor. Diante disso, o diretor me manda a proposta a fim de me definir. Fiquei entre a cruz e a espada por não ter argumentos para insistir na requisição do Imor. A capacidade de um para outro era mínima, enquanto a diferença de preço era grande. Se eu insistisse no Imor, poderia dar a impressão de estar levando alguma vantagem da firma, e por essa suspeita não queria passar de maneira nenhuma. Restou-me explicar a diferença entre os dois, ressalvando que o Imor era um torno bem melhor, tanto em acabamento como em robustez. Esperava que o diretor pudesse entender. Porém, como sempre, por força da intromissão de perus, minha pretensão não se concretizou. O intrometido Dr. Sabe-Tudo me sugeriu ir com ele até a Mesbla para ver o torno Mitto. Ao se chegar lá, o torno se achava encaixotado. Tiraram

umas tábuas do caixote e o intrometido meteu a cabeça para dentro do caixote, olhou para um lado e para outro, e disse:

– Parece ser bom!

Então falei:

– Se é bom, requisite.

Entregaram o torno e eu com a equipe da oficina providenciamos sua instalação. Na primeira necessidade de ser ter que trabalhar nele surgiu um problema. Não foi encontrado o meio de como se poder trocar a placa, por falta do dispositivo de travar a árvore. Fomos à Mesbla, falamos com o mecânico e ele afirmou que havia tal dispositivo. Convidei-o então para que viesse a oficina do ON para mostrar-me onde o mesmo se encontrava. Chegado à oficina e tendo verificado o torno, nada encontrou, e ficou por isso mesmo. Depois apareceu um ruído, quando se usava o carro. Procurei a causa, estando a mesma numa peça que se soltou do interior do carro, e estava atritando sobre a rosca do fuso, já começando a danificá-lo. Mais tarde, quando se necessitou abrir rosca em uma peça, faziam-se os cálculos, engrenava-se a caixa Norton e quando botava-se o torno em funcionamento desengrenava tudo, chegando uma das vezes a quebrar o braço de engrenamento, quando ele bateu sobre a bandeja. Eu e meu substituto resolvemos retirar a caixa Norton do torno e a examinamos bem, constatando, por incrível que pareça, haver engrenagens que não estavam engrenando, e sim montando uma sobre a outra. O intruso tomou conhecimento e mais uma vez quis demonstrar sua sabedoria, dizendo que ia se entender com o arsenal de guerra, porque lá tinha especialistas em torno. Eu lhe disse:

– Pelo que eu e meu substituto tomamos conhecimento, eles não vão resolver nada.

Mas o homem era teimoso e prepotente, e conseguiu que viesse um mecânico do arsenal que examinou a caixa, decidiu que a mesma fosse para o arsenal e voltou sem que tivessem resolvido o problema. Foi decidido, então, escrever para a fábrica no Rio Grande do Sul. A fábrica respondeu que ia mandar um técnico autorizado ao Rio de Janeiro para examinar o torno. A pessoa chegou, olhou e a solução que apresentou foi a compra de outro torno. Não poderia haver melhor solução. Então, lhe disse:

– Você acha isso uma solução cabível para um torno que ainda não tem dois anos de instalado? Nada tendo trabalhado em conseqüência da série de defeitos apresentados.

E acrescentei:

– Realmente esse torno é um mito.

O tempo estava passando e só se fazia nesse torno o que ele tinha condição de fazer. Até que foi resolvido escrever novamente para a fábrica, explicando o que estava acontecendo e que tinha acontecido com a visita do técnico autorizado que a mesma recomendou. Então, em resposta, pediram que se enviasse a caixa para a fábrica. Assim fizemos e ela nos devolveu a caixa perfeita. Porém o reparo custou mais da metade de quanto tinha custado o torno. Por pouco mais teríamos adquirido o torno Imor, que, tenho certeza, não iria causar todos esses problemas. Nisso sempre acaba a intromissão de perus no serviço que eles nada têm a haver, nem entendem.

Placas comemorativas da inauguração do ON

Em 1969, de acordo com o diretor, as placas comemorativas foram transferidas do pilar de assentamento da foto-equatorial para a parede ao lado esquerdo de quem entra pelo saguão do ON, por sugestão minha. O motivo que apresentei foi que as mesmas se achavam onde os visitantes não tomavam conhecimento, por estarem numa cúpula onde as visitas não iam.

Recuperação da rede elétrica da General Argolo

Neste mesmo ano de 1969, os postes dessa rede de alimentação elétrica que entra pela General Argolo foram substituídos pelo fato de que os primitivos de ferro caíram com toda a fiação instalada nos mesmos, em conseqüência de algum temporal que não tomei conhecimento, por ter ocorrido, provavelmente, depois de ter terminado o expediente e eu me achar muito longe do ON, porque onde me encontrava nada havia acontecido. Só me tornei ciente do fato quando à noite, ao voltar para o ON, entrei com minha moto pelo portão da General Argolo no meio de tremenda escuridão e senti algo se embaraçando na moto. Parei e percebi serem fios elétricos. Tive a sorte de os fios não se acharem com corrente, talvez que pelo seu contato com o solo fez com que algum automático cortasse a energia, escapando eu de ter virado churrasco. Fui à oficina, apanhei uma lanterna, desembaracei os fios da moto e avisei à portaria o ocorrido, a fim de ser evitado algum acidente com as pessoas que eventualmente entrassem pelo mesmo portão. No dia seguinte, na luz do dia, foi possível observar melhor o que tinha acontecido. Como tal rede alimentava a oficina e a iluminação do campus, providenciou-se de imediato a recuperação da mesma, sendo, como foi dito, plantados novos postes de concreto com 8m de altura, nova fiação e tudo o mais necessário, desde a entrada da General Argolo até ao quadro de distribuição, localizado na cabine existente no campus, onde também são abrigados sanitários. Todo o trabalho correu muito bem, porque, por milagre, não apareceram perus no terreiro. E, como sempre, apesar do peso e da altura dos postes, tudo foi feito na improvisação.

Observatório de Brasópolis

Na gestão desse terceiro Diretor, começou a euforia da construção do propalado observatório de montanha, já previsto na reforma administrativa de 1940. Foi constituída uma comissão com membros de diversos observatórios do país e,

segundo era comentado, sobrevoaram regiões de Minas Gerais em busca do lugar que tivesse o privilégio para tal construção. Teria que ser um lugar com o maior número possível de noites com visibilidade celeste. Isso queria dizer, onde tivesse poucas nuvens e não chovesse com muita freqüência. Após algum tempo, o lugar foi escolhido. Mas 10 anos depois já estava sendo considerado obsoleto.

Eu tive a oportunidade de estar presente num grupo onde, também, estava alguém recém-chegado de estudos na Europa, ao qual mostraram uma fotografia do lugar e o mesmo disse "não ser o lugar próprio para observatório". No mesmo grupo havia um outro alguém que se julgava o mais sabido de todos, que lhe perguntou:

– Como você, por uma simples fotografia, pode fazer tal avaliação?

O mesmo respondeu que havia umidade, deduzindo pela existência de nuvens que a fotografia mostrava se levantando da floresta em torno do pico. Eu tive, por acaso, pessoalmente, a confirmação quando lá fui a serviço, e ao chegar no cimo tudo estava visível. Repentinamente e rapidamente não se via mais nada, nem para cima nem para baixo, em pleno meio-dia. Perguntei se ali foi escolhido o lugar que deveria ter o máximo de noites visíveis no ano e fiquei sem resposta.

Só um leigo, e assim mesmo nem todos, porque sou um deles, não poderia saber que 10 anos depois o lugar já era considerado obsoleto. No meu entender já estava obsoleto desde quando nasceu, não só pelo que vi, como pelo fato de o mesmo estar próximo a uma cidade, em pleno desenvolvimento industrial. No Rio de Janeiro, pelo menos, o observatório levou muito mais tempo para se tornar inútil. Não sou cientista, portanto, o que aqui digo nada vale, mas acho que o interesse foi mais pessoal do que científico. Alguém disse, no fim dos 10 anos, que o lugar ideal seria a Serra do Caparaó. Afinal, fizeram tanto empenho

para a construção desse observatório, esforçaram-se até para isso na transferência do ON para o CNPq, para acabar como algo parecido como os filmes de faroeste em que garimpeiros apanhavam o ouro para entregar nas mãos dos bandidos. Essa viagem que fiz a Brasópolis não resultou em nada para o ON. Para mim, resultou em decepções, que prefiro ocultar como muitas outras, a fim de não me trazer maiores contrariedades, além das que já vinha sendo vítima nos últimos anos de minha permanência no ON.

Outra torre para antena

Em 1971, aparece outra torre para antena de sinais horários para ser levantada, o que não pôde ser feito com a mesma tranqüilidade que a primeira, porque havia peru na área, dando palpite e querendo que a mesma fosse levantada totalmente montada. Expliquei-lhe não poder ser, em conseqüência da fragilidade do material que a mesma foi fabricada. Tinha ela 20m de altura e se compunha de 10 módulos de 2m cada. Não tínhamos, como nunca tivemos, equipamento para tal espécie de trabalho. Tudo, como sempre, seria de improviso. A pessoa insistiu dizendo já ter levantado muitas torres, porque já tinha trabalhado na Radiobras. Respondi-lhe:

– Se você acha possível levantarmos a torre a seu modo por ter trabalhado na Radiobras, eu também trabalhei na construção civil, onde se levantar peso é bem mais diversificado.

Eu sabia muito bem como levantar uma torre, ainda mais que não era a primeira, tendo ainda a vantagem de não termos o equipamento adequado, o que não era o caso de uma empresa de tal porte como a Radiobras. Possivelmente, ele botava a mão na torre, lá estando de acordo com sua função, somente para dar palpite como estava fazendo.

Mais uma vez, fiz-lhe ciente de que a fragilidade do material não resistiria ao contato de um esteio e se dobraria em conseqüência do grande balanceamento, que ficaria além do ponto de apoio do esteio. Não se convenceu. Fui então obrigado a lhe dizer que faríamos como ele queria, mas no momento em que eu visse a mesma se dobrar, daria uma ordem para o pessoal sair fora e empurrá-la para o barranco ao lado onde a mesma seria levantada. Foi o que aconteceu. A pessoa ficou muito aborrecida, dizendo que se estava trabalhando de má vontade. Má vontade? Perguntei-lhe:

– Estamos fazendo um serviço perigoso, sem nenhum equipamento próprio para fazer o trabalho, como também para a segurança pessoal, e não sendo de nossa obrigação. Então, por que a má vontade? Deixe-me fazer ao meu modo que a torre será suspensa.

A mesma foi levada para a oficina para serem reparadas as avarias provenientes da queda e, depois de se montar dois módulos, sendo estaiados, passando-se a montar os outros, um a um através de improvisação de um pau de carga. Esses tipos com freqüência se intrometiam nos serviços da oficina só para darem idéias inaproveitáveis ou tomar atitudes desastrosas.

Material para viaturas

Em 1971, com a extinção do Departamento de Transporte do MEC, a oficina recebeu uma certa quantidade de material para manutenção de viaturas, que infelizmente não teve utilidade nenhuma, em conseqüência da transferência do ON para o CNPq. Desfizeram-se de todos os carros que encontraram no ON, que ainda se achavam rodando sem problemas e que seus aspectos gerais eram ótimos, inclusive ainda iam de vez em quando a Vassouras e até Brasópolis. O destino desse material só os novos chefes sabem.

Construção de duas residências

Na gestão desse terceiro diretor, foram construídas mais duas residências. A primeira de frente para a estrada de acesso à José Cristino, no espaço compreendido entre a garagem, que foi construída para o CNPq, e a antiga residência de diretores. A segunda, construída no lugar mais aprazível do ON, sendo, também, a maior residência de todas as construídas desde a minha entrada no ON, além de ser privilegiada por uma vista que abrange o Corcovado, Santa Teresa etc. Nesta residência, a oficina montou armários embutidos.

Furgão doado pela Receita Federal

Em 1971, conseguiu-se um carro, do tipo chamado Furgão, para transporte de material. Esse carro nos foi doado pela Receita Federal, onde se achava encostado. Tratava-se de um Chevrolet ano 1959.

Essa doação foi conseguida graças à boa vontade de um funcionário que tinha vindo, não sei de onde, para a administração do ON e estava procurando de fato fazer alguma coisa de útil para o ON. Não era daqueles que só queriam dar palpites no serviço dos outros sem nada dele entender. Trouxe alguns funcionários em disponibilidade do Loyd, inclusive para a oficina, os quais, com a exceção de um, foram de grande utilidade, pois os mesmos, somados aos já existentes, contribuíram muito para se colocar em dia muito serviço que se achava no abandono. Tive um bom relacionamento com esse funcionário. Conversando com o mesmo, falei-lhe de uma velha aspiração que consistia de o ON possuir um carro de transporte para facilitar o transporte de material para Vassouras, a fim de não ficarrmos na dependência do Departamento de Transporte do MEC. Não demorou muito e ele conseguiu esse Furgão.

Quando o Furgão chegou ao ON, pedi a um dos mecânicos da oficina de manutenção do CNPq, que, por sinal, era muito meu

amigo, para fazer uma vistoria geral no mesmo. Foi constatado que seu motor de fato estava retificado, como haviam dito. Tinha apenas um pequeno problema numa das hastes de comando de válvulas. Meu interesse era tal em ver esse carro servindo ao ON, que, imediatamente, saí à procura dessa haste, que acabei encontrando. Sua carroçaria estava totalmente perfeita, apenas faltando as lanternas traseiras, sendo preenchida essa falta com lanternas que foram feitas na oficina. Melhoramos seu aspecto interno, forrando-o com duratex sobre o qual foi aplicado verniz de pincel. Externamente foi pintado na cor cinza. O estepe, que também não tinha, encontrei um em um ferro-velho de Nova Iguaçu, onde comprei e paguei do meu bolso, trazendo-o na minha moto. Depois de tudo pronto, surgiu o problema da falta de pneus, o que me deixou frustrado, obrigando-me a deixá-lo parado.

No ano seguinte, procurei, novamente, os pneus e os mesmos já tinham voltado à praça. Requisitei cinco, com suas respectivas câmaras. Porém, antes de colocá-los nas rodas, os novos poderosos chefes da época colocaram o Furgão no monte de sucata como os demais carros. Tive a insatisfação de ver meus esforços irem por água abaixo, me deixando sem compreender o que era economia, pois eu a fazia de forma generalizada e outros que vieram se desfizeram de tanta coisa ainda em condições de uso.

Mastro da antiga torre da meteorologia

Em 1972, foi levantado um mastro para a antena do serviço da hora sobre a torre. Esse mastro era um tubo de ferro galvanizado de 2" de diâmetro e 6m de comprimento. Conclui-se, pelas proporções do mastro em relação à pequena área que se tinha para fazer o trabalho, o quanto iria ser difícil, levando em conta ainda que o mesmo ficaria balanceado cerca de 5m para fora da área da torre, dispondo-se somente dessa área para apoiar os pés. No auge do sufoco e risco de vida que todos estavam sujeitos, 20m acima do solo e desprovidos de qualquer equipamento próprio,

tanto para execução do serviço como para a segurança pessoal, surge um peru de segunda classe soltando suas peruadas. Convidei-o para subir e participar do nosso trabalho, dando-nos uma ajuda. Respondeu que não havia estudado para aquele fim. Em conseqüência dos maus momentos que eu estava passando com todos os demais que se achavam comigo, não me passou pela mente dar-lhe uma resposta. Não me lembrava mais do que tinha acontecido, quando casualmente encontrei alguém que trabalhou comigo na oficina e se encontrava também na torre. Essa pessoa, em conversa, lembrou esse episódio, dando-me a oportunidade de agora dar-lhe a resposta que deveria ter-lhe dado na ocasião. Pensava ele que, pela espécie de trabalho que se estava fazendo, ali tinha uma tropa de burros. Posso afirmar que, pelo menos, um diplomado, mas não considerava nenhuma vergonha estar ali colaborando num serviço tão digno quanto o dele. Com a vantagem de ser muito mais valorizado pela coragem, dos executores do mesmo, e necessidade de ser feito para que ele pudesse sobreviver, desempenhando o seu trabalho que era dependente daquele que estava sendo realizado por gente que ele estava menosprezando. Tenho mais a dizer: ali não estava um bando de doutores, mas também não eram analfabetos.

Certa vez, ouvi um velho empreiteiro de obras no ON que, por qualquer circunstância, foi molestado por um petulante astrônomo, e lhe respondeu que haviam doutores burros e burros doutores, dizendo-lhe que apesar de não ser doutor estava rico, enquanto o pretensioso astrônomo nem uma casa tinha. Precisa saber esse peru inconveniente que, se ele não for competente, o diploma não assume por ele. Segundo um livro técnico que possuo, escrito nos bons tempos por quem tinha alto conhecimento sobre o que escreveu, dizia: "As leis teoricas não têm nenhum valor a não ser pelo seu uso prático."

Autonomia administrativa

Em 1974, foi conquistada a autonomia administrativa que já era pleiteada pelo diretor anterior. Com isso, foi satisfeito o desejo de duas pessoas. Uma, o próprio diretor, que deixou de ter uma

preocupação a mais, que era a oficina, conseguindo se ver livre do inconveniente encarregado. A outra, porque ficou com o que ele estava querendo havia muito tempo, que era o controle da oficina, ficando satisfeita sua intenção avassaladora, ganhando mais uma seção para colocar parentes e amigos. Com essa autonomia, aumentaram o número de departamentos, em conseqüência dos desmembramentos, onde esse avassalador foi bem aquinhoado com um deles.

Encheram o ON de elementos de alto-escalão, de tal forma que não havia dependências que chegassem. Alguns nada faziam e logo queriam ser chefes e até diretores. Para arrumar acomodação para tanta gente, acabaram com o arquivo da Biblioteca, que funcionava na sala do andar térreo do prédio, onde hoje funciona o chamado laboratório de astronomia do MAST. Neste arquivo, existiam diversos livros, muitos anuários e tábuas de marés de anos passados, além de outras publicações que levaram sumiço. Os chefes passaram a ter títulos pomposos, como de coordenadores etc. A antiga casa dos diretores passou a ser a coordenadoria da Geofísica. Até o modesto título de encarregado da oficina passou para chefe da seção de preparo instrumental, o que limitaria as atividades da oficina somente na manutenção de instrumentos, desobrigando-a dos serviços de manutenção das cúpulas, bem como de outros serviços, como serralheria, instalações elétricas, instalações hidráulicas, reparos de pedreiro e pinturas generalizadas. Com isso, foi levantada a suspeita de que tudo estava sendo preparado para, num futuro muito breve, ser colocado na chefia da oficina um protegido qualquer que mal entenderia de mecânica.

Cúpula e telescópio de Brasópolis

Essa cúpula e mais o telescópio chegaram ao ON antes de o mesmo pertencer ao CNPq. Nesse dia, foi necessário que o pessoal da oficina trabalhasse até de madrugada, para que as carretas que conduziam os caixotes, que eram do tamanho

aproximado dos grandes contêineres, pudessem entrar pela Rua José Cristino. Foi necessário retirar o portão, demolir os dois pilares de concreto e até cortar uma árvore na rua que um português, morador de um apartamento em frente da entrada do ON, quis impedir, encostando-se na mesma. Estavam presentes no cenário tanto o diretor quanto o seu controle remoto. Já se tinha feito tudo o que era possível e não havia como as carretas pudessem entrar, apesar das inúmeras manobras. Restava uma última tentativa que era o corte da árvore. Faltava também a ordem do diretor, que estava indeciso. Diante de não haver outra solução, foi dada a ordem. O português continuava encostado no tronco da árvore. Nesse momento, cheguei perto dele e lhe disse:

– Desencosta, senão vou mandar passar o machado nas tuas pernas.

É claro que foi uma brincadeira, mas surtiu efeito. Depois disso, as carretas conseguiram entrar. Os caixotes das cúpulas foram assentados na área ao lado do prédio, onde funciona atualmente a Ascon. O telescópio foi abrigado em um galpão construído, a propósito, para ele, onde hoje se acha, segundo ouvi dizer, um departamento de microfilmes. Os caixotes das cúpulas foram cobertos com plástico e permaneceram no mesmo lugar por vários anos. Tanto a cúpula como o telescópio, segundo disseram, não seguiram diretamente para Brasópolis, por falta de uma estrada que fosse possível às carretas transitarem. Disseram, também, que tudo já se achava pronto nos EUA havia muito tempo, e para não pagarem mais estadia, resolveram trazê-los e guardá-los no ON, enquanto se preparava a estrada e abrigos em Brasópolis.

Como foi dito, o diretor e seu controle remoto estavam presentes no cenário, mas retiraram-se para jantar e depois voltaram restaurados. O pessoal da oficina, que estava de marreta e machado na mão, não pôde fazer o mesmo, porque todos moravam longe, com exceção da minha pessoa, assim como o

diretor. Contudo, eu não arredei pé um só momento da área de operação, assim como ninguém da oficina, enquanto tudo não fosse resolvido. Porém, nem um sanduíche foi oferecido para nenhum dos funcionários em reconhecimento pela boa vontade que estavam demonstrando. Como, também, nada receberam como compensação. Só me restou dispensá-los por dois dias.

Os telefones internos Ericson

Em 1976, houve um plano para serem instalados os telefones de comunicação interna, marca Ericson, de origem sueca, na antiga casa que foi dos diretores e que passou a ser ocupada pela Geofísica. Esses telefones eram em número de dez, entre os de mesa e os de parede. Eu os encontrei funcionando na comunicação interna do ON quando ingressei no mesmo. Eram de aparência muito bonita e atrativo desenho, fáceis de serem cobiçados por colecionadores ou serem roubados para serem vendidos ou para ornamentação da residência de alguém. Eles foram retirados de serviço, na época da guerra, para darem lugar a outros mais modernos, automáticos, de origem alemã, marca Siemens. A própria Siemens ganhou a concorrência para a instalação dos mesmos, constando no contrato que seriam Siemens. Porém, tentaram instalar outros, de origem japonesa, o que não foi aceito pela oficina, por achá-los de qualidade inferior. O alemão não gostou da recusa e disse ser uma questão de simpatia. Eu estava a fim de conseguir um lugar para instalar os telefones retirados, porque sabia que os mesmos iriam desaparecer. O chefe da geofísica ficou interessado na instalação dos mesmos na coordenadoria da Geofísica, não sendo levada a termo por ter o mesmo se transferido para Vassouras. Pediu para que os telefones fossem lá instalados, o que também não aconteceu porque o interessado saiu do ON, e isso talvez tivesse acontecido por ser um dos menos petulantes da época. Os telefones chegaram a ir para Vassouras. Depois de eu já estar aposentado, soube que os mesmos voltaram para o Rio de Janeiro, e daí, como previ, sumiram. Cheguei a ver um sobre a

mesa do gabinete do diretor do MAST, logo que o mesmo tinha sido fundado. Alertei que ele iria ser roubado, se foi ou não, não posso afirmar, mas o certo é que desapareceu, estando provavelmente, como foi previsto, ornamentando a residência de alguém. Mais tarde, os telefones automáticos foram retirados, em razão do campus ser um matagal sujeito, de vez em quando,

a um imbecil atear fogo, cujas chamas atingiam os cabos de comunicação, prejudicando o bom funcionamento desses telefones. Eles foram substituídos pelos telefones da antiga CTB e foram recolhidos ao depósito junto aos instrumentos. Esses telefones eram em número de dez, entre os de mesa e os de parede.

Transferência para o CNPq

Em 1976, logo após a conquista da autonomia, conseguiram a transferência para o CNPq, cujo maior interesse era a melhoria financeira pessoal, pois o principal objetivo era o 14o salário que, discriminatoriamente, o CNPq pagava a seus órgãos. Quando tive essa triste notícia, respondi que ia requerer minha aposentadoria. Já estava com 40 anos de serviço, mais três que tinha direito por não ter tirado nenhuma licença-prêmio. Estava, também, com 62 anos. Pretendia chegar à compulsória porque gostava do meu trabalho. Cortaram-me essa pretensão. Mas não lhes dei o prazer de me colocarem em disponibilidade depois de tantos dedicados anos de trabalho. Caí na promessa de um contrato que não pedi, deixando de ganhar bom dinheiro trabalhando fora como era minha intenção. Acreditando nessa promessa trabalhei por mais três anos sem nada ganhar, a não ser uma gratificação. Diziam que o contrato não saía por culpa de um diretor geral estabelecido em Brasília, que uma ocasião esteve no ON e foi trazido à oficina, na qual só soube reparar num piloto de gás que se achava aceso, insinuando ser desperdício, parecendo com isso querer mostrar sabedoria no que nada conhecia. Não sabia ele, como lhe expliquei, que o mesmo era para ficar aceso,

por fazer parte de um forno especial para têmperas de ferramentas e destemperamentos de alguns materiais para poderem ser usinados, bem como para serem feitas algumas soldas. Só era aceso no início do expediente, sendo apagado quando o referido expediente era encerrado. Tinha a finalidade de evitar se estar riscando fósforo sempre que fosse necessária a sua utilização, bastando se virar o registro para ter fogo mais forte para os diversos trabalhos que se realizavam na oficina naquele tempo. Mostrou-se tão preocupado com tal insignificância, querendo ser tão zeloso pelo patrimônio, demonstrando no entanto ser ignorante no assunto. O desperdício que estava acontecendo em relação a móveis e máquinas, que ainda em bom estado estavam sendo jogados fora, ele não tomou conhecimento.

O estranho era que, enquanto meu contrato não saía, outros de menos necessidade foram contratados. Só muito tempo depois de já ter saído do ON é que notei o quanto fui ingênuo, e não ter logo percebido que queriam era me ver pelas costas, porque já havia um protegido para ficar no meu lugar na chefia da oficina. Concluí que estava servindo de instrumento para dar tempo desse protegido se preparar para assumir. Alegavam que o contrato não saía porque o tal diretor geral exigia para tal que eu deixasse a residência, mas preferi ficar sem o contrato porque não podia ter a certeza de que, se saísse, iriam eles cumprir a palavra. E, se cumprida, por quanto tempo seria? Se a pessoa que pediu para eu continuar estivesse de fato interessada na minha permanência, teria feito força para que isso fosse resolvido como o foi para outros.

Houve um certo funcionário, também aposentado, que fazia parte do cordão dos puxa-sacos, que conseguiu seu contrato, sem ter que deixar a residência, porque, tendo um parente também no ON, mas não morando no mesmo, teve a casa transferida para seu nome e continuou morando fora. Isso foi uma mutreta, cuja única finalidade foi para que o outro fosse contratado sem ter que deixar a casa.

O fato de nada fazerem por mim era porque eu reagia contra as intervenções no meu trabalho e irregularidades que interferiam na oficina. Para a execução do trabalho, que era meu atributo, nunca precisei de assessoria. Nada disso me abalou. Não fui eu quem andou bajulando para continuar no ON e, antes, nunca tivesse sido tão ingênuo para acreditar ter mais amigos do que realmente tinha, deixando-me levar pelas falsas promessas que, por pensar serem verdadeiras, só me prejudicaram. Não me prestei para andar em volta da mesa deles, apanhando as migalhas que deixavam cair. Saí de cabeça erguida, na certeza de nunca ter engolido desaforos. Lamento, repito, ter sido tão ingênuo para não perceber que estava sendo usado como instrumento para proveito deles. Nunca lhes pedi favores. O pouco que conquistei foi dentro do direito, sem nunca ter usurpado o que a outro pertencia. Não tenho nada do que me arrepender. O que aprendi não foi com a ajuda de ninguém, o fiz por mim mesmo, e nunca pensei que um dia isso me iria tornar útil ao MAST. Para me verem mais rápido pelas costas, chegaram a pedir a suspensão do aluguel do imóvel que ocupo, que vinha descontado no contracheque. Quando procurei saber a causa, não tiveram a dignidade de assumirem a responsabilidade, e responderam-me que não sabiam. Porém, fui ao MEC e lá me mostraram o ofício e me disseram que havia sido o meu diretor, e lá estava a assinatura do mesmo.

Poste ao lado dos pavilhões das meridianas

Em 1976, o ON já se achava subordinado ao CNPq, e eu já estava aposentado, quando foi necessário plantar mais um poste para mais uma antena do serviço da hora. Continuava a oficina sem equipamento adequado para tal serviço. Planejei plantá-lo com os recursos disponíveis. Começou-se por abrir um buraco onde o mesmo seria fixado, tendo sido um osso duro de roer, por se tratar de a composição do terreno ser de moledo. Terminado esse buraco, conduziu-se o poste para o local, e foram tomadas as necessárias providências de segurança através de estaiamentos,

para que o mesmo não se desequilibrasse ao ser levantado. Na falta de um guincho, utilizou-se uma das talhas das treias que existiam na oficina. Fizemos o estaiamento a 120o, sendo dois dos estais de corda e o terceiro a própria talha que o ia suspender. Devidamente, amarrados os estais, posicionei um funcionário no controle da cada estal e outro, na talha, ficando eu no comando da operação. Iniciado o trabalho, o poste começou a erguer-se sem nenhum problema. O local ficou cheio de espectadores ao redor do poste, que estavam distraindo-se com o trabalho da oficina. Subitamente, talvez em conseqüência da platéia, e com o intuito de exibir-se, surge um peru, como sempre do alto-escalão, que arbitrariamente me arrebata o comando da operação. Diante disso, retirei-me e também fui para a platéia, só para apreciar o que o intruso estava fazendo de errado, mas não interferi, pois, se o mesmo se meteu onde não lhe competia, deveria saber o que estava fazendo. Em dado momento, um dos tirantes se parte, cuja causa eu sabia, e o poste pendeu-se para o lado da estrada, pondo todos os espectadores em fuga. Nesse momento, iniciava-se a hora do almoço da oficina, deixamos o poste caído e fomos nos restaurar. Após terminada a hora do almoço da oficina, que era de 11h às 12h, iniciava-se a hora do almoço da seção a qual o peru fazia parte. Então eu disse para o pessoal da oficina para aproveitarmos para levantar o poste, enquanto não tinha nenhum peru para perturbar, e, assim, o mesmo foi levantado sem nenhum problema, deixando os perus frustrados quando voltaram do almoço.

Admissão de profissionais

Em 1977, resolveram admitir mais um torneiro mecânico e um eletricista. Sempre foram admitidos profissionais sem ser levado em conta se os mesmos tinham ou não diplomas. Antes eram avaliados por seus conhecimentos práticos. Como os reformadores estavam em evidência, as coisas estavam mudando, só que para pior. O critério passou a ser o da posse do diploma. O

diretor da época era um teleguiado por alguém que tinha um controle remoto nas mãos.

Entraram em contato com a Escola Técnica, e a mesma mandou dez diplomados em torno. Em relação ao eletricista, esse veio do Senai. Os testes foram feitos na oficina, por profissionais da mesma, sendo cada candidato testado por profissional com a profissão correspondente à do candidato, sob minha orientação. O resultado mostrou que somente um tinha alguns conhecimentos, pelo fato de já ter trabalhado em firma de tratores e outra de bombas hidráulicas. No meio desses, teve um que nem paquímetro soube ler. Quanto ao eletricista, teve um que se saiu bem. Não sei se já tinha trabalhado em algum lugar. Entre os restantes que não souberam fazer a instalação de um tree-way, teve um que a fez, mas quando a ligou sucedeu-se um curto-circuito. Mais tarde, vim a saber que o pior teste para torneiro mecânico foi apresentado por um estudante de engenharia mecânica, e que já estava com emprego garantido na qualidade de futuro chefe da oficina. Ainda tenho guardados os resultados desses testes que foram avaliados por pontos contados sobre o que acertavam.

Afinal, o contrato

Decorrido os três anos em que estava trabalhando, e que tive a ingenuidade de acreditar em tal contrato, é então mudado o governo e com ele mudou tudo. O novo presidente do CNPq foi buscar, em São Paulo, o novo diretor do ON, que se apresentou com pretensões de messias. Veio muito cheio de gás, dizendo que ia ser a salvação do ON, concluindo por suas palavras que o ON estava à beira do abismo.

Os oportunistas se mobilizaram em torno do mesmo como se fossem apóstolos, jurando, possivelmente, a mais dedicada colaboração, no sentido de ser conseguida a salvação, mas havia outro objetivo, que eram as chefias, o que conseguiram, não tendo escrúpulos de derrubarem quem lhes tinha dado a mão. Foi

designado um novo chefe da oficina, que demonstrou estar com mais poder que o todo-poderoso antecessor. De imediato, conseguiu o contrato que eu estava cansado de esperar. Porém, com este novo chefe não me adaptei, pois não lhe deram a devida educação de respeito aos mais velhos, além de ter a petulância de assumir a chefia de uma seção da qual nada entendia, ainda, indiretamente, chamou-me de moleque por um erro em que ele foi o responsável por se considerar muito sabido quando deu uma ordem para que fosse confeccionada uma caixa para leitura de negativos de fotografias, que seria provida de um vidro fosco iluminado por baixo com lâmpadas fluorescentes, tendo o mesmo trazido os reatores. Mandei o carpinteiro fazer a caixa que depois a passei para o eletricista para a instalação das lâmpadas. Quando ficou pronta, o eletricista me chamou e, quando ligou, as lâmpadas, elas não acenderam ele deu, então, um toque nas mesmas e elas acenderam. Aceitei o serviço como em condições de ser entregue, porque lâmpadas fluorescentes oferecem muitos problemas ocasionados por mau contato. Mandei, então, entregar a caixa. Passados dois ou três dias, recebi um telefonema do novo chefe me dizendo que a iluminação não estava funcionando e que se tratava de molecagem. Respondi-lhe:

– Na oficina ninguém tem a intenção de tal coisa, porque o que dela saísse errado para ela voltaria para ser corrigido.

Pedi que mandasse a caixa de volta. Quando a mesma chegou chamei o eletricista e passei-lhe o recado. Sabia-se que os reatores eram de partida rápida. Por que não funcionavam, se ignorava. Disse ao eletricista que telefonasse para a Eletromar, fabricante dos mesmos, chamasse um técnico e lhe pedisse instruções. Fiquei surpreso ao saber que a resposta do técnico foi que também não sabia, por se tratar de uma concessão da Whestinghouse. Diante desse absurdo, procurei ver se havia algumas instruções nos reatores e as encontrei. Tais instruções diziam que para os mesmos funcionarem precisavam de uma blindagem ligada à terra, coisa que automaticamente eles tinham quando instalados em residências, fábricas ou lojas, através do

contato com a tubulação. Numa caixa de madeira, isso não era possível, mesmo que se fizesse uma blindagem e ligasse a mesma à terra. O problema seria ter essa terra em todo lugar para onde ela fosse. Mandei que fossem retirados os reatores de partida rápida e fossem colocados os convencionais. A partir daí, tudo ficou perfeito. Chamei então o chefe na oficina e lhe disse:

– A culpa do não funcionamento foi em conseqüência dos reatores que você trouxe, que deveria saber não se prestarem para esse tipo de serviço. Aí está, funcionando. E saiba que moleque é você.

Nada mais era preciso esperar para que meu contrato não fosse renovado, ainda mais que a administração que também queria ver-me pelas costas, estava mancomunada com ele por seu eu um obstáculo para suas absurdas pretensões demolidoras.

Minha despedida

Ao finalizar o ano de 1980, desliguei-me definitivamente do ON, em conseqüência do meu contrato não ser renovado, o que já era de esperar em vista do que aconteceu. O chefe me deu a impressão de querer mudar a sua má imagem, que estava impressa em minha mente. Dizendo-me que eu tinha três meses para retirar o que era meu que se achava na oficina. Diante disso, cometi o erro de não entregar as chaves, pensando só entregá-las depois de ter retirado tudo o que era meu, por acreditar que o mesmo tinha se tornado mais sensível. Não demorou muito para eu saber que estava enganado, surpreendendo-me com dois funcionários da oficina trocando as fechaduras da mesma. Fiquei profundamente magoado com aquela cena. Dirigi-me a eles e lhes falei não ser necessário fazer o que estavam fazendo, passando-lhes imediatamente as chaves. Deram-me a impressão de estarem desconfiados de eu desviar material sobre o qual não tinham responsabilidade nenhuma, sendo eu ainda o responsável pelo mesmo, porque tudo foi passado para mim através de recibos

com minha assinatura. Quando saí estava tão desorientado que nem exigi que fosse feito um levantamento do estoque, o que era um direito que me assistia, sendo os mesmos obrigados a me passarem recibo. Assim, facilitei para eles fazerem o que bem quisessem do material, sem terem que responder por nada. Também achei não estarem procedendo corretamente os funcionários da oficina que estavam trocando as fechaduras, porque, embora estivessem cumprindo ordens poderiam ter-me avisado que eu lhes devolveria as chaves e me poupariam de tal humilhação, sem terem levantado uma suspeita sobre quem tinha 40 anos de serviço. Tive sob minha guarda durante 10 anos um acervo instrumental do qual nunca desapareceu a mais insignificante peça, conforme desapareceram depois que caiu nas mãos dos mesmos. Aos sair do ON, saí magoado, mas não com saudades. Tenho vivido o bastante para ver a lei do retorno funcionando, algo do qual acredito.

A briga na Justiça

Ficando livre daqueles que eram meus inimigos no ON, alguns declarados e outros se fazendo de "amigos da onça", nada mais me passava pela mente que se relacionasse com os mesmos. Nem sequer corri em busca dos meus direitos, se não fosse terem me instigado para entrar na Justiça atrás dos mesmos. Aceitei a sugestão e me indicaram um advogado que já estava com ações de outros funcionários contra o CNPq. Diante do contrato de trabalho e inúmeras ordens de serviço assinadas, ele me garantiu ser causa ganha. Começou, então, uma luta que durou oito anos, mas valeu a pena. O CNPq fez de tudo para fugir ao pagamento do que eu tinha direito. Não devia ser eu quem teria de pagar por erros cometidos por outros. Se o CNPq não queria me dar o que eu tinha direito, deveria punir a quem cometeu o erro de me prometer um contrato, me fazendo com isso trabalhar três anos sem que o mesmo saísse. Não estou a fim de desmoralizar a instituição, mas sim a espécie de alguns funcionários trazidos por ela, e juntados a outros da mesma espécie já encontrados no ON, que ela aproveitou quando se transformou em fundação.

Para início dessa briga, necessitei de três testemunhas, que não me foi difícil arrolar. Estava entre as mesmas, alguém que não poderia de maneira alguma deixar de me dar apoio, por ter sido o responsável pelo prejuízo que me proporcionou. Chegado o dia do julgamento, essa testemunha não compareceu à audiência. Também não foi necessária porque, entre as outras duas presentes, o juiz se deu por satisfeito somente pela defesa que me foi feita por uma delas, não querendo ouvir mais ninguém, nem ao advogado do CNPq que tentou falar. Lavrada a sentença, a mesma não foi cumprida. Meu advogado, então, entrou com uma petição de penhora que quando concedida se apresentou ao ON, acompanhado de um oficial da justiça para execução da penhora. Apresentado ao gerente administrativo da época, teve o mesmo que acompanhá-lo para a escolha do bem a ser penhorado, tendo meu advogado optado pela mesa telefônica, que fez com que o gerente levasse as mãos à cabeça, dizendo que iam ficar sem telefone. O meu advogado perguntou:

– Por que então vocês não cumpriram a sentença?

O gerente respondeu ter comunicado ao departamento jurídico, mas não sabia porque o mesmo não havia providenciado. Parecendo ser sócio do CNPq, o gerente começou a falar contra mim ao advogado, dizendo-lhe que eu, além de estar morando sem pagar e usando os uniformes de trabalho, ainda estava cobrando.

Não sei o que se passa na cabeça de certa pessoas tão prepotentes, que falam uma série de asneiras sem terem conhecimento de causa. Não sabia ele que os uniformes eram meus, porque tinha eu passado recibo dos mesmos, e segundo soube, não havia lei que me proibisse o uso dos mesmos. Mais ainda, que por direito adquirido saí como chefe vitalício da oficina, em conseqüência dos dez anos consecutivos que exerci a função. Quis lhe enviar uma carta desaforada daquelas do tipo em que sou especialista, porém fui dissuadido por meu advogado, alertando-me que iria

me causar aborrecimento. Quanto a dizer que eu estava morando de graça, falou a verdade. Mas tinha a obrigação de saber que quando vim morar no ON, eu pagava, não tendo sido eu que o deixou de fazer. Deveria saber que foi um diretor que mandou cancelar o pagamento, pois o mesmo era descontado em contracheque. Precisava ele mais saber, que vim residir no ON por conveniência de serviço e com permissão do grande diretor da época, tendo isso acontecido, em novembro de 1937, com a finalidade de trabalhar sábados, domingos e feriados, noites e até madrugadas, sempre que ocorresse um fenômeno astronômico, com fim de atender, quando sucedesse uma pane no instrumento ou na cúpula que estivesse operando. Não era como hoje, que se dá casa na maioria das vezes para quem em vez de ser útil à repartição, cria problemas para a mesma.

Fiquei surpreso quando recebi meu contracheque onde o aluguel não vinha descontado, quando já aposentado, tendo ainda devolução de três aluguéis já pagos, naturalmente a título de indenização ou corrupção. Estava ainda na oficina esperando o prometido contrato, quando me dirigi ao chefe da época para saber se ele conhecia a causa, e a resposta foi negativa. Pedi-lhe para saber do diretor e a resposta foi de que o diretor também não sabia. Concluí que havia uma máfia funcionando contra mim. Pensaram que, mais uma vez, podiam me enganar, mas lhes mostrei que não. Fui até ao Departamento Financeiro do MEC, procurei o responsável pela extração dos contracheques, e ele me disse que havia sido meu diretor quem fez o pedido de cancelamento, mostrando-me o ofício assinado por ele, que não teve a dignidade de assumir seu ato. Tirei a conclusão de que a finalidade era para ser mais fácil me pôr para fora do imóvel.

Cheguei mais tarde a receber, como todos moradores, um memorando pedindo o imóvel. Isso foi feito por outro diretor que ocupou o cargo, enquanto o titular foi dar um passeio para se livrar das possíveis reclamações de injustiças que estava cometendo, prejudicando uns em benefício de outros. Ninguém deu valor a tal memorando, porque só a Justiça teria poderes para

pedir os imóveis, na propriedade privada é assim, por que não haveria de ser com os bens públicos em que ninguém é dono.

A estratégia de outro gerente

Como falharam as intenções de despejarem os moradores, chamaram-me na administração e me propuseram pagar o aluguel no ON. Não concordei e disse que só pagaria se fosse no patrimônio ou em algum banco, não no ON, por desconhecer o rumo do dinheiro. Cheguei a ir ao patrimônio, onde me prontifiquei a pagar, mas a resposta foi negativa, porque, segundo disseram, alguns diretores estavam transgredindo os regulamentos, procedendo arbitrariamente. Eu, como comprovei, não invadi o ON, como está acontecendo agora com parte do terreno que fica no lado da ladeira do Gusmão. Desde que ingressei no ON, sempre ouvi dizer ser de propriedade do ON.

Este terreno fica fora dos muros, pela impossibilidade de ser feito onde devia, em conseqüência do barranco. Soube que levaram essa invasão ao conhecimento da administração do ON, que não tomou conhecimento do fato para não sair, naturalmente, do conforto que desfruta. O interessante é que não procuraram obter uma confirmação de propriedade ou não, do que se dizia ser do ON. Mas quiseram se apossar do que era logradouro público, chegando a retirar o muro de seu alinhamento legal para avançá-lo mais para frente. Alertei para o erro e responderam ser ordens da administração do ON. Respondi que a administração do ON não tinha conhecimento de nada a respeito. Se tinha tais pretensões, deveria, antes de tudo, ter ido à Prefeitura tomar conhecimento da realidade. Não tenho como provar a propriedade deste terreno, mas sei que no ON existiam plantas. Além disso, conheço um fato, passado na época do primeiro diretor que conheci no ON, relativo ao proprietário de uns apartamentos com frente para a Senador Alencar e fundos para o barranco do morro do ON. O proprietário, conhecido como

Madalena, comercializava com sucatas, e veio ao diretor pedir permissão para construir um muro nesse terreno em alinhamento com a ladeira, a fim de seus apartamentos ficarem livres do devassamento ocasionado de cima da ladeira. Não tendo o diretor permitido, ele o construiu à revelia. É justamente sobre o que sobrou desse muro que estão levantando as construções, se aproveitando do mesmo, inclusive para o alinhamento. Acho que esse fato possa, pelo menos, servir de alguma prova de propriedade. A mim pouco importa que se interessem ou não pela questão, apenas procuro passar o que sei julgando que ao ON isso importa.

Quando compreenderam que só pela Justiça poderiam botar os moradores na rua, então ingressaram na mesma, porém o oficial de Justiça, quando veio entregar as notificações, disse a mim que eu não saísse.

Como eram as oficinas

Como foi dito, ingressei no ON como carpinteiro-marceneiro. Naquela época, a carpintaria funcionava em um grande barracão que existiu entre o muro divisório superior da General Bruce e a cúpula da equatorial 46, mais para o lado do muro. A oficina mecânica funcionava em duas salas do andar térreo do prédio, sendo uma onde está hoje o auditório, e a outra menor, ao lado oposto. Na carpintaria não existia uma só máquina montada. Haviam comprado uma chamada 1/2 carpinteiro universal, que consistia num conjunto de três máquinas, mas achava-se guardada no andar térreo do prédio porque ficaram com receio de montá-la, em conseqüência de considerarem o carpinteiro da época muito idoso para trabalhar com a mesma, em vista de ser perigosa e ele nunca ter trabalhado com máquinas. Tratava-se de um carpinteiro naval já aposentado pela marinha e que foi contratado pelo ON, onde trabalhou mais quinze anos, sendo dispensado por ter atingido a compulsória. Eu ocupei o lugar dele

e nos primeiros seis meses fiz todo o trabalho manualmente. Ao fim desses seis meses, pedi autorização para instalar a tal máquina, sendo que eu mesmo a instalei, pois estava preparado para trabalhar com qualquer máquina para madeira.

Na oficina mecânica tinham somente três tornos mecânicos, sendo um para relojoaria. Tinha uma forja, uma bigorna, uma pequena máquina manual de furar para bancada, e um pequeno laminador, que, por certo, não conheciam a importância do mesmo. Era usado na laminagem de paletas para contatos elétricos, muito usado principalmente em pêndulas. Mais tarde, foi adquirido um torno limador, uma máquina de furar elétrica para bancada, um esmeril motorizado, uma calandra e uma fresadoura.

Na carpintaria, com o correr dos anos, instalei uma pequena serra de fita, um torno para madeira, uma pequena lixadeira, uma grande plaina combinada com desengrossadeira, uma tupia e uma pequena serra circular para pequenos trabalhos, além de algumas máquinas manuais elétricas.

Quando assumi a chefia da oficina, em que tanto a carpintaria como a mecânica ficaram sob minha responsabilidade, instalei na oficina mecânica uma grande guilhotina, uma viradeira, uma serra vaivém para cortes de tarugos metálicos, uma prensa hidráulica, uma politriz, um moto esmeril menor, uma serra circular para cortes de metais em ângulos e, por fim, o famoso torno Mitto, cuja escolha não foi minha, e sim de alguém que nem do ON era, mas tinha o apoio do diretor para se meter onde não devia, resultando, daí, numa má aquisição. O prédio da oficina, como já foi dito, foi construído na época da guerra de acordo com o rascunho de uma planta que fiz. A intenção foi a de desocupar as salas do prédio, onde estava a mecânica, aproveitando para

juntar também a carpintaria, tudo num só prédio. Essa idéia partiu do diretor da época.

Como estão as oficinas

Quando me retirei da oficina, ainda tiveram o cinismo de me pedirem para indicar um novo testa-de-ferro para a mesma, como ingenuamente fui. Eles não tinham competência para escolher, por não terem conhecimento das aptidões dos funcionários da oficina, nem dos trabalhos atribuídos à mesma. Indiquei o melhor que havia entre todos. Fui claro que não tinha todos os conhecimentos necessários, mas não havia melhor. Estando livres da minha pessoa começaram, então, o bota-fora e as demolições que já estavam programadas, mas ainda não concretizadas porque eu era o empecilho.

De início, demoliram o antigo barracão onde funcionou a carpintaria e que havia se transformado em depósito de material e instrumentos fora de uso. Nesse barracão se encontrava o antigo sismógrafo de Mainka, o círculo meridiano de Heyde, partes do círculo meridiano de Gauthier, motores e geradores fora de uso, os abrigos do celostato, material do elevador original da General Bruce com motor, guincho, portas pantográficas, inclusive outros materiais que, de vez em quando, eram procurados para resolverem problemas de reparos e, mesmo feitura de utilidades, como o caso do telescópio que foi construído na oficina e, segundo disseram, foi para Minas Gerais, na ocasião em que estavam pesquisando lugar para o atual Observatório de Brasópolis. Também encontrava-se nesse barracão o motor elétrico de 15HP que acionou o guincho do plano inclinado, que foi montado para ascensão do material para construção do ON. Com essa demolição alguma coisa desapareceu, como os abrigos do celostato, que foram construídos para o mesmo no eclipse de Magé, também o material da demolição do barracão e a sucata.

O novo testa-de-ferro da oficina não demorou muito na condição de testa-de-ferro. Logo foi substituído pelo tal engenheiro, sobre o qual falei estar eu na oficina para dar tempo para o mesmo se preparar para assumir a chefia, pois já era candidato desde quando tinha feito teste para torneiro e se revelou um fracasso.

A primeira coisa que fez, ou fizeram para ele, foi transformar o girau da oficina mecânica em um grande escritório, hermeticamente fechado por vidraças, onde foi instalado ar-condicionado. Eu convivi 40 anos naquela oficina com velhos ventiladores italianos Marelli, que outros haviam desprezado em troca de mais modernos. Aliás, isso era uma constante. Para mim, só sobrava o que os outros não queriam mais.

A oficina foi também desprovida de um certo número de máquinas e utensílios, como forja, bigorna, laminador, calandra, politriz de cabo, torno francês. O mais incrível foi deixarem, segundo disseram, levar o torno alemão para Brasópolis. Tratava-se de uma máquina que, talvez, não fabriquem mais, pois possuía uma quantidade de acessórios, proporcionando imensos recursos de torneamento, inclusive fresamento. Requisitaram no seu lugar um outro bem inferior. Mas de alguém recém-saído de uma faculdade direto para dirigir uma oficina só se podia esperar tal coisa, pois não importava a capacidade e sim garantir-lhe o emprego. O resto o pessoal a quem deveria orientar resolveria por ele. Talvez, ao se desfazer de algumas máquinas, nem soubesse para que elas serviam. Na carpintaria também houve o mesmo problema.

Durante o tempo em que fui responsável pela oficina, procurei dar a ela o máximo de equipamento, inclusive preparando-a para facilitar a execução de todos os trabalhos que lhe eram atribuídos. Para isso, levou-se alguns anos e é difícil de aceitar que, de um momento para outro, a desmantelam. Também é necessário que eu compreenda que não estando no ON operando, pelo menos

com instrumentos, não se faz mais necessário ter manutenção e, uma vez não a tendo, também não é neces-sário ter máquinas. Até a oficina poderia ser fechada, como já foi aventado.

Também demoliram o abrigo da Gauthier, que se tratava de uma grande estrutura de ferro de onde saíram algumas toneladas de ferro que se evaporou. Este engenheiro não durou muito na oficina. Era lógico que a oficina teria que cair totalmente nas mãos da administração, acontecendo que, com a saída do engenheiro, colocaram na chefia um burocrata, conseguindo, assim, a administração o seu almejado intuito.

A oficina sempre foi uma seção muito cobiçada, porque tinha possibilidades de quebrar galhos para muita gente. Desde o Castelo, sempre foi subordinada diretamente à diretoria, o que era lógico, por se tratar de algo ligado à tecnologia. Por falta de conhecimento técnico, esse novo chefe não estava em condições de fazer qualquer melhoramento na área técnica. Passou, então, a fazer modificações na parte administrativa, iniciando pela abolição do refeitório, que foi construído no meu tempo e por iniciativa minha. Eliminou, também, o tanque que constava da planta da oficina e era imprescindível para um determinado serviço que a oficina fazia. Acabou com os compartimentos de lubrificantes, pintura e trabalhos de alvenaria. Por outro lado, colocou tantos mictórios que quase chegou a ser um para cada funcionário da oficina. Forrou, também, o piso com placas de borracha com discos de alto-relevo e converteu a cor branca do teto e parte das paredes em cor preta. Não entendi essa transformação porque sempre ouvi dizer que o branco facilita a luminosidade no ambiente de trabalho. Sobre a forração do piso, deve ter tirado a idéia por ter estado alguma vez em alguma oficina de manutenção de instrumentos de vôo, achando ser algo abrangente a todas as oficinas.

As oficinas foram cada vez mais evoluindo, mas não no sentido de produzir mais, pois o que fizeram nelas prova isso. Sua

evolução foi no sentido de cada vez mais melhorar o conforto do chefe, passando a mesma a ter computador e secretária. Talvez eu tivesse sido julgado um incompetente, mas nunca houve missão que me fosse entregue que eu não a tivesse desempenhado, só não dando certo, quando apareciam perus. Sempre me saí bem em todos os serviços que se faziam no meu tempo, e que hoje nem metade é feita. Eram eles constituídos de mecânica, carpintaria, eletricidade, hidráulica, serralheria, pintura e até pequenas construções. Esses eram os serviços vinculados à parte técnica. Fazia, ainda, a parte burocrática, como relatórios, especificações e pedidos de material, enquadrando-os dentro do calendário de compras. Fazia, também, os orçamentos anuais para as necessidades de manutenção, incluindo a eventual necessidade de alguma máquina e ferramentas. Também fazia as especificações e orçamentos para obras, preenchia os boletins de merecimento, que eram trimestrais, e conferia e assinava as contas de energia e gás. Fiz o levantamento de todo o acervo instrumental, sendo um em ordem alfabética e outro em ordem numérica, que obedeceu à ordem de entrada registrada no livro de registro geral que existiu na administração da época. Além disso, colaborava no inventário de móveis e instrumentos, chegando mesmo, a pedido, ter iniciado o inventário da Biblioteca, o que não foi terminado por falta de colaboração do funcionário da referida Biblioteca, que não passava de um leigo no assunto com "costas quentes". Toda a papelada era datilografada. Para isso, dispunha de uma máquina de datilografia, como sempre já rejeitada por outros. Mantinha um estoque de todo o tipo de material que usava na manutenção, isso porque tinha conhecimento geral de material, não ficando na dependência de requisitar no momento da necessidade, que, em conseqüência da burocracia, o instrumento ou serviço dependente, teria que esperar a chegada por longo tempo. Em razão da relação de acervo instrumental, foi que o MAST teve a facilidade de conhecer seu patrimônio, que por pouco teria ido a leilão ou estaria espalhado, ornamentando diversas residências. Digo isso, porque presenciei o que foi dito por alguém, que

dissera ter vindo de Brasília para ver os instrumentos e o almoxarife da época telefonou para a oficina me pedindo as chaves do depósito, ao que respondi que eu ia abrir o depósito. Nunca entreguei tal chave a ninguém. Sendo eu o responsável por um acervo tão valioso, não me poderia colocar em risco. Ao me juntar a eles e seguirmos para o depósito, quando chegamos à porta, ouvi o visitante sussurrar ao almoxarife algo que percebi estarem planejando a venda, se não fosse de todo, pelo menos de parte do acervo. Perguntei:

– Os senhores pretendem vender o que está destinado à criação de um museu?

O visitante me respondeu:

– Para museu não são necessárias duplicatas.

O que dava para entender que na existência de mais de uma peça só ficaria uma. Não sei por que milagre tal pretensão não se concretizou.

3ª PARTE

Episódios

Uns pitorescos, alguns trágicos e outros ridículos

Quando fui garoto, na década de 20, meu pai deixava recado com minha mãe para quando eu chegasse em casa, de volta da escola, que viesse ao ON, quando ele no mesmo encontrava-se com alguma empreitada, a fim de trazer às vezes material e outras vezes ferramentas. Eu dava preferência de subir pela ladeira do Gusmão, que naquele tempo era franqueada como todas as outras entradas do ON com exceção da General Argolo. Ao subir pela ladeira, meu objetivo era ver um macaco que vivia amarrado a uma tamarineira, que ainda hoje existe, no limite entre o prosseguimento da ladeira e o quintal de uma antiga casa, onde residiu o astrônomo, engenheiro e autor do projeto de construção do prédio do ON. Esse macaco era de sua propriedade. Lembro-me de que, naquela época, ainda existiam lampiões a gás na referida ladeira, cujo encanamento, hoje, ainda é o mesmo que agora abastece os fogões das casas da ladeira e das pertencentes ao ON.

Existiu, em frente ao ângulo formado pela fachada dos fundos do prédio com o oitão da esquerda, uma alta paineira que estava ameaçando tombar. Antes que isso acontecesse, resolveram cortá-la. Foram encarregados dessa tarefa dois jardineiros, que amarraram-na num cabo de aço, segurando-a para o prédio de forma que a mesma não pendesse para cima de casas, que formavam uma chamada cabeça-de-porco, que existiu nos limites do ON, a uma certa distância dos fundos do prédio. Começaram a cortar a paineira, mas tiveram a infelicidade da laçada do cabo ter-se desfeito e a paineira foi cair, justamente, sobre o que estavam querendo preservar, que era uma das casas da cabeça-de-porco. Felizmente, não houve vítimas, mas a casa foi

parcialmente danificada. O ON prontificou-se, de imediato, a recompô-la, sendo a recomposição efetuada por meu pai, naturalmente por ter ganho a licitação. Isso aconteceu na década de 20. Foi também solicitado ao meu pai fazer a avaliação dos estragos ocasionados aos móveis para efeito de indenização. Assim, o morador ganhou uma casa quase 100% nova.

Havia um funcionário residente no recinto do ON que criava uma cabra e a prendia num lugar de abundante capinzal, onde, hoje, se encontra uma casa de madeira. Essa cabra ficava presa a uma corda bastante comprida, que facilitava a mesma ir até o meio da estrada. Certa vez, a cabra enfrentou o diretor da época, quando ele vinha de sua residência oficial para o trabalho na repartição. Em conseqüência, ordenou ao funcionário que a retirasse daquele lugar.

Sucedeu ainda, na época desse diretor, que um funcionário, que não era correto com seus deveres, fosse suspenso por um dia por esse diretor. Inconformado, esperou o diretor chegar à repartição e quando o mesmo começou a subir as escadas para chegar ao seu gabinete, o referido funcionário o acompanhou fazendo suas reclamações, aconteceu que a cada degrau escalado pelo diretor, lhe era adicionado mais um dia de suspensão. Ao chegar aos cinco dias, o funcionário resolveu parar de reclamar.

Certa vez, veio transferido do Hospital São Sebastião para o ON um jardineiro português naturalizado brasileiro, com o qual estava eu conversando certa ocasião na estrada da oficina, quando passou aquele chefe armado até os dentes. O jardineiro lhe disse: "Olha, ele acabou de passar agora mesmo para lá." O tal chefe fez uma parada e lhe perguntou: "Ele quem?" Disse-lhe, então, o jardineiro: "O homem que inventou o trabalho, tu não andas a procurá-lo para matá-lo?" Diante disso, o chefe seguiu seu caminho sem dizer nada. Era sabido que ele não gostava do trabalho.

Tiveram, certa ocasião, dificuldades para arranjar retículos para os instrumentos em conseqüência do desaparecimento das aranhas que os produziam. Resolveram, então, ir a Vassouras, onde tinha muito mato, e lá, nos limites do observatório magnético, conseguiram algumas. Chegadas ao Rio, estavam em busca de um lugar para se criarem e reproduzirem. Escolheram a sala da hora. Passado algum tempo, mandaram um funcionário recém-admitido como servente fazer limpeza na sala da hora. Ele, não sabendo de nada, fez uma faxina geral na qual as aranhas foram exterminadas. O chefe dos astrônomos não gostou. Essas aranhas tinham características especiais para a produção de retículos, que eram retirados pela sua parte traseira. Para isso, eram presas à gavetinha de uma caixa de fósforos, que num dos testeiros era aberto um corte em forma de V, onde as mesmas eram imprensadas com a traseira exposta para poder serem retirados os retículos que elas forneciam em alta escala. Depois de retirados, eram enrolados em armações de arame em forma de U, que possuíam, também, uma empunhadeira na base por onde se segurava. Depois, eram guardadas em caixas de madeira hermeticamente fechadas para que não fossem aderidas aos retículos partículas de poeira.

O ON possuía um vigia que também era português naturalizado brasileiro. Esse homem trabalhava 12horas em serviço noturno, mas o fazia por querer, pois tratava-se de uma pessoa que não possuía família e residia no recinto do ON em companhia de um jardineiro, seu patrício. Depois que o expediente do ON encerrava, às 23h, começava a fazer rondas periódicas no campus, onde em determinados pontos havia chaves fixas. Essas chaves eram providas cada uma de um número diferente de picotadores, que, quando introduzidas no relógio do vigia, que o mesmo carregava, picotava um papel circular existente no interior do relógio, comprovando, dessa forma, sua passagem por cada ponto.

Este homem levou uma vida quase de mendigo, com a finalidade de quando aposentar-se voltar para Portugal. Não teve essa felicidade, porque um dia amanheceu morto no banheiro do segundo andar do prédio. Ficando o ON sem vigilância, apelaram para a guarda civil, que ainda existia na época, e depois para a PM. Alguns desses guardas diziam que viam fantasmas no campus do ON e, também, nas escadas externas de acesso ao prédio, e até davam tiros contra os mesmos. Nunca acreditei nessa conversa, porque, quando solteiro, cheguei a dormir no barracão onde foi carpintaria e atravessei muitas vezes esse campus pela madrugada, na mais profunda escuridão, e nunca vi nada. Para mim, não passavam de uns apavorados.

Houve uma época em que um certo chefe de oficina contava muitas bravatas que dizia ter feito em sua terra natal ainda quando adolescente. Eram histórias parecidas com as de faroeste. Dizia que cavalgava pelas ruas de sua cidade dando tiros e fazendo outras estripulias. Demonstrava ter paixão por cavalos. Coincidiu ter vindo alguém para o ON que diziam ter sido expulso da marinha por envolvimento na Intentona Intregalista de 1937. Essa pessoa era mineira e, diziam, também, que sua família possuía, em Minas Gerais, fazenda de criação de cavalos da raça manga-larga. Sendo muito amigo desse chefe, parecem ter acreditado nas suas façanhas e mandou vir um cavalo de Minas para presenteá-lo. A chegada do cavalo ocasionou festa entre os astrônomos, que logo arranjou um padrinho entre eles na pessoa do chefe dos mesmos, que o batizou de Canopus, passando o cavalo a figurar como estrela. O improvisado cowboy providenciou sela e demais apetrechos e começou a cavalgar, mas só o fazendo dentro dos limites do ON. Nunca demonstrou coragem de cavalgar na rua. Esse personagem tinha um primo no ON e, aos domingos, se juntavam tomando umas e outras e se revezavam nas cavalgadas, dando voltas nos domínios do ON. Certo domingo, contaram-me que o primo caiu do cavalo, e o dono queria dar um tiro no bicho, do que foi dissuadido pelo primo. Depois de certo tempo, achou que o cavalo estava dando

muito trabalho e despesa, e resolveu mandá-lo para a fazenda de um tio, em Paraíba do Sul. Porém, não teve coragem de montar o cavalo para levá-lo até o parque de carga da estrada de ferro para embarque do mesmo, utilizando-se para isso de outro funcionário da oficina acostumado a montar, que era de Vassouras.

Certa vez, aconteceu algo estranho e se estava procurando saber de onde poderiam ter vindo duas pacas que apareceram no mato do ON. Quem deu a notícia da presença das mesmas foi um jardineiro morador no recinto do ON, que já as estava vendo a diversas noites, quando as mesmas apareciam para comer os restos de sua janta. Assim que chegou aos ouvidos do cowboy caçador, o mesmo não sossegou enquanto não as matou. Começou a observá-las embaixo de uma bonita amendoeira, que existiu a um dos ângulos da atual oficina. Um dia me convidou para fazer parceria com ele na caçada. Fomos à noite para cima da amendoeira, cada um com uma espingarda, com uma tira de pano branco amarrada na ponta do cano, para podermos, no escuro, apontarmos no objetivo. Sentamos sobre um forte galho e ficamos aguardando a chegada das mesmas. Estava uma linda noite de luar. Lá ficamos até a madrugada e as pacas não apareceram. De minha parte, desisti de continuar na tocaia, pois nunca fui caçador, apesar de saber que meu pai fazia uma caçadinhas. Meu parceiro persistiu e conseguiu matá-las, levando-as para sua esposa prepará-las, mandando um pedaço para minha casa, mas não comi porque nunca comi caça de espécie alguma. Minha esposa experimentou e gostou. Nessa noite, o diretor da época achava-se na repartição e, lá de cima da amendoeira, vimos quando o mesmo voltava para sua residência oficial pela estrada iluminada pela luz da lua que penetrava por entre as mangueiras apresentando um cenário lúgubre. Pela pressa com que vinha, parecia estar amedrontado. Comentei com o parceiro: Se déssemos um assobio fantasmagórico, será que correria? Ao mesmo tempo pensei: nem é bom pensar em tal brincadeira, pois poderia dar um resultado bem desagradável. Mais tarde descobriu-se o mistério dessas pacas. Eram

provenientes de uma residência da General Bruce, cujo quintal dava de fundos para o ON, na qual morava um marítimo que de suas viagens costumava trazer desses bichos para o seu quintal, e as mesmas fugiram para o ON.

Durante minha vida profissional, fui alvo de diversos acidentes, alguns de forma inacreditável. Vou registrar um deles por ter o mesmo acontecido no ON. Estava eu montando as bases para assentamento dos novos aparelhos para o serviço da hora. Isso estava acontecendo no anexo deste serviço, quando instalava as tampas de madeira de um trecho das calhas condutoras da fiação elétrica. Tratando-se de um trabalho rente ao chão, estava eu sentado sobre uma viga de madeira, tendo por trás de mim um alçapão aberto, onde existe uma escada que comunica com o subsolo deste anexo. Surgiram uns perus para me perturbar. A fim de fazer pouco dos mesmos, como naquela época eu fumava charuto, puxei um e levei-o a boca. Quando o fui acender, inclinei-me ligeiramente para trás me desequilibrando e, em conseqüência, caí de bruços sobre a escada e por ela escorregando como se fosse sobre um tobogã. Em dado momento, como se tivesse havido um cálculo, escorei-me com as mãos exatamente sobre o degrau que me proporcionaria uma cambalhota, determinando com que eu fosse cair em pé sobre o piso do subsolo, evitando que eu fosse bater com a cabeça de encontro a parede existente no fundo da escada, nada me acontecendo. Teria sido, talvez, um cálculo feito pelos deuses na sua luta contra os demônios personificados.

No livro 160 Anos de História do ON, é contado um caso sobre uma vaca que estava dormindo na porta da sala do sismógrafo, tendo esse episódio irritado o diretor interino da época. Eu nunca ouvi falar de tal caso, tendo isso sido uma verdadeira história para boi dormir. A vaca de fato existiu, porque eu a conheci quando das minhas andanças no ON, no meu tempo de garoto. Porém, ela não era de propriedade de quem o livro diz e, sim, do diretor da época. Conheci, também, o seu tratador, que foi um jardineiro.

Ela possuía até curral coberto num ponto que ainda posso localizar.

Chegou uma época que, em conseqüência do falecimento do funcionário que controlava as pêndulas, essa tarefa passou a ser feita por mim. A pêndula que me causava mais preocupação era a do sismógrafo, porque ela, através do contato, era a responsável pelo registro no papel fotográfico da hora do início, duração e fim de um terremoto. Certa ocasião, essa pêndula, sem motivo aparente, apresentou atraso, eu a acertei e, no dia seguinte, estava a mesma novamente atrasada. Isso perdurou por alguns dias. Eu procurava o motivo e não havia meio de o encontrar. Em conseqüência, levei uma advertência grosseira de um engenheiro eletrônico prepotente, dizendo-me que a mesma não poderia trabalhar irregularmente, coisa que eu estava mais do que ciente, mas lhe respondi:

– Não posso ser responsável por um mal serviço, oriundo por outras pessoas também estarem mexendo e sem saber como mexer.

Talvez por estarem os deuses, mais uma vez ao meu lado, descobri casualmente a causa, custando-me, com isso um violento choque, mas que não foi em vão. Isto aconteceu quando estava regulando o contato. Cheguei, então, à conclusão de que ali estavam 110V, e não 6V, como deveria ter. Em conseqüência, essa voltagem produzia uma forte faísca quando o ponteiro dos segundos que fechava o circuito ficava um tanto preso, proporcionando com isso o atraso da pêndula. Esse acidente comprovou que estavam mexendo na instalação da pêndula e tinham trocado as direções das voltagens. Ao levar ao conhecimento dos responsáveis pela façanha, apresentaram caras de palhaço e se dispuseram a corrigir o erro.

Sempre que havia eclipses, a oficina começava, com bastante antecedência, a montar no campus os instrumentos que

normalmente teriam de seguir para o local da visibilidade do eclipse. O pessoal da oficina, sob minha orientação, já tinha montado o celostato no campus do ON, no mesmo lugar em que já o havia montado para o eclipse de Bocaiúva. Desta vez, havia alguém fora do quadro da oficina que estava autorizado pelo diretor a se envolver nos trabalhos. Diante disso, em se tratando de pessoa com tal poder, afastei-me da direção dos trabalhos. Pareceu-me que não estavam confiando nos meus conhecimentos sobre o instrumento, ou tal providência foi tomada para satisfazer o desejo de intromissão dessa pessoa para querer mostrar que tinha conhecimento, o que não comprovou, não atinando porque o instrumento não acompanhava o sol. Começou a querer fazer modificações no sistema de acompanhamento do instrumento, o que foi evitado por um leigo que percebeu que o mesmo tanto podia acompanhar as estrelas como o sol. Tratava-se somente de mudar a posição do engrenamento do conjunto de engrenagens que o mesmo possui. Era lógico que o instrumento podia atuar nas duas situações, pois não tinha ele estado no eclipse de Sobral e não esteve também em testes para o eclipse de Bocaiúva, estando tudo certo. Eu cheguei a acreditar em tal absurdo por ter esquecido esses detalhes, em razão do tempo passado desde o último teste do qual participei e, também, pelo fato de meu afastamento do serviço, em razão do que já foi transcrito. Só mais tarde suspeitei da veracidade desta ordem. Essa pessoa, já no Rio Grande do Sul, a poucos momentos do eclipse, percebeu ter errado na determinação do azimute para construção do pilar para assentamento do celostato, ficando todos em dificuldades por não saberem onde encontrar o pedreiro que o tinha feito, para que o mesmo fizesse outro. Quem resolveu o problema foi o único funcionário da oficina que lá estava, que deu a idéia de cavar em torno do pilar, para poder torcê-lo para a posição certa. Não estou criticando ninguém por seus erros porque todos erram. O mal é que algumas pessoas julgam saber tudo e que outras nada sabem.

Quiseram, certa vez, fazer um campo de futebol e começaram a cortar árvores numa certa área. Alguém levou ao conhecimento do Jornal do Brasil e a reportagem esteve presente no ON. Cinicamente lhes disseram que no ON não se cortavam árvores, e sim, se plantavam. Não é do meu conhecimento que isso tivesse acontecido. Cortaram, eu sei que cortaram. Teriam todas sido cortadas por necessidade? Ou houve as que foram cortadas por comodidades, como, talvez, uma secular jaqueira? Quem eu sei que de fato plantou árvores no ON foi um jardineiro português, sendo elas as duas filas paralelas de mangueiras que existem uma de cada lado da estrada que parte dos fundos do prédio até a Rua General Argolo.

Enfim, libertei-me de um grupo de inconvenientes falsos e traidores.



II.3 Detalhe do recebimento, por Odílio Ferreira Brandão, da medalha de Honra ao Mérito. Brasília, 19 de dezembro de 1994. (Foto Acervo: MAST/COMUS/NUDCAN e CNPq).

4ª PARTE

Uma nova história

Dez anos depois de eu estar aposentado do ON, ainda quando o mesmo estava no MEC, o que me deu grande satisfação foi a criação do MAST. Já era uma velha aspiração daqueles que, além de não serem burocratas, tinham uma mentalidade preservadora, reconhecendo o quanto era valioso o acervo composto dos antigos instrumentos científicos e que tinham sido a ferramenta com que muitos tinham feito ciência. Por um milagre, conseguiram salvá-lo, porque colocavam a ciência em primeiro plano, ao contrário de tantos outros que, em primeiro plano, estavam as suas boas condições financeiras. Se não fosse possível esse milagre, boa parte desse acervo estaria ornamentando algumas residências, enquanto outra teria ido a leilão. Mesmo assim, desapareceram peças importantes, como diversos tripés de instrumentos, e de muito mais importância foram os cilindros de diversas pêndulas a vácuo, transformando-as em peças inúteis. Se as mesmas se acham em exposição, deve-se ao fato de eu ter dado a idéia de se improvisarem cilindros, que seriam feitos de chapa de alumínio e que, depois de pintados, não dariam para serem percebidos se eram ou não originais. Porém, por sugestão da museóloga, foram feitos de acrílico para que os osciladores que ficam no seu interior ficassem visíveis, comprovando também por esse meio o desaparecimento dos originais.

Estava eu tranqüilamente cuidando de uma bela horta que cultivava a conselho de minha esposa, a fim de esquecer o que tinha passado. Depois de algum tempo, alguém que tinha sido do ON, mas não fazia parte do círculo esotérico e se achava em exercício no MAST, veio bater a minha porta para saber da possibilidade de recuperação de um cronógrafo que nunca ouvi dizer que o mesmo tivesse prestado algum serviço. O conheci maltratado e considerado uma sucata. Fiquei surpreso em saber

ter o mesmo participado de uma expedição organizada para observação de uma passagem de Vênus, que estava fazendo 100 anos, a qual queriam comemorar fazendo uma exposição no MAST com a apresentação dos demais instrumentos que nesta expedição participaram. Não me passou pela cabeça me terem procurado por não ter encontrado outro capaz para tal fim. Segurei essa empreitada porque era muito sedutora e gosto de desafios como esse em que tenho possibilidades de mostrar do que sou capaz. Consegui recuperar o referido cronógrafo e, também, pô-lo em funcionamento. Foram feitos os pesos da corda, cujos originais sumiram em razão do envolvimento de burocratas em serviço técnico, que não sabiam para que os mesmos serviam. A reforma deste instrumento que se achava jogado fora fez com que o mesmo ressurgisse das cinzas, tal a Phenix, voltando a ter alguns dias de glória, pela volta ao seu passado e redescoberta de sua identidade. Digo alguns dias de glória, porque novamente caiu nas mãos de incompetentes, ficando até mutilado. Pelo seu passado, merecia um pedestal junto com seus companheiros que participaram desta expedição, cuja importância torna-se maior por ter sido patrocinada pelo grande imperador Pedro II. Não pensei mais ser solicitado para recuperação de instrumento, achando ser esse um caso de emergência. Como disseram ser para pagar, fiz meu preço. Passado algum tempo, tornaram a me procurar para resolver um problema de dificuldade de acompanhamento na equatorial 32. Neguei-me por se tratar de um serviço em que tinha de estar presente no ON. Fizeram uma apelação, dizendo não se tratar do ON, e sim do museu, ao que respondi "ser tudo a mesma coisa". Mandei que procurassem outro porque não haveria de ser eu o único entendedor desses instrumentos. A pessoa não merecia tal resposta, mas ainda era uma conseqüência do trauma que trazia comigo por tudo de mal que me havia sofrido no ON. Percebi que se retirou um tanto decepcionado. Passados alguns dias, tornou a voltar e eu o recebi um tanto grosseiramente. Perguntei-lhe se não tinha encontrado ninguém e me respondeu ter aparecido alguém que só lambuzou tudo de graxa, levou o dinheiro e tudo

ter o mesmo participado de uma expedição organizada para observação de uma passagem de Vênus, que estava fazendo 100 anos, a qual queriam comemorar fazendo uma exposição no MAST com a apresentação dos demais instrumentos que nesta expedição participaram. Não me passou pela cabeça me terem procurado por não ter encontrado outro capaz para tal fim. Segurei essa empreitada porque era muito sedutora e gosto de desafios como esse em que tenho possibilidades de mostrar do que sou capaz. Consegui recuperar o referido cronógrafo e, também, pô-lo em funcionamento. Foram feitos os pesos da corda, cujos originais sumiram em razão do envolvimento de burocratas em serviço técnico, que não sabiam para que os mesmos serviam. A reforma deste instrumento que se achava jogado fora fez com que o mesmo ressurgisse das cinzas, tal a Phenix, voltando a ter alguns dias de glória, pela volta ao seu passado e redescoberta de sua identidade. Digo alguns dias de glória, porque novamente caiu nas mãos de incompetentes, ficando até mutilado. Pelo seu passado, merecia um pedestal junto com seus companheiros que participaram desta expedição, cuja importância torna-se maior por ter sido patrocinada pelo grande imperador Pedro II. Não pensei mais ser solicitado para recuperação de instrumento, achando ser esse um caso de emergência. Como disseram ser para pagar, fiz meu preço. Passado algum tempo, tornaram a me procurar para resolver um problema de dificuldade de acompanhamento na equatorial 32. Neguei-me por se tratar de um serviço em que tinha de estar presente no ON. Fizeram uma apelação, dizendo não se tratar do ON, e sim do museu, ao que respondi "ser tudo a mesma coisa". Mandei que procurassem outro porque não haveria de ser eu o único entendedor desses instrumentos. A pessoa não merecia tal resposta, mas ainda era uma conseqüência do trauma que trazia comigo por tudo de mal que me havia sofrido no ON. Percebi que se retirou um tanto decepcionado. Passados alguns dias, tornou a voltar e eu o recebi um tanto grosseiramente. Perguntei-lhe se não tinha encontrado ninguém e me respondeu ter aparecido alguém que só lambuzou tudo de graxa, levou o dinheiro e tudo

promessas que, em conseqüência de não serem cumpridas, causaram-me grande prejuízo. Não valorizavam meu trabalho, mas o estavam explorando. O que eu queria depois de aposentado era ir para onde muito bem entendesse, procurando, desse modo, esquecer meu vínculo com o ON. Ofereceram-me, então, a chance de contrato independente de horário, o que também não aceitei para não ouvir piadinhas de que estava ganhando dinheiro para trabalhar quando queria. A cada vez em que era solicitado, sempre julgava ser a última. Porém, foram se repetindo cada vez com mais freqüência. Depois da 32, chegou a vez da 21. Esta equatorial estava com tantos problemas que não tinha condição de funcionar. Foi necessária em primeiro lugar, uma limpeza e lubrificação geral. Em seguida, a recuperação da iluminação do próprio aparelho e, também, a substituição do cabo da corda por se achar curto e, em conseqüência, o acompanhamento do instrumento ser limitado. O mais incrível foi que um iluminado achou que o fato da manivela da corda ser destacável seria defeito e resolveu colá-la no seu próprio eixo, tendo sido superperfeito o seu trabalho por ter usado um tipo de cola que essa sim eu acreditaria e confiaria, que tivesse sido usada na colagem dos caraveles em lugar da araldite, conforme um certo coronel da aeronáutica me havia dito certa ocasião. A manivela ficou segura de tal forma que usei de diversos recursos, sem conseguir destacá-la, dificuldade essa agravada por falta de uma ferramenta apropriada. Fiz, então, uma que se tratava de um sacador específico para tal serviço. Mesmo assim, não consegui o desprendimento da mesma. Não me restou outro meio senão apelar para o que eu não queria, que foi o fogo. Ainda assim, não foi fácil, mas conseguido num trabalho conjunto de ferramenta e fogo. Na cúpula também havia problemas na trapeira. Para eu saber quais eram, estive sobre a cobertura da mesma em companhia do funcionário do museu, que me auxiliou nos reparos do instrumento. Tomei conhecimento tratar-se de uma roda com uma das abas do gorne quebrada, estando, por isso, escapulindo do trilho. Expliquei ao meu auxiliar como deveria ser retirada e

como colocar a nova que deveria ser feita. O trabalho realizado por esse funcionário ficou perfeito.

Logo depois, apareceu uma nova empreitada. Tratava-se de uma câmara de vídeo, que ouvi dizer terem adquirido do Japão, e se queixavam dos japoneses não terem fornecido os acopladores ou conexões para a acoplarem aos telescópios. É lógico que não podiam ter fornecido, uma vez que eles desconheciam o diâmetro, número de fios ou passos e sistema de cada rosca relativa a cada telescópio onde a câmara seria acoplada. Em conseqüência, mais uma vez, entrei em ação a pedido. Relacionei o material necessário o qual foi adquirido e comecei a usinagem dos mesmos para as equatoriais 21 e 32 e demais telescópios portáteis, com abertura das roscas correspondentes a cada telescópio.

Não parou aí. Com a admissão de uma nova museóloga, foram-lhe fazer propaganda dos meus frágeis conhecimentos e ela, acreditando, solicitou minha presença através de outra museóloga mais antiga, para descrever os instrumentos que, depois de alguns anos da inauguração do museu, ainda não se achavam em exposição. Estando tais solicitações ficando muito constantes, acabei novamente contagiado com instrumentite. Resolvei, então, assumir o compromisso de comparecer ao museu dois dias por semana para cumprimento de tal tarefa. Graças à iniciativa dessa museóloga, o museu passou a ter o que mostrar. Não cito aqui o seu nome para não quebrar a norma que adotei nessa escrita, mas todos a conhecem.

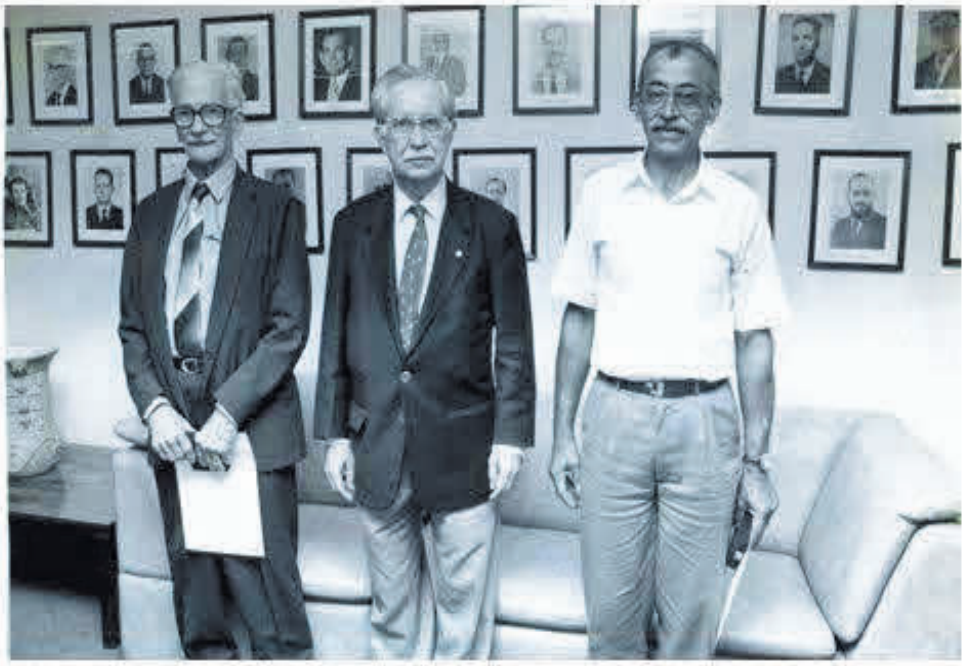
Foi uma volta que valeu a pena, porque tive a satisfação de ver os instrumentos expostos, pois era estranho um museu sem nada para se ver, conforme por mais de uma vez comentei e ouvi visitantes dizerem a mesma coisa. Minha satisfação foi maior ainda quando senti ser reconhecido pela minha colaboração, retribuída com o prestígio que o pessoal com quem estava trabalhando, e ainda trabalho, me proporcionaram, o que foi além

das minhas expectativas quando me indicaram, por intermédio da diretoria, para o recebimento da medalha de honra ao mérito. Em conseqüência dessa indicação, tive a honra de receber, por telefone, um convite do presidente do CNPq da época para ir a Brasília receber essa medalha, com direito a acompanhante, tendo ido muito bem acompanhado. Esse acontecimento se deu no dia 15 de dezembro de 1994. Fomos muito bem recebidos pelos funcionários de Brasília. Depois de terminada a solenidade, nosso recepcionista, pessoa muito atenciosa, nos proporcionou um passeio pela cidade. A viagem ocorreu de avião, espécie de transporte que nunca tinha utilizado e não pretendia utilizar. Fiquei um tanto constrangido pelo fato de, sem o saber, ter tratado o presidente do CNPq com certa intimidade, conforme consta no vídeo filmado em parceria do MAST com a ABC, em que nele repito o que tinha dito quando alguém da vigilância bateu a minha porta e me avisou que o Lindolfo estava ao telefone querendo falar comigo. Diante de tal intimidade, e como desconhecia o nome do presidente, perguntei:

– Que Lindolfo? Não conheço nenhum Lindolfo.

Quando disse ser o presidente, pensei tratar-se de uma brincadeira de mau gosto. Diante da insistência, fui atender o telefone e, ao constatar a realidade, fiquei de tal forma emocionado que lhe pedi para combinar tudo com o diretor do MAST, com quem eu já era mais íntimo, que ele passaria para mim o que ficasse combinado. Nunca na minha vida pensei em receber tão grande honra. Em Brasília, também fui honrado quando cumprimentado pelo ministro da Ciência e Tecnologia e, ao lhe agradecer, respondeu-me que ele era quem tinha de agradecer. Agradecimento esse por um trabalho que nunca imaginei tivesse tanto valor, apesar de os instrumentos o terem. Aí, tive, também, a oportunidade de conhecer pessoalmente o presidente do CNPq, por quem fui cumprimentado. Chegado o dia da inauguração da exposição dos instrumentos, no MAST, fui novamente homenageado, sendo, desta vez, cumprimentado pelo

novo presidente do CNPq e diversas outras pessoas, sendo ainda surpreendido com a descoberta de uma placa de bronze fixada em uma das ombreiras da porta da sala, que pensei se chamaria sala do tic-tac, pois nela estão montadas as pêndulas que muitos anos foram as responsáveis pela hora oficial do Brasil. O tic-tac eu havia comentado com a vice-diretora num momento em que ela surgiu na sala, quando eu estava montando as referidas pêndulas. Ela me respondeu que iria ser a sala do Sr. Odílio, essas foram as suas palavras. Sinceramente, julguei ser brincadeira. Também fui homenageado pela ABC, na comemoração dos seus 80 anos, onde foi apresentado um vídeo sobre minha pessoa, elaborado pela aliança de duas simpáticas jornalistas, uma do MAST e outra da ABC, que declino seus nomes pela razão já apresentada. No final da solenidade na ABC, recebi flores e um K7 clássico das mãos das mesmas, que agradeci bastante emocionado. Elas sabiam ser eu apreciador de músicas clássicas. A emoção me parece ser a única fraqueza forte que me domina. Além de todas essas homenagens, recebo com freqüência outras de funcionárias com quem trabalho, que não sei como considerá-las, a não ser como colegas, apesar de não ser funcionário do MAST. Confesso que, ao decidir colaborar com o MAST, nunca foi na esperança de tudo isso vir a acontecer. Só resta agradecer sinceramente a todos, pois me sinto desagravado pelo menosprezo que a mim foi dispensado no ON nos últimos anos de minha carreira. Desejo que o MAST atinja sua plenitude e lhe dêem plena liberdade e espaço para que o mesmo possa se expandir.

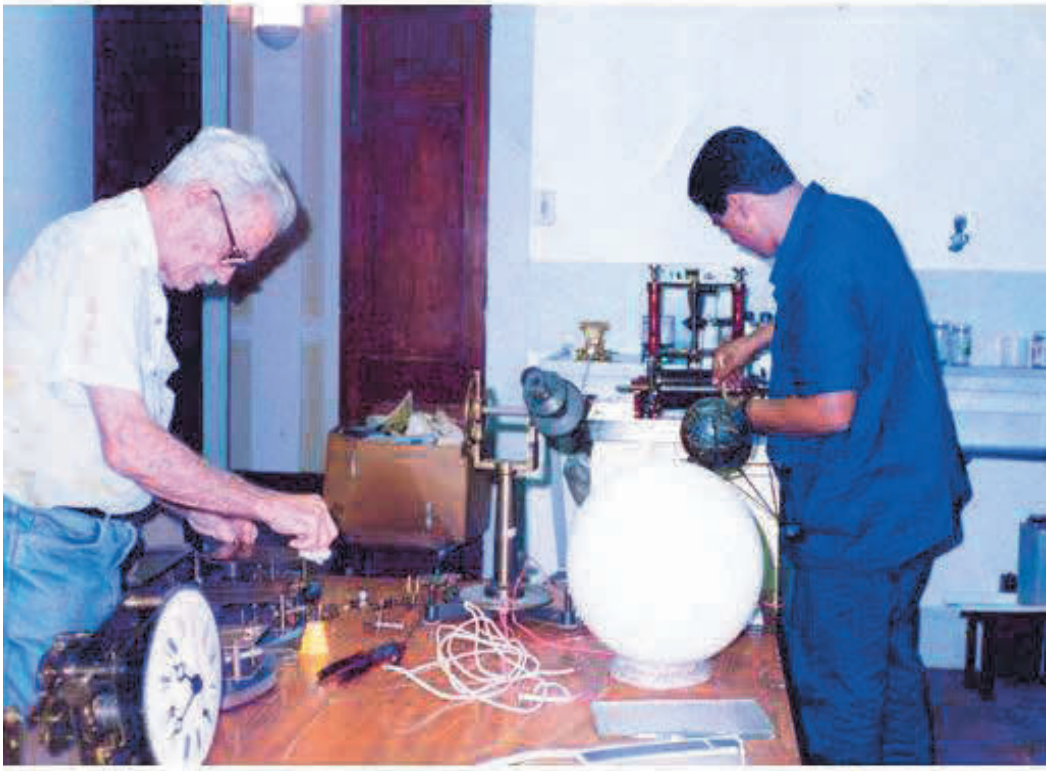


Il.:4 Odílio Ferreira Brandão, Lindolfo de Carvalho Dias - Presidente do CNPq e outro funcionário também do CNPq, durante a homenagem do recebimento da medalha de Honra ao Mérito. Brasília, 15 de desembro de 1994. Foto Acervo MAST/COMUS/NUDCAM E CNPq

5ª PARTE

Por que tudo está voltando a funcionar?

Além de ter sido possível a exposição do acervo, tornou-se possível também a volta do funcionamento da equatorial 21, bem como sua manutenção e de demais instrumentos, inclusive de todo o sistema mecânico de giro das cúpulas e abertura das trapeiras. Isso devido a um funcionário que me acompanhou nos reparos da equatorial 21 ter demonstrado vontade de fazer esse serviço. Sugeri que o mesmo fosse colocado a minha disposição para que eu não morra como o único conhecedor dos instrumentos, conforme dizem. Porém, seu chefe estava impondo embaraços quanto a sua liberação. Afirmei meu descontentamento com a museóloga, indo ela levar o fato ao conhecimento da vice-diretora, que, de imediato, deu ordem para que o mesmo fosse liberado. Como ainda não tinha sido apresentado à vice-diretora, pedi que isso acontecesse para lhe expressar a minha satisfação. Daí para a frente, tudo foi voltando a funcionar como funcionou no meu tempo. Sabendo eu que, ao partir para a eternidade, deixo alguém preparado para, ao menos, impedir que os instrumentos se acabem.



Il.:5 Odílio Ferreira Brandão e Carlos Nascimento - Assist. em C&T do MAST, na sala 9 de restauração do acervo no prédio sede do MAST. [1993-94]. Acervo MAST/COMUS/NUDCAM.

6ª PARTE

Alerta ao MAST

Dirijo um aviso ao MAST sobre o que foi feito no sentido de sanar dificuldades que existiam e que agora, em conseqüência da direção de funcionários desconhecedores dos antecedentes, fizeram com que alguns serviços voltassem novamente a ter a possibilidade de apresentarem os mesmos problemas anteriores, pensando, naturalmente, estarem fazendo o melhor. O primeiro problema refere-se a uma tentativa de quererem arrebentar o revestimento das lajes que cobre as ante-salas das cúpulas das equatorias 21 e 32. Estas se acham revestidas com chumbo em lençol, serviço esse executado por muito bom profissional da oficina de meu tempo e sob minha orientação. Tais coberturas sempre foram como se apresentam, com a finalidade de facilitar o apoio de escadas para possibilitar a manutenção das trapeiras. Houve uma época, que pelo tempo decorrido após a construção sob regime administrativo totalitário, quem mandava na área de obras era um burocrata, ao contrário de antes, que eram supervisionadas pela oficina. Não entendendo o mesmo nada sobre o assunto, recorreu a um engenheiro seu amigo que sugeriu que fossem feitos telhados sobre as lajes, desconhecendo totalmente a razão da não existência dos mesmos. Daí por diante, passou a oficina a ter grandes dificuldades para apoiar escadas sobre telhas. Mas dizia um dos jardineiros do ON que quem manda, manda mesmo que seja errado. O regime totalitário acabou como todos. O chefe da oficina se aposentou forçado pelo regime totalitário, tradicionalmente, sua vaga seria minha, mas também não me deram em razão do regime dominante. O regime caiu em conseqüência de muitas pressões e, então, designaram-me para a chefia da oficina, obedecendo a tradição de antigüidade. Logo que tomei posse, minha primeira providência foi mandar retirar esses telhados, cujas telhas algumas se achavam quebradas e outras corridas, recuperando as lajes, e as forrando com lençol de chumbo, cujas emendas foram feitas em

forma de encaixe e soldadas. Esse serviço, conforme foi dito, foi executado por um dos melhores profissionais da oficina na época. Sobre o lençol de chumbo levou uma camada de cimento para proteção do mesmo contra os impactos. Houve alguém do MAST ter dito haver infiltrações nessas lajes, o que não pude acreditar em razão do que tinha sido feito. Decidi-me dar uma olhada e constatei que tais infiltrações não eram pelas lajes e, sim, por diversas fendas que existiam na platibanda em seu redor, que iam desde o seu respaldo até a laje, pelas quais a água penetrava, entrando na laje por baixo do lençol de chumbo. Comentei esse fato com alguém que muito contribuiu para exposição do acervo, e o mesmo impediu que essa burrice fosse cometida. Se tal acontecesse, iriam arrebentá-la, retirar o chumbo e, simplesmente, revesti-la com o mesmo material que foi revestida a calha de alvenaria, que fizeram quando repararam o telhado da ala direita do prédio, em que foi retirada a original de cobre que nunca deu problemas. Além desse grande erro, todo o serviço foi mal feito, ocasionando uma infiltração que danificou uma das paredes do salão nobre.

Há um outro caso, referente a uma caixa de inspeção de esgoto sanitário do prédio que projetei, em conseqüência da dificuldade que havia de desentupi-lo quando havia obstrução. Essa caixa foi feita para facilitar esse trabalho, possibilitando uma pessoa entrar em seu interior para tal fim. Como foi construída encostada à sarjeta de águas pluviais do prédio, algum leigo, para remediar o serviço mal feito na ladeira, mandou abrir uma passagem dessas águas para o interior da referida caixa. Pelo que conheço, não é permitido que sejam desviadas águas pluviais diretamente para esgotos sanitários. Mandam as normas que se intercalem caixas coletoras sinfonadas, a fim de não escapar mau cheiro e ser evitada a penetração de folhas e outros detritos para o esgoto sanitário, provocando seu entupimento. Pela mesma razão de facilitar o desentupimento constante do esgoto das casas das ladeiras, também nele foi construída uma outra caixa bastante espaçosa. Com as obras realizadas na ladeira, reduziram sua

cubagem interna dificultando tal operação. Considero uma burrice qualquer trabalho transformando para pior o que existe.

Certa ocasião, no ON, me pediram para melhorar o guarnecimento de madeira do pilar da meridiana Bamberg. Esse pedido foi feito pelo chefe do serviço da hora na época. Quando iniciei o trabalho, um candidato a chefe da oficina, possivelmente a título de bajulação, levou ao conhecimento do astrônomo, chefe da divisão a qual era subordinado o chefe do serviço da hora. Esse chefe era considerado uma pessoa muito exigente, mas me tratava muito bem e foi um dos amigos de meu pai, tendo sido também diretor interino. Ele apareceu no pavilhão da Bamberg e me perguntou o que eu estava fazendo. Ao explicar-lhe, me respondeu estar tudo bem e que pensava que algo estava sendo feito para pior. Respeitosamente, respondi-lhe não ter sentido se modificar para pior. Retirou-se satisfeito por tomar conhecimento do que o que estava sendo feito era para melhor. Lembro, ainda, que quem colocou aquela fechadura na porta externa do que chamam sala de cristal deixou em dúvida sua capacidade profissional, ficando a referida sala sem segurança nenhuma em relação a roubos. Nunca se assenta uma fechadura pela parte externa de uma porta porque a deixa com a máxima facilidade de ser aberta. Originalmente, a fechadura se achava no lugar certo, que é a parte interna da porta. Gostaria de saber por que motivo batizaram a tal sala como sala de cristal, se nela nada tem de cristal.

7ª PARTE

Uma lembrança ao ON

Não vejo argumentos que justifiquem o ON ocupar tantos prédios depois que passou para o CNPq. Quando o conheci, dispunha somente do original, onde, atualmente, funciona o MAST. Tenho a impressão de que no velho prédio faziam mais trabalho do que é feito hoje em tantos prédios. Tinham as tábuas de marés, as observações, principalmente, nas meridianas, das quais dependiam a hora certa, tinham as observações das manchas solares, das fotografias, espectroscopia e sismógrafo. Acho não haver motivo para ocupação de tanto espaço que pertence à União e não tem dono específico, limitando com isso o espaço do MAST, cujo acervo está exposto em condições muito compactas.

O MAST nasceu do ON, portanto, é seu filho. É degradante um pai oprimir um filho. Ele já atingiu a maioridade e nada pode ser feito para impedir de viver sua própria vida. Como filho é herdeiro, e como herdeiro não pode ser deserdado, tem direito a uma parte do espaço de seu pai necessário a sua sobrevivência. Quando construiram Brasópolis, disseram ser pelo fato do ON não ter mais condições de fazer pesquisas e, por isso, passaria a ser um departamento de fornecimento de dados. Somente para isso é necessário tanto espaço?

8ª PARTE

Obras realizadas por meu pai no ON

Essas obras foram todas realizadas entre os anos de 1920 e 1930, sendo que a mais importante que conheço foi realizada em 1927. Trata-se da construção do prédio onde funcionava o escritório do Observatório de Vassouras, construído em substituição ao primitivo, que ainda era a velha casa que lá existia em 1913, quando foram construídos os pavilhões dos instrumentos, também por meu pai.

Construiu um pequeno muro na Rua General Bruce, fechando o acesso a uma escada que existe ao lado do local onde um diretor mandou construir uma casa para sua moradia. Essa escada, provavelmente, era de uso dos moradores que habitavam o morro antes da construção do ON.

Construiu aberturas de ventilação no porão do pavilhão do círculo meridiano de Gauthier e colocou grades de ferro nessas aberturas. Antes, esse porão era totalmente fechado.

Fez uma reforma parcial na ex-residência de diretores, na ocasião de ser ocupada por um novo diretor no lugar deixado vago pelo falecimento do anterior.

Fez reforma numa casa de uma cabeça-de-porco, que havia sido parcialmente derrubada pela queda de uma paineira do ON sobre a mesma, quando a estavam cortando.

Fez a abertura de uma vala para assentamento de manilhas, desde o fosso existente no porão do pavilhão do círculo meridiano de Heyde, onde atualmente se encontra a Bamberg, indo até a vertente do morro que dá para o lado da General Bruce, com a finalidade de escoar a água que se depositava nesse fosso proveniente da chuva. Essa vala foi aberta numa rocha de bom

granito, tendo sido necessário o emprego de dinamite, tendo saído grande quantidade de pedras.

Transferiu o mastro da bandeira para onde se acha atualmente. Antes, ficava sobre a cobertura da torre do elevador externo.

Essas foram as obras que me lembro terem sido realizadas por ele no ON, sem contar com as que foram realizadas ainda no Castelo e os pavilhões dos instrumentos do Observatório Magnético de Vassouras, que têm a minha idade.

Esclareço que meu pai nunca foi funcionário do ON, conforme algumas pessoas pensam. Seu contato com o ON foi na qualidade de empreiteiro de obras. O mesmo era construtor estabelecido com oficina de carpintaria em São Cristóvão.

9ª PARTE

O último episódio

Ao ser designado Chefe da Oficina do ON, assumi com a consciência tranqüila de não estar usurpando o direito de ninguém. Dizem que função de chefia é cargo de confiança. Nunca vi isso afirmado em nenhuma lei ou regulamento. No ON, pelo menos, tal coisa não prevalecia. Basta lembrar a briga surgida entre dois astrônomos em que cada qual se julgava com direito à função de diretor, porque cada um se considerava mais antigo que o outro. Essa briga forçou o ministro a designar um diretor estranho aos quadros do ON. Isso aconteceu em conseqüência da briga e não por ser cargo de confiança. Também briguei por essa função porque me considerava menosprezado em ficar sob as ordens de quem tinha menos tempo de serviço e não tinha o mesmo conhecimento que eu. Mas essa era a vontade de um burocrata a quem interessava ter alguém no comando da oficina, que concordasse em colocar os funcionários da mesma a sua disposição, para uso de seus interesses particulares, pretensão essa com a qual eu não concordava. Havia muito o que fazer no ON, não tendo oportunidade para tal atendimento. Tenho a certeza de ter sido convenientemente competente no desempenho de tal função. Basta que se tome conhecimento do que está escrito nestas páginas, onde consta a execução de trabalhos que nenhum outro chefe anterior da oficina realizou. Muita coisa estava abandonada que eu recuperei. Fui chefe por 10 anos consecutivos e, por lei, sou vitalício.

Era chamado de radical, naturalmente, por ser exigente no trabalho e pontualidade daqueles que comigo trabalhavam. Não tinha preferências por quem quer que fosse. Sempre dei valor relativo a cada um. Para ocupar essa função na minha área, se tem de dispor de um pouco de coragem e determinação, por se lidar com pessoas que não aceitam merecimentos desiguais, relativos aos deveres e capacidade profissional, coisa que sempre levei

muito a sério. De três em três meses, chegava às minhas mãos um chamado boletim de merecimento onde havia várias perguntas às quais eu tinha que responder. Eu acho que sempre as procurei responder com justiça, prevalecendo o critério da honra ao mérito, o qual cultuo. Daí surgiram divergências. Para exemplo, transcreverei somente um fato entre os muitos ocorridos. Tratava-se de um funcionário que veio a mim reclamar de eu lhe ter dado menos pontos que a outro, porque se julgava tão bom profissional quanto o outro. Respondi-lhe:

– De fato você é tão bom profissional quanto o outro, mas também é tão bem organizado como ele?

Aí terminou o assunto. Quanto à disciplina, também havia rigor e isso me custou algumas ameaças. Porém, nunca me intimidei. Se tinha de dar parte ao diretor, dava mesmo. Se o funcionário não estava combinando comigo, forçava-o a pedir transferência para outra repartição dizendo-lhe:

– Você não serve para trabalhar comigo.

Quanto ao ponto, tinha quinze minutos de tolerância, se não apareciam dentro desse tempo, o ponto era fechado. Se apresentassem uma justificativa plausível, era permitido que o mesmo assinasse. Essa medida era tomada a fim da chegada fora de hora não se tornar um costume abusivo. Apesar disso, dava-lhes a chance de virem trabalhar aos sábados em pagamento da falta, fazendo um expediente de menos horas. O maior prejudicado era eu, que também tinha que vir à repartição aos sábados, e com freqüência.

Eu não recebia subornos de funcionários, nem os subornava, também não recebia subornos de fornecedores e empreiteiros de obras. Houve um funcionário que certa vez quis presentear-me com uma garrafa de uma bebida que nem tomei conhecimento qual era. Mandei que a levasse de volta na mesma hora. Esse funcionário foi o que mais tarde me acusou ao SNI.

10ª PARTE

Fechando o livro

Terminando essas páginas, transcrevo dois pensamentos encontrados, entre outros, nos guardados de meu pai. O primeiro consta como autor o Padre Antônio Vieira, que diz o seguinte:

"*Ter inimigos parece um gênero de desgraça, mas não os ter é prenúncio de uma desgraça maior*".

O segundo não consta autor e diz:

"*No mais profundo de ti mesmo abre uma campa. Que esteja como esses lugares esquecidos onde nenhum atalho conduz. E aí, no mais profundo silêncio, enterra todo o mal que tiverem feito. O teu coração ficará liberto de um fardo. Reinará nele a paz divina*".

Sou adepto do primeiro, porque, para mim, um inimigo a mais ou a menos não faz diferença. Transcrevo mais um que se encaixa muito bem sobre muitas pessoas que conheço, que diz:

"*O que conta não é dar as marteladas, mas sim saber onde bater com o martelo*".

Assim, encerro essas páginas que foram escritas incentivadas por algumas pessoas. Em princípio, não queria me envolver nessa empreitada, mas acabei concordando por ter chegado à conclusão de deixar registrada para a posteridade alguma coisa do que se realizou e passou nessa vida; se não o fizesse, seria um passado que ficaria eternamente esquecido. Nada é ficção, tudo corresponde à realidade.

Agradeço aos meus incentivadores, assinando a responsabilidade da autoria do que aqui está escrito.

Rio de Janeiro, Maio de 1997.

Odilio Ferreira Brandão

Biografia

Odílio Ferreira Brandão, carioca nasceu em São Cristovão em 16 de novembro de 1913. Formou-se em contabilidade em 1934,por vontade do pai, pela Academia do Comérico, anex aa Faculdade Cândido Mendes.

Porém sua verdadeira vocação, demonstrada desde criança era a mecânica. Não podendo seguir este ofício também não seguiu a contabilidade.

Aos 21 anos ingressou no Observatório Nacional, para exercer a profissão de carpinteiro-marceneiro, odício aprendido na oficina de seu pai.

No Observatório Nacional, apaixounou-se pelos instrumentos, ciente que poderia, em parte, exercer ali sua verdadeira vocação. Tal projeto tornou-se possível, depois de ter sido chefe da oficina de manutenção da i nstituição.

Aposentou-se em 02 de agosto de 1976. Posteriormente começou a trabalhar como colaborador para o Museu de Astronomia a Ciências Afins. A Atual sala doze do Museu, que abriga as antigas pêndulas e relógios recebeu o nome de Sala Odílio Ferreira Brandão em sua homenagem.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-60069-80-4
9 788560 069804